

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: A. J. S. CASACA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: A. Casaca, E. Ferreira, E. Miranda, F. Cordas, F. Mendes, M. Laranjeira, M. Lourinho
Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.
RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00
Assinatura anual 20\$00

ANO XXI

NOVEMBRO DE 1960

N.º 170

SEMANA DE ORAÇÃO

(5 a 12 de Novembro de 1960)

A Semana de Oração tem tido um lugar importante no calendário adventista durante muitos anos. Quanto, muitos de nós, devemos a este período anual de comunicação com Deus! Foi durante uma Semana de Oração, há muitos anos, numa das nossas pequenas escolas do Canadá, que eu passei pela experiência da conversão. Cada vez que este período chega, ano após ano, lembro-me da decisão que tomei para com Deus nesse tempo. Milhares de almas, de todas as idades, são ganhas para o Senhor durante esta Semana que anualmente é posta de parte para a oração. Pode ser para vós a melhor semana de todo o ano.

Muitas definições têm sido dadas à oração. Eu gosto da seguinte: «O abrir de nossos corações ao nosso Pai Celestial, o reconhecimento da nossa inteira dependência, a expressão das nossas necessidades, a homenagem da nossa gratidão de amor — esta é a verdadeira oração». — E. G. White, Signs of the Times, 1 de Julho de 1886.

Assim como a vida do nosso Salvador foi uma vida de contacto com o Pai, assim nós, Seus seguidores nesta geração, devemos ser um povo que fala com Deus. «A Oração não é uma pequena vestimenta de que somos envolvidos quando ainda andávamos ao colo de nossas mães; nem os devidos certos segundos de acções de graças à hora de jantar, mas a obra mais importante dos nossos mais sérios anos». — E. M. Bounds.

Por ser uma parte tão vital da vida cristã, particularmente daqueles que estão próximos do fim da sua vida, é que Pedro escreveu: «E já está próximo o fim de todas as coisas; portanto sede sóbrios e vigiai em oração». 1 Pedro 4:7.

Não é difícil pensar nas coisas por que devemos orar, porque a vida é cheia de problemas que devemos apresentar a Deus. As Escrituras também falam de vários assuntos que devem fazer parte das nossas preces que dirigimos ao nosso Pai Celestial. «Orai, para que não entreis em tentação». (Luc. 22:40). «Orai uns pelos outros, para que sareis». (Tiago 5:16). «Rogai ao Senhor da seara que mande ceifeiros para a sua seara» (Mat. 9:38). «Orai pelos que vos maltratam e vos perseguem» (Mat. 5:44).

Somos também exortados a orar «por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que tenhamos uma vida quieta e sossegada em toda a piedade e honestidade» (1 Tim. 2:1,2). Em breve Jesus virá em glória. Ele aconselha-nos: «Vigiai pois em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão-de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem». (Lus. 21:36).

A Oração não está limitada à casa de Deus; as Escrituras tornam claro que qualquer lugar apropriado para um cristão se encontrar, pode também ser um lugar de oração. «Subiu ao monte para orar à parte» (Mat. 14:23). «Mas tu, quando orares, entra no teu aposento, e, fechando a tua porta, ora a teu Pai» (Mat. 6:6). «Subiu Pedro ao terraço para orar» (Actos 10:9). «Saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgámos ter lugar para a oração» (Actos 16:13). «E, postos de joelhos na praia, orámos» (Actos 21:5). «E Isaac sáira a orar no campo» (Gen. 24:63). «Quero pois que os homens orem em todo o lugar» (1 Tim. 2:8).

De harmonia com esta instrução, oremos em todo o lugar durante esta semana. Possa a comunhão com Deus durante estes poucos dias tornar-se bem marcada nas nossas vidas de maneira que daqui para o futuro sejamos homens e mulheres de oração.

M. V. CAMPBELL
Vice-Presidente da Conferência Geral

(Leitura para Sábado, 5 de Novembro de 1960).

O REPTO DO NOSSO MUNDO

«Vivemos no tempo do fim. Os sinais dos tempos, a cumprirem-se rapidamente, declaram que a vinda de Cristo está próxima, às portas. Os dias em que vivemos são solenes e importantes». — *Testemunhos Selectos*, vol. 3, pág. 280.

«Em sentido especial, foram os Adventistas do Sétimo Dia postos no mundo como atalaias e portadores de luz. A eles foi confiada a última mensagem de advertência a um mundo que perece. Sobre eles incide a maravilhosa luz da Palavra de Deus. Confiou-se-lhes uma obra da mais solene importância: a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. Nenhuma obra há de tão grande importância. Não devem eles permitir que nenhuma outra coisa lhes absorva a atenção». — *Id.* pág. 288.

O tempo, a tarefa e o povo estão aqui grãficamente apresentados. Um povo foi suscitado para este tempo crítico e uma mensagem de suprema importância lhe foi confiada — a proclamação da terceira mensagem angélica a toda a nação, tribo, língua e povo. A urgência da proclamação do evangelho tem sido sempre grande, mas nunca tão grande como hoje. Há perto de dois mil anos que Cristo deu aos Seus seguidores a ordem evangélica: «Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda a criatura». A ordem está ainda em vigor, e hoje é solicitada a igreja de Cristo para uma completa consagração de todas as suas forças e recursos para uma rápida proclamação, a todo o mundo, das boas novas do reino de Deus. É uma tarefa de proporções gigantes. Sob o ponto de vista humano parece impossível poder realizar-se, mas Aquele que o ordenou também prometeu. Ele diz: «Todo o poder me é dado» e «eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos». Não uma vez, mas repetidamente,

Pelo Pastor R. R. FIGUHR

Ele chamou a atenção dos Seus discípulos e do Seu povo para esta incumbência mundial. Ele queria que os Seus seguidores compreendessem claramente a sua responsabilidade.

«Antes de subir aos Céus, Cristo deu aos Seus discípulos a sua comissão. Ele disse-lhes que deviam ser os executores da Sua vontade na qual Ele legava ao mundo o tesouro da vida eterna. Tendes sido as testemunhas da Minha vida de sacrifício em favor do mundo, disse-lhes Ele. Tendes visto a Minha obra a favor de Israel, embora o Meu povo não tenha vindo a Mim, contudo sacerdotes e príncipes têm-Me feito o que quiseram, embora Me tenham rejeitado, ainda terão outra oportunidade para aceitar o Filho de Deus. Tendes visto que todos os que vêm a Mim e confessam os seus pecados são livremente aceitos. O que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora. A vós, Meus discípulos, vos encarrego da mensagem de misericórdia. Tem de ser dada tanto a Judeus como a Gentios, a Israel primeiramente, e depois a todas as nações, línguas e povos. Todos os que crerem serão reunidos numa igreja. A comissão evangélica é a grande instituição missionária do reino de Cristo. Os discípulos devem trabalhar fervorosamente pelas almas, dando a todos o convite de misericórdia. Não devem esperar que o povo venha a eles; devem ir junto do povo com a sua mensagem». *Acts of the Apostles*, págs. 27, 28.

A responsabilidade da igreja, de levar o evangelho a todas as partes do mundo, de modo algum diminuiu. Durante os anos desde que foi pela primeira vez transmitida à igreja a urgência o encargo tem sido grandemente aumentado.

Hoje os habitantes da Terra contam-se por dois bilhões e meio, muitas vezes mais de que quando a comissão evangélica foi primeiramente dada. Agora anualmente quarenta e nove milhões de novos indivíduos aparecem sobre a Terra. Sob o ponto de vista humano, a tarefa de alcançar toda a nação, tribo, língua e povo, com a mensagem da volta breve de nosso Senhor, está-se tornando cada vez mais difícil e aparentemente cada vez mais impossível. Se todos os recursos materiais em homens e dinheiro que possivelmente a igreja pudesse reunir fossem muitas vezes multiplicados, ainda estariam terivelmente longe de poderem terminar rapidamente a obra do evangelho. Também alguma coisa mais é necessária para além dos recursos humanos. Notemos alguns dos problemas que a terminação desta obra defronta.

Há hoje um ressurgimento das religiões não-cristãs, cujos princípios se encontram no passado longínquo da história. Alguns anos atrás, muitas delas pareciam estar adormecidas e inactivas. Hoje, em muitos países, defrontam elas o movimento cristão com hostilidade cada vez maior. Estão fortalecendo a sua posição e declaram em desafio que o cristianismo já teve a sua oportunidade; e que ele falhou em trazer paz e segurança a este atribulado mundo; que agora é a sua vez. Manifestam uma atitude agressiva que temos de reconhecer. Isto tem como resultado, praticamente, fecharem-se as portas de alguns países à entrada do missionário. Onde as portas não estão inteiramente fechadas está-se tornando cada vez mais difícil o levar a cabo a obra evangélica. Ainda noutros países, governos ateus têm subido ao poder com o propósito declarado de extinguir dos corações dos homens o conhecimento de Deus e a crença n'Ele. Nunca antes, tantas nações renunciaram tão aber-

tamente à crença em Deus e procuraram apagar nos corações e consciências dos homens todo o conhecimento do seu Criador.

O mundo está de facto enfrentando uma crise, e numa das proporções sem precedentes. Cada um pode ver a actividade do maligno por toda a parte. Ele está manobrando as suas forças para a última grande crise. As condições do mundo e o rumo que está levando constituem um poderoso desafio a todo o cristão. Todos os professos seguidores de Cristo devem reconhecer que este é o dia da batalha e que são chamados a vir combater valorosamente o combate da fé. Este é o tempo para os soldados de Cristo estarem de pé, revestidos da armadura espiritual de que o apóstolo escreve aos efésios, segurando bem o escudo da fé e manejando destemidamente e eficientemente a espada do Espírito que é a Palavra de Deus.

Mas qual é a resposta geral dos cristãos? O número de membros de igreja em certos países, particularmente na América do Norte, encontra-se num nível muito elevado. Três quintos da população, cento e três milhões, são membros de igreja. Mas o ser-se membro de igreja e a pura religião não são sinónimos. Muitas vezes o ser-se membro é procurado por razões sociais ou interesses de negócios, com membros desgraçadamente ignorantes das Escrituras que devia ser o fundamento da sua fé. Não há muito tempo, o pastor duma igreja popular decidiu pôr à prova a sua congregação sobre o conhecimento das Escrituras e verificou infelizmente a ignorância dos membros sobre os mais simples factos bíblicos. Sòmente uma muito pequena percentagem dos membros se poderia considerar como tendo um bom conhecimento da Bíblia. Esta ignorância da Bíblia não é devida à inacessibilidade da Palavra de Deus. É devida à indiferença para com ela. Todos os anos novos milhões de exemplares de toda a Bíblia, assim como de porções da mesma, são profusamente distribuídas em mais de mil lí-

guas diferentes. Contudo a ignorância do Livro dos livros continua espantosamente grande, mesmo entre o povo cristão.

Um observador das presentes tendências religiosas disse: «Certamente, por todas as provas excepto a da influência, a igreja nunca foi tão forte... O número dos seus membros está aumentando mais rapidamente do que a população. O aumento em riquezas e actividades sociais é ainda mais impressionante. Nunca antes a igreja tem sido mais poderosa materialmente nem menos efectiva espiritualmente». — Henry Steele Commager of Columbia University, *The American Mind*, Quote, 17 de Janeiro de 1960.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia defronta um desafio tal como nunca a igreja de Deus defrontou em nenhuma geração passada. Com evidente hostilidade em tantas áreas do mundo contra tudo que é cristão, com crassa ignorância das Escrituras prevalecendo uma maneira tão geral, com apatia espiritual reinando em grande número dos que se dizem seguidores de Cristo, qual deve ser a nossa atitude? A pergunta do apóstolo Pedro vem a propósito: «Que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade?» 2 Ped. 3:12. Um pouco mais adiante, no versículo 14, ele responde à pergunta: «Procurai que d'Ele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz». Os cristãos nestes tempos críticos têm de ser imaculados e irrepreensíveis. Também têm de ser diligentes, mostrando a mesma consagração que os cristãos primitivos mostraram na causa do seu Senhor. Por onde quer que iam, manifestavam uma pureza e vida imaculada que não sòmente impressionavam como enchiam de admiração os pagãos, entre os quais viviam. Via-se que andavam num plano altamente espiritual, muito acima do mundo. O testemunho das suas vidas era tremendamente efectivo. Devemos ser sinceramente activos, completamente consagrados hoje, para irmos ao encontro do grande desafio da nossa geração. Ao mundo inteiro devemos levar a mensagem

da própria vinda do Senhor e devemos fazê-lo rapidamente. Não devemos olhar para a nossa tarefa com indiferença, nem para a transbordante multiplicação dos milhões de almas da Terra como estando para além da nossa possibilidade de os alcançar com o evangelho. A tarefa não é impossível porquanto Aquele que a ordenou quando o fez declarar pertencer-lhe todo o poder no Céu e na Terra e ser dado para a proclamação das Boas Novas. O que é impossível aos seres humanos é facilmente possível ao nosso Senhor omnipotente.

No princípio da nossa história como povo, aceitámos pela fé o desafio de proclamar em todo o mundo a mensagem que tão claramente é oportuna para agora. Nunca hesitámos na nossa convicção de que é esta a nossa responsabilidade, e que sob a direcção de Deus será cumprida. Desde 1874 que estamos a enviar para as extremidades da Terra uma forte corrente de missionários; também têm sido dados fundos consideráveis. Tem havido muitas indicações encorajadoras das bênçãos sobre estes esforços. Neste momento em que estou escrevendo, acabo de voltar da Divisão do Extremo Oriente. Este grande campo não tem sido o mais fácil em que trabalhamos. Mas desde os primeiros anos em que semeamos com fé colhemos hoje resultados animadores. Como um exemplo — nas Filipinas, a primeira igreja foi organizada apenas com onze membros. Isto foi há menos de cinquenta anos. Todavia durante estes quarenta e nove anos, essa filiação da primeira igreja aumentou seis mil vezes. Que maravilhoso cumprimento! A primeira geração de crentes filipinos desapareceu da cena de acção e outra geração veio. Esta geração de Adventistas está caminhando na tradição dos seus fiéis pais. O Adventismo tornou-se profundamente enraizado nas Filipinas.

Durante a última parte da última grande guerra, *Okinawa* era um nome frequentemente ouvido nas notícias. Ainda não havia aparcido no nosso vocábulo deno-

minacional. Mas em 1950 E. E. Jensen tornou-se o nosso primeiro missionário para essa ilha. Não podendo falar a língua, procurou o auxílio dum jovem universitário estudante que conhecia o inglês e persuadiu-o a traduzi-lo. Por esse jovem começou a trabalhar e a pregar. Assim a nossa obra principiou em Okinawa. Hoje esse jovem é ministro consagrado e os nossos membros andam à volta de 400, tendo começado um trabalho médico prometedor e uma escola de treino missionário em projecto. Como indicação de que o trabalho ali está progredindo direi que 100 dos nossos presentes membros foram ganhos só no ano 1959. As prospectivas são brilhantes para um trabalho florescente nessa ilha.

C. H. Davis, presidente da União Coreana e veterano missionário de muitos anos de serviço no Oriente, relatava recentemente: Durante 1959 tivemos o maior número de baptismos da história da nossa obra na Coreia. Um grupo de 70 foi baptizado em Pusan, 107 de uma vez em Kwangju, 266 numa cerimónia de baptismos em Seoul, e outras cerimónias de 10 a 35 em várias partes do país. O total de baptismos durante 1959 foi de 2211, quase o dobro dos baptismos de 1958, que foi um ano *record*, perfazendo o total de membros de 10.748. Tivemos quase tantos baptismos este ano como era o total de membros em 1951 depois de 47 anos de trabalho. Do total de baptismos na Missão Central este ano, 870 vieram do budismo, culto ancestral e outras formas de idolatria.

«Agora temos 41 581 membros da Escola Sabatina o que representa um ganho sobre 1958 de 18 523 membros, ou seja 80 %. Nos primeiros seis meses de 1959, a União Coreana ganhou mais membros da Escola Sabatina do que o total de membros da Escola Sabatina da União depois de 50 anos de trabalho. Na última assembleia da Conferência Geral o meu relatório apresentava 18 426 membros da Escola Sabatina. O ganho deste ano foi de 18 523, ou seja 97 mais membros do que o total da Escola Sabatina depois

de 55 anos da obra missionária na Coreia».

Que maravilhoso *record* de realização! O Espírito de Deus tem verdadeiramente tocado os corações! Os nossos obreiros na Coreia esperam confiadamente que num futuro muito próximo os membros da sua Escola Sabatina atingirão os 100 000. Na presente proporção crescente isto não virá longe.

Numa praia distante da Coreia, onde vivia, uma irmã leiga fez um fervoroso trabalho missionário. Na impossibilidade de obter um obreiro para vir imediatamente, ela conseguiu que um irmão leigo viesse auxiliá-la. Em breve um grande interesse se desenvolveu e tornou-se imperativo enviar lá um obreiro. Enquanto se faziam os devidos arranjos e preparativos para o esforço, cem pessoas foram baptizadas. Setecentas em breve encontraram-se na Escola Sabatina.

Ao mesmo tempo que vemos na Coreia notáveis manifestações do Espírito, não é só nesse país que se evidenciam tais manifestações. Doutras regiões do mundo chegam relatórios indicando como Deus está trabalhando em muitos corações de maneira admirável.

Na nossa grande base central, América do Norte, também vemos interesses animadores. O ano passado duas somas extraordinárias de dinheiro foram dadas por homens que não são da nossa fé para alargamento da nossa obra médica. Isto significa o fortalecimento da obra na nossa base central de forma a habilitar-nos a estender ainda mais as nossas fronteiras nos campos estrangeiros. Isto é um cumprimento das Escrituras: «As riquezas das nações a ti virão».

Voltamos à pergunta feita pelo apóstolo Pedro: «Que pessoas vos convém ser em santo trato e piedade?». Esta é a pergunta que faríamos em ponderar e responder, cada um por si com toda a sinceridade, durante esta Semana de Oração. Agora não há tempo para indiferenças ou serviço em que não tenhamos o nosso coração, nem para uma mera e formal profissão quando temos uma tão grande religião. A não ser que estejamos solidamente estabelecidos na verdade

de Deus e diáriamente progredindo na vida espiritual, não poderemos por nós mesmos permanecer perante as provas que estão diante de nós, nem poderemos fazer a nossa parte na obra que Deus nos confiou como povo.

Quando Deus pelo Seu Espírito toca os corações e conduz o Seu povo a uma maior actividade, o inimigo redobra os seus esforços para enganar, dividir e desanimar. Quando a igreja do Novo Testamento se levantou para a luta do seu tempo e avançou para proclamar o evangelho, enfrentou a oposição e a perseguição. Muitas vezes dentro da própria igreja se levantam as dificuldades. Uma parte da mensagem de Paulo aos dirigentes efésios era um aviso contra as forças de divisão dentro da igreja: «E que dentre vós mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si». (Act. 20:30). O aumento de perigos desafia a igreja para um aumento de firmeza e constância, especialmente nestes dias em que tudo que pode ser abalado vai ser abalado. O povo de Deus deve ser lealmente unido. Toda a forma de oposição e de influência contrárias deve ser unicamente um desafio para maior devoção e firmeza. O povo de Deus deve permanecer unido, recusando deixar-se desviar da sua grande tarefa por pequenas disputas e questões que só engendram contendas. Os nossos recursos e energias não devem ser dissipados em grupos separados que enfraquecem e minam, mas devem ser conservados para levar a efeito a terminação rápida da grande tarefa que divinamente nos foi confiada.

Esta é uma semana consagrada a procurar Deus por força e poder pessoal a fim de que cada um possa aproximar-se mais do alvo elevado que Deus determinou a cada um individualmente, e que colectivamente, como igreja, possamos ser encontrados a fazer a nossa parte nesta grande e importante hora. «Pelo que, amados, aguardando estas coisas, procurai que d'Ele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz».

(Leitura para Domingo, 6 de Novembro de 1960)

VITÓRIA MEDIANTE A ORAÇÃO

Que é a oração? Ao pensarmos com cuidado, vemos que todas as muitas fases da verdadeira oração estão realmente incluídas numa ideia de comunhão com Deus. E quanto consideramos este assunto mais maravilhosa a ideia se torna.

Há anos eu empregava os capítulos do livro *Aos Pés de Cristo* nas mensagens da Rádio-Difusão. Houve uma resposta maravilhosa da parte do público. Disseram que eram os melhores programas que até ali havíamos dado. Naturalmente porque foi palavra por palavra do Espírito de Profecia. E esse capítulo «O Privilégio da Oração» recebeu a melhor resposta de todas nessa série.

Recentemente tornei a ler este grande capítulo, e quis-me parecer que o verdadeiro ponto principal de todas as boas coisas que tenho lido numa dúzia de outros livros sobre a oração se encontram neste capítulo. Notai precisamente o primeiro parágrafo. O pensamento é: Deus fala-nos pela natureza, pela revelação das Escrituras Sagradas, pela Sua providência, e pela influência do Seu Espírito. Mas isso não basta. Devemos falar com Deus; devemos ter uma comunhão pessoal com Ele. E para o fazer devemos ter alguma coisa que Lhe dizer. Quão verdadeiro, quão razoável, quão Escriturístico é este parágrafo de introdução. Lede todo o capítulo do «Privilégio da Oração». Creio que seria uma grande bênção para todos nós durante esta Semana de Oração.

Seguem depois inesquecíveis palavras que nós todos conhecemos e amamos: «Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo». (pág. 79). É isso que devia ser. Será isso que acontece com as vossas orações, prezado amigo e irmão em Cristo?

O título desta leitura da Semana de Oração é «Vitória pela Oração». Em primeiro lugar, a

vitória na nossa própria vida pessoal. Em segundo lugar, a vitória para a igreja de Deus no seu conflito final. Esta dupla vitória só pode vir pelo poder de Deus. Parece que qualquer pessoa poderá ver isto e acreditá-lo. O que é estranho é que a maior parte dentre nós trabalha segundo uma norma oposta. Apesar de tudo insistimos em actuar como se a nossa vitória e a vitória da igreja de Deus pu-

Pelo Pastor H. M. S. RICHARDS

desse alcançar-se só pelos nossos próprios esforços. Podemos agora mesmo concordar quanto a alcançar um lugar no reino celeste não o podemos conseguir pelo esforço humano. Não é esforçando-nos, lutando, agonizando, sacrificando ou trabalhando demasiadamente que podemos lá chegar. Alguém disse haver dois caminhos para o Céu. Um é o caminho da nossa própria justiça humana e suas realizações; o outro é o caminho da justiça imputada, em que Deus opera por nós o que nós mesmos não podemos fazer. O primeiro caminho é muito solitário, pois ninguém jamais chegou aos Céus, nem jamais chegará, pelos seus próprios esforços. O caminho da justiça imputada é o caminho de todos os salvos, o único caminho que conduz alguém ao Céu. Mas uma coisa é certa — nunca poderemos ter a justiça de Deus a não ser que Lha peçamos. Nunca encontraremos o perdão dos nossos pecados e sermos justificados de todas as coisas; nunca entraremos na experiência da santificação, nem seremos glorificados finalmente na volta do nosso Salvador, se não orarmos. Porque está escrito em palavras claras pelo apóstolo: «Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus O ressuscitou dos

mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação... Porque aquele que invocar o nome do Senhor será salvo». (Rom. 10:10, 13). Eis pois, cada um deve invocar o Senhor — isto é a oração.

O poder de Deus para se viver uma vida cristã aqui, agora, vem pela oração, e somente pela oração. Não lemos nós nos Salmos: «Busquei ao Senhor, e Ele me respondeu: livrou-me de todos os meus temores... Clamou este pobre, e o Senhor o ouviu, e o salvou de todas as suas angústias» (Sal. 34:4,6).

Encontrai-vos cercados de fortes tentações? Ouvi, aqui está a promessa: «Cheguemos pois com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno» (Heb. 4:16). Se caímos, de quem é a falta? Certamente não é de Deus. Ele nos dará graça para ajudarnos em tempo oportuno. Jesus diz-nos que façamos as nossas petições a Deus em Seu nome: «E tudo quanto perdirdes em meu nome Eu farei para que o Pai seja glorificado no Filho» (João 14:13). Naturalmente, isto significa que devemos actualmente dizer: «Por amor de Jesus» ou «Em nome de Jesus», mas significa muito mais do que isso. Orar em nome de Cristo significa orar como estando com Cristo. A nossa mente deve ser a mente de Cristo. Devemos desejar que os nossos desejos actualmente sejam os desejos de Cristo.

Agora, quais são as condições essenciais da oração efectiva? Primeiro que tudo, a fé. «E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis» (Mat. 21:22). Em seguida deve haver a prontidão a servir a Deus. «Os olhos do Senhor estão sobre os justos» lemos em Salmos 34:15, «e os Seus ouvidos atentos ao seu clamor». Se

houver um pecado acariciado na vida, isso impedirá a resposta à oração. «Se eu atender à iniquidade no coração, o Senhor não me ouvirá» (Sal. 66:18).

Uma outra razão da falta de poder na oração consiste em termos desejos profanos, e as nossas orações serem egoístas. «Pedis, e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites» (Tiago 4:3).

Igualmente, a oração efectiva deve ser diligente. Deus «é galardoador dos que O buscam» (Heb. 11:6).

Algumas vezes a oração e os jejuns vão juntos, como lemos em Marcos 9:28,29.

Depois devemos orar segundo a vontade de Deus. «Todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres», foram as palavras de Jesus mesmo quando orou no Getsemane (Mat. 26:39).

Mas há uma coisa que deve acompanhar sempre as nossas orações, e são as acções de graças. «Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com acção de graças» (Fil. 4:6).

A oração não é só um privilégio, mas um dever dado por Deus. Nenhum de nós é desculpado de a não fazer, não importa o que acreditamos, ou onde estejamos, ou que sejamos jovens ou idosos. Se chegamos aos anos de responsabilidade, é nosso dever orar. Deus pede a todos que orem. «Chegai-vos a Deus, e Ele se chegará a vós», lemos em Tiago 4:8. «Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei e abrir-se-vos-á» (Mat. 7:7).

Mais cedo ou mais tarde, todos orarão «Ó tu que ouves as orações; a ti virá toda a carne» (Sal. 65:2). Um dia virá em que será tarde demais, tarde demais para sempre; mas é nosso privilégio, nossa alegria, e nosso dever orar agora.

Possa a nossa resposta ser a de David, que na sua oração a Deus disse: «Quando tu disseste: Buscai o meu rosto; o meu coração te disse a ti: O teu rosto, Senhor, buscarei» (Sal. 27:8). Crente amigo, não diz o seu coração o mesmo

quando lê isto? Não ouve Deus dizer: «Busca a minha face; vem a Mim em oração e vê que bênçãos receberás?».

Se tendes filhos, gostareis de lhes dar boas coisas, não é verdade? Dá-vos prazer dar-lhes presentes. Jesus disse: «Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos Céus, dará bens aos que Lhos pedirem?» (Mat. 7:11). Por que não Lhe pedir?

Ouvi estas maravilhosas palavras de alguém que sabia o que escrevia: «As trevas do maligno envolvem aqueles que negligenciam a oração. As subtis tentações do inimigo os incitam ao pecado; e tudo isso por não fazerem uso do privilégio da oração, que Deus lhes concedeu. Por que deveriam os filhos e filhas de Deus ser tão relutantes em orar, quando a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do Céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da Omnipotência?» — *Aos Pés de Cristo*, págs. 80, 81.

Por que não ler outra vez na grande Bíblia os exemplos da oração? — Moisés, no momento de crise, orava diante de Deus por um povo sem amor, odiento e rebelde. A oração de Moisés era uma oração de abnegação. Renunciava a si mesmo para fazer dele uma grande nação. Ele orava para que o nome de Deus fosse honrado e o povo liberto, e a sua oração foi ouvida (Exo. 32:7-14).

Job foi liberto quando orava por seus amigos (Job 42:10).

Daniel orou e as grandes profecias foram cumpridas e Israel voltou do cativeiro para a Terra Santa.

A hora para a execução do apóstolo Pedro fora determinada, mas a igreja orou durante a noite e ele foi liberto pelas mãos do anjo.

A vida do apóstolo Paulo foi uma oração vivida. Parecia que igrejas surgiam quase por toda a parte em que ele erguia o seu coração a Deus.

Mais tarde na história cristã Jorge Whitefield, o famoso evangelista inglês, orou: «Ó Senhor

dá-me almas, ou toma a minha alma!». Pensai na obra que ele fez!

Henrique Martyn, missionário na Índia, clamou: «Deixai-me aqui ser queimado para Deus!». E ele assim fez.

David Braimerd, missionário dos índios da América do Norte, no século dezoito, orou: «Senhor, a Ti me consagro. Oh, aceita-me, e que eu seja Teu para sempre! Senhor, não desejo mais nada; não desejo mais nada». Sete dias antes de morrer, as últimas palavras no seu diário foram: «Oh vem, Senhor Jesus, vem depressa, Amen».

Algumas horas antes de se apresentar perante a Dieta de Worms, Martinho Lutero orou em grande agonia: «Tu, meu Deus — Tu, Deus — está ao meu lado contra toda a sabedoria e razão do mundo. Oh, fá-lo! Tu tens de o fazer! Está junto mim, Tu verdadeiro, Deus eterno».

João Hunt, missionário nas Ilhas Fiji, onde o canibalismo e o paganismo reinavam nesse tempo, orou no seu leito de morte: «Senhor, salva Fiji, salva Fiji! Salva este povo, Ó Senhor. Tem misericórdia de Fiji. Salva Fiji!».

Todos estes, e dezenas, centenas e milhares de outros, foram homens de oração.

O Movimento Adventista nasceu na oração. Ao entrar o povo de Deus nas cenas finais, deve encontrar-se muito tempo em oração. A oração será o seu refúgio no tempo da tribulação. Defrontando esses dias os nossos corações deveriam estar preparados para as coisas que hão-de vir.

Em *Obreiros Evangélicos*, págs. 251, 252, lemos: «A oração é a respiração da alma. É o segredo do poder espiritual. Nenhum outro meio de graça a pode substituir, nem a saúde da alma pode ser conservada. A oração põe a alma em imediato contacto com a Fonte da vida, e fortalece os nervos e músculos da vida religiosa».

Como poderemos levar luz ao mundo se nós mesmos não temos luz em nossos próprios corações? «É unicamente no altar de Deus que podemos acender nossos cirios com fogo divino. É unicamente a

(Leitura para Segunda-feira, 7 de Novembro de 1960)

Como Vemos, o Tempo Aproxima-se

Pelo Pastor ARTUR S. MAXWELL
Editor dos Signs of the Times

Há dezanove séculos, nos primeiros dias da igreja cristã, os que aceitavam Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador faziam-no com a firme crença que Ele voltaria breve com poder e glória para estabelecer o Seu reino na Terra. Todavia, como o tempo fosse passando, e Ele não aparecia, alguns começaram a alimentar dúvidas, e tornou-se necessário que os dirijentes enviassem mensagens de confiança ao rápido aumento de membros.

Uma tal mensagem encontra-se em Hebreus 10:23-25. «Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu. E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade e às boas obras; não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vêdes que se vai aproximando aquele dia».

Que o escritor tinha em mente a aproximação da segunda vinda de Cristo torna-se claro neste conselho adicional no mesmo capítulo: «Não rejeiteis pois a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de

paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo, e o que há-de vir virá, e não tardará» (vrs. 35-37).

Contudo, apesar destas repetidas afirmações, o Senhor Jesus não voltou. Anos, décadas, séculos passaram, e Ele ainda não veio. Mas a esperança continuou. Mesmo na escuridão da Idade Média ela nunca morreu completamente. Gerações de cristãos esperaram e ansiaram pela Sua vinda, e morreram na bem-aventurada esperança. Gerações de pregadores basearam sermões de encorajamento nestes mesmos versículos do capítulo dez

luz divina que revelará a pequenez, a incompetência das habilidades humanas, e dará uma clara visão da perfeição e pureza de Cristo... É só ao pedirmos em oração fervorosa, que Deus nos assegurará o desejo de nosso coração». — *Obreiros Evangélicos*, pág. 252.

Nunca me canso com a ilustração usada pela irmã White na página 252 de *Obreiros Evangélicos*. É a seguinte: «Os mensageiros de Deus devem demorar-se longamente com Ele, se querem ter êxito em sua obra. Conta-se a história de uma velha senhora de Lancashire, que escutava as razões que seus vizinhos apresentavam para o sucesso de seu ministro. Falavam de seus dotes, de seu estilo de linguagem, de suas maneiras. 'Não. — lhe disse a velha senhora. — eu lhes direi o que é: o vosso homem está muito unido com o Omnipotente'».

Agora que se passa convosco, pregador, ancião, diácono, oficial da igreja ou da Escola Sabatina, monitor, aluno? Que se passa convosco, crente? Estais «ligado com o Omnipotente?». Conheceis real-

mente alguma coisa sobre a oração? Não há nada que a substitua — nem sermões, dons, ofertas, estudo, trabalho, ou lágrimas. A oração é o segredo do poder, e não haverá vitória sem esse poder. «Do local secreto da oração proveio o poder que abalou o mundo na grande Reforma». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 153. Que se passa agora com a obra mundial de Deus? Que se passa com o vosso lar? Com o vosso próprio coração?

E em breve o tempo de tribulação tal como nunca houve, virá sobre nós. É-nos dito que «necessitamos de uma experiência que agora não possuímos e que muitos são demasiado indolentes para obter». — *Idem*, págs. 457, 458. Necessitaremos duma fé que poderá suportar o cansaço, demora, e fome. Será um tempo como o da angústia de Jacob, quando ele prevaleceu porque era perseverante, determinado. «A sua vitória é uma prova do poder da oração importuna. Todos os que lançarem mão das promessas de Deus, como ele o fez, e se forem fervorosos e perseverantes, serão bem sucedidos

como ele o foi. Os que não estão dispostos a negar o eu, a sentir verdadeira agonia perante a face de Deus, a orar longa e fervorosamente rogando-Lhe a bênção, não a obterão». — *Idem*, página 457.

Jesus orava? Ele estava muitas vezes em oração, e algumas vezes passou noites inteiras a orar. A Sua comunhão com o Pai era ininterrupta, e devido a isso a Sua vida foi uma vitória contínua. Não só temos o Seu exemplo e a Sua promessa, mas a glória do Seu sacrifício expiatório na cruz. Ali está o nosso ânimo e a nossa esperança eterna. «Reunamo-nos em volta da cruz. Cristo crucificado, eis o que deve constituir o objecto de nossas meditações. Guardemos a lembrança de todas as graças que recebemos de Deus, e ao compreendermos o grande amor que nos tem, consentiremos em confiar tudo às mãos que por nós foram cravadas na cruz». — *Aos Pés de Cristo*, pág. 89.

E assim com o Seu convite, e seguindo o Seu exemplo, e em Seu nome, oremos!

de Hebreus, exortando as suas congregações a reter «firme a confissão» da sua fé «ainda um pouquinho de tempo». Todos pensaram ver aproximar-se o dia, mas morreram e «não alcançaram a promessa».

Com o alvorecer do século dezanove uma nova onda de interesse na volta de Cristo varreu o mundo. Em 1844 o grande Movimento do Segundo Advento nasceu. Com um fervor sem exemplo os seus fundadores proclamaram a iminência do fim. Eles tinham confiança que viam o dia a aproximar-se; que agora finalmente não haveria mais demora. Não tinha já passado o mais longo tempo profético da Bíblia? Não tinha já chegado a hora do julgamento para toda a humanidade?

Todavia também todos estes morreram. Eles todos. Estão espalhadas no mundo as suas sepulturas. Mesmo o seu dirigente especialmente dotado já morreu há perto de cinquenta anos.

É um pensamento solene, e que formula a mais importante pergunta a todos os Adventistas do Sétimo Dia neste ano do nosso Senhor, 1960.

Estará a presente geração de Adventistas condenada a desaparecer sem ter visto a esperança das esperanças cumprida? Deverá a nossa declaração ardente da Sua iminente volta reduzir-se a uma lamentável desculpa: «O meu Senhor tarde virá?». Devemos nós agora destinar o alargamento das nossas energias e de nossos meios à erecção de maiores e mais dispendiosos edifícios porque já não temos mais uma mensagem profética a proclamar?

A resposta depende da maneira como estamos lendo os sinais dos tempos. Se não vemos nenhum significado especial nos acontecimentos dos nossos dias, então o nosso Adventismo certamente esfriará até ao ponto de se tornar totalmente sem razão de ser. Por outro lado, se nós vemos em volta de nós indicações do próximo fim da história, a nossa confiança e zelo

atingirão alturas inexcusáveis em toda a história da igreja.

Que factos são? Temos nós mais razão de que qualquer outra geração de cristãos para dizer que o dia — o dia grande e maravilhoso — da Sua volta está às portas? Se sim, quão clara é a evidência?

É o que há de mais impressionante. Cinco grandes sinais sobre saiem a todos os outros com poder convincente.

(1) *A cura da chaga mortal.* Em Apocalipse 13:3 lemos: «E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a Terra se maravilhou após a besta». Este simbolismo, que todos conhecemos, refere-se à grande organização político-religiosa que dominou o mundo durante a Idade Média. Foi ferida de morte pela Reforma e subsequentes acontecimentos, culminando com a captura e prisão do papa em 1798. Nesse tempo toda a Europa pensou que com o papa havia morrido o papado. Mas não tinha morrido. Lentamente e seguramente recuperou o seu perdido poder e influência. Hoje reclama a obediência de quase um quinto de toda a população mundial e é o corpo religioso mais vasto na Terra. Nunca foi tão forte em número e prestígio.

Quando o papa João XXIII foi coroado, mais de cinquenta nações enviaram os seus representantes em sua honra. Entre estas nações estavam Itália, Canadá, França, Alemanha Ocidental, Áustria, Suíça, Espanha, Portugal, Bélgica, Inglaterra, Finlândia, Irão, Israel, Jordânia, Libéria, Líbano, Luxemburgo, Mónaco, Holanda, São Marinho, Turquia, Etiópia, a República Árabe-Unida, Japão, Austrália, Filipinas, Ceilão, Coreia, Nova Zelândia, Vietnã do Sul, Índia, Indonésia, e dezasseis países da América Latina. Na verdade todo o mundo se maravilhou após ele.

Este é o desenvolvimento que a profecia localizou entre os últimos

acontecimentos do nosso tempo. Os pioneiros Adventistas do século dezanove esperaram-no e escreveram a seu respeito, mas coube a nós, seus descendentes, ver o seu cumprimento.

(2) *A repetição dos dias de Noé.* Jesus disse: «E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem. Comiam, bebiam, casavam, e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os consumiu a todos». (Luc. 17:26-27).

Esta é uma das mais simples predições de Cristo referente à Sua segunda vinda. Só temos de esperar e vigiar até que vejamos condições no mundo semelhante às que prevaleceram nos dias anteriores ao dilúvio para sabermos precisamente quando o grande acontecimento está perto.

Quais eram as condições no mundo antediluviano? Lemos em Génesis 6:5,11,12: «E viu o Senhor que a maldade do homem se multiplicara sobre a Terra, e que toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente... A Terra porém estava corrompida diante da face de Deus: e encheu-se a Terra de violência. E viu Deus a Terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a Terra».

É verdade que tem havido graus de violência e corrupção em todos os séculos, mas nunca uma impiedade global tal como nos nossos dias. Pior de que tudo é o estabelecimento em cada casa da escola de crime pela libertinagem da mais esplêndida invenção humana. Notai a seguinte citação de *Newsweek*: «Sem dúvida alguma, as ondas de violência pela TV têm ainda de chegar ao seu máximo. Dramas de violência ocupam cinco dos dez mais importantes programas... A cadeia das estações de rádio-televisão está ainda a fazer

passar outras violências, e o flux de violência continua invencível».

Os pioneiros Adventistas estavam perturbados com o mal nos seus dias, mas a nós, seus imediatos descendentes, é revelado todo um mundo abjecto na impiedade de toda a espécie. Para além de toda a dúvida, os dias de Noé estão de novo conosco.

(3) *O temor do futuro.* Jesus disse: «E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na Terra angústia das nações, em perplexidade; o mar e as ondas rugindo; homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do Céu serão abaladas» (Luc. 21:25,26).

O temor do futuro não é por si um sinal. Desde o dia em que Adão e Eva foram expulsos do Jardim do Eden os corações de homens e mulheres têm sido perturbados pelo desconhecido. Cada guerra, cada fome, peste, através de todos os séculos têm trazido terror aos corações das multidões. Para ser um sinal, o temor deve ser invulgar, excepcional, como é sugerido na tradução de Dr. Moffat: «Homens desfalecendo com o pânico e presságios» (1916 edição).

É esta é exactamente a situação que enfrentamos hoje. Homens e mulheres literalmente horrorizados olham para um futuro de terríveis possibilidades de destruição total nesta época nuclear.

É presentemente bem conhecido que todas as principais cidades dos Estados Unidos — ou de qualquer outro país para o efeito — podem ser destruídas dentro de trinta minutos por foguetões gigantes, providos de ogivas de hidrogénio, na posse dum inimigo altamente poderoso. Além disso, cientistas advertiram os governantes das nações que se rebentasse a guerra nuclear incontáveis milhões seriam destruídos, não só pela violenta deslocação do ar e fogo, como também pela radiação mortífera.

Discutindo «a nuvem de temor que presentemente obscurece as esperanças da humanidade», Bernard

Russell escreveu num recente número da *Revista Look*: «Nunca antes...houve uma razão fundamentada por tal temor. Nunca antes um tal sentido de inutilidade ofuscou os ideais da juventude. Nunca antes houve razão para sentir que a raça humana caminha por uma estrada que termina unicamente num precipício sem fundo».

Notai estas palavras: «Nunca antes». Os nossos pais e os nossos avós conheceram temor, mas nunca antes um terror tão horrível se apossou dos corações dos homens como nos nossos dias.

(4) *A chegada do homem ao limiar do espaço.* Este é talvez o desenvolvimento mais espectacular de toda a história. Pela primeira vez, que o homem começou a habitar neste planeta, ele está agora habilitado — ou julga estar — a lançar-se para explorar o universo. Já colocou minúsculos satélites em órbita e enviou um foguetão à lua. Candidatos para a primeira viagem ao espaço estão-se agora treinando. Mas assim como mísseis balísticos intercontinentais podem ser a última arma, também o avião do espaço pode ser a última invenção do homem. Pode muito bem ser que nas vésperas do seu êxito Deus diga, como o disse no tempo da construção da Torre de Babel: «Agora não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos» (Gen. 11:6,7).

Se o homem, pelo seu próprio génio criador, com aparelhos de sua própria invenção pudesse ser bem sucedido em alcançar outros universos e implantar em mundos sem pecado a sua posteridade pecadora, anularia o plano da redenção e escarneceria das mais ricas promessas de Deus aos Seus remidos.

Se o homem, irregenerado e rebelde, pudesse entrar no Céu pelos seus próprios esforços, que possível necessidade ou propósito podia haver para a vinda de Cristo em glória? Onde estaria o privilégio dos santos se os pecadores pudessem ganhar a mesma recompensa sem respeito por Deus ou por Seu evangelho?

Obviamente, Deus não poderia permitir tal ameaça aos Seus planos ou alterar o Seu programa. Ele tem de intervir para o impedir. Ele tem de «descer» como o fez nos dias do passado. E Ele tem de vir breve.

(5) *A proclamação espectacular da última mensagem de Deus.* Jesus disse: «E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14).

Desde que Ele proferiu estas palavras os Seus fiéis seguidores têm procurado cumpri-las. Assim fizeram os fiéis pioneiros Adventistas do século dezanove. E Deus abençoou os seus esforços com certo êxito. Mas hoje qualquer coisa diferente, qualquer coisa de mais maravilhoso, se está passando. Há cinquenta anos a voz dum pregador podia ser ouvida apenas a uma distância de algumas centenas de metros. Agora, com o emprego da rádio, a voz humana pode alcançar 100 milhões ou mais. Por meio da televisão um pregador pode ser visto e ouvido simultaneamente numa multidão de lares. Este é o dedo de Deus. É claramente evidente que Ele pôs a Sua mão para terminar a Sua obra com grande rapidez.

Além disso, é um milagre da mais alta importância que precisamente no tempo indicado pela profecia tenha surgido em todas as nações, tribos, línguas, e povos uma organização de homens e mulheres «que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». Nunca antes em toda a história tantas vozes em tantas línguas proclamaram as novas: «Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque vinda é a hora do Seu juízo» (Apac. 14:6,7).

Que devem significar estes factos?

Assim, irmãos e irmãs, há evidência, abundante evidência, que a volta do Senhor está próxima. É evidência não vista por qualquer

(Leitura para Terça-feira, 8 de Novembro de 1960)

Os Perigos que Ameaçam o Povo Remanescente de Deus

Falando a respeito do discernimento espiritual que os Seus verdadeiros seguidores devem possuir, Jesus declarou: «Bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem» (Mat. 13:16). Com os extraordinários meios de comunicação de hoje, os homens podem ver e ouvir os tremendos acontecimentos que estão cumprindo a profecia bíblica numa maneira que nunca antes se sonhou ser possível.

O impressionante desenrolar dos acontecimentos nas esferas política, social e religiosa da vida moderna, numa forma alarmante, faz-nos lembrar que o povo remanescente de Deus está enfrentando os perigos dos últimos dias. Cientistas, governantes, educadores e pensadores por toda a parte chegaram à horrível conclusão de que a crise de todos os tempos está sobre nós.

Há anos, a mensageira do Senhor, Sr.^a E. G. White, escreveu o seguinte solene aviso:

«Vivemos no tempo do fim. Os sinais dos tempos, a cumprirem-se rapidamente, declaram que a vinda de Cristo está próximo, às portas.

Os dias em que vivemos são solenes e importantes. O Espírito de Deus está, gradual mas seguramente, sendo retirado da Terra. Pragas e juízos estão já caindo sobre os desprezadores da graça de Deus. As calamidades em terra e mar, as condições sociais agitadas, os rumores de guerra, são portentosos. Prenunciam a proximidade de acontecimentos da maior importância.

«As forças do mal estão-se arregimentando e consolidando-se. Elas estão-se robustecendo para a última grande crise. Grandes mudanças estão prestes a operar-se no mundo, e os acontecimentos finais serão rápidos.

«As condições do mundo mostram que estão iminentes tempos angustiosos. Os jornais diários estão repletos de indícios de um terrível conflito em futuro próximo». — *Testemunhos Selectos*, vol. III, pág. 280.

Quais são alguns dos «acontecimentos finais» que estão cheios de tão graves perigos para o povo de Deus que guarda os mandamentos? Quem está por trás destes acontecimentos, e por que estão eles

Pelo Pastor TIAGO E. DYKES

Editor de THE MESSAGE MAGAZINE

movendo-se tão rapidamente sobre nós? Estas perguntas estão respondidas nos seguintes textos das Escrituras.

«E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus de Cristo» (Apoc. 12:17). «O testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia» (Apoc. 19:10, últ. parte). «Ai dos que habitam na terra e no mar; porque o diabo desceu a vós, e tem grande ira, sabendo que já tem pouco tempo» (Apoc. 12:12).

O bendito Senhor não nos deixou em trevas a respeito dos ardis e crueis enganos do maligno. Porque «temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia esclareça, e a estrela da alva apareça em vossos corações» (2 Ped. 1:19). Quais são, especificamente, alguns dos movi-

outra geração. É evidência designada para nos convencer que o *Dia* está próximo.

Mas deve fazer mais do que advertir-nos da brevidade do tempo. Deve mudar toda a nossa vida. Lede outra vez a grande passagem de Hebreus 10: «Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; porque fiel é o que prometeu. E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras: Não deixando a nossa congregação, como é o costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vêdes que se vai aproximando aquele dia».

Notai as cinco sugestões que, para o efeito, segundo o conhecimento da iminência da volta de Cristo, devem exercer sobre nós.

(1) *Retenhamos firmes a nossa esperança.* Não permitir que uma simples dúvida mine a vossa fé. E tanto mais quando virdes que o dia se aproxima. A vossa confiança deve crescer cada vez mais forte na medida em que, cada vez mais maravilhosamente, os sinais prometidos se vão cumprindo.

(2) *Estimulando-nos uns aos outros ao amor.* Jesus disse aos

Seus discípulos: «Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (João 13:35). Esta característica a mais vital da verdadeira igreja deve tornar-se cada vez mais claramente evidente na vida dos crentes à medida que se aproxima a vinda do seu Senhor. Todos nós devemos revelar cada vez mais o amor de Deus em nossas vidas à medida em que vemos o dia a aproximar-se.

(3) *Estimulando-nos uns aos outros às boas obras.* Esta será a consequência inevitável do aumento de amor. Mais amor significará

mentos que o adversário está pondo em acção para apanhar almas? Entre os acontecimentos que se estão desenrolando que mergulharão um mundo desobediente na apostasia final, e conduzindo-o a «um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação, «são os seguintes: o rápido e insidioso aumento do Espiritismo e relacionados «fenómenos psíquicos» baseados na falsa doutrina da imortalidade da alma; a forte reacção contra a nossa liberdade que Deus dá pela promulgação de tão injustas, anti-americanas e oprimíveis leis dominicais. A mornidão e letargia que Satanás emprega para paralisar o povo remanescente de Deus, cegando-o para com a sua nudez espiritual e a máxima necessidade das vestes da justiça de Cristo, são sinais portentosos dos tempos.

Enganos satânicos

«Já no início da história humana, começou Satanás os seus esforços para enganar a nossa raça. Aquele que incitara à rebelião no Céu, desejou levar os habitantes da Terra a unirem-se como ele em luta contra o governo de Deus... Se Satanás se tivesse manifestado no seu verdadeiro carácter, teria sido repellido imediata-

mente, pois Adão e Eva tinham sido advertidos contra este perigoso adversário; ele, porém, operou nas trevas, ocultando o seu propósito, para que mais eficazmente pudesse realizar o seu objectivo». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 391.

Empregando a serpente como seu «médio espírita», Satanás conduziu os nossos primeiros pais à desobediência e pecado. «Então a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal» (Gen. 3:4,5). A grande mentira de Satanás — «Certamente não morrerás» — é a raiz de todo o falso sistema de religião ou filosofia que é construído sobre a falsa doutrina da imortalidade inerente da alma. A promessa do diabo — «sereis como Deus» — projecta o espírito de orgulho e rebelião de Satanás nos desejos humanos. Esta foi a origem da falta de confiança em Deus e provocação nos tempos antediluvianos e também da Torre de Babel. Alguns dos dirigentes e cientistas de hoje que provocam Deus não só estão sondando o espaço exterior com foguetões e mísseis como também se estão esforçando por provar que Deus não tem o domínio do universo, e que não existe.

O Espiritismo — a agradável falsidade de que os mortos não estão realmente mortos mas que podem comunicar com os vivos — está agora preparando o mundo para a obra-prima satânica do engano. As modernas manifestações do espiritismo começaram em 1848, justamente quatro anos depois do relógio profético de Deus ter soado a hora para o surgimento da igreja remanescente. Esta moderna forma do antigo culto da feitiçaria tem-se desenvolvido desde o misterioso código de «pancadas» e «ruídos» ouvidos pelas irmãs Fox em Hydesville, perto de Rochester, Nova Iorque, até que hoje o culto, aceito como uma religião honrosa, está-se espalhando como uma fogueira, contando entre os seus milhões de adeptos muitos notáveis cientistas, industriais, governantes, escritores e artistas.

«Eu vi que as misteriosas pancadas em Nova Iorque e outros lugares», declarou a Sr.^a E. G. White, «era o poder de Satanás, e que tais coisas se tornariam cada vez mais comuns, vestidos duma veste religiosa, de forma a iludir os enganados para uma maior segurança». — *Early Writings*, pág. 43.

Igrejas espiritistas e sociedades ocultas estão-se multiplicando em todos os continentes, especialmente desde as duas guerras mundiais que deixaram milhões de pessoas

mais boas obras. Significará mais atenção para com os famintos, sedentos, estranhos, nús, doentes, presos, necessitados de qualquer situação e espécie. Desta maneira não nos devemos tornar indiferentes e mais indolentes com o passar do tempo, mas cada vez mais zelosos, cada vez mais enérgicos, cada vez mais activos, à medida que vemos o dia a aproximar-se.

(4) *Não deixando a nossa congregação.* A igreja é como uma fogueira de achas em brasa. Separai as achas e o lume apaga-se. Se um crente fica em casa, depois outro e outro, em breve não

haverá nenhuma igreja. Não haverá nenhum lume nem luz. Daí a exortação para se ir à reunião, para o culto em conjunto, oração em conjunto, e tanto mais quando virdes que se vai aproximando aquele dia.

(5) *Admoestando-nos uns aos outros.* Esta é a última e a mais amorosa parte deste conselho inspirado. Cristãos que estão esperando a vinda do Senhor devem ser bondosos, ponderados, e simpáticos uns com os outros. Devem tomar interesse nos problemas dos outros e ter parte em suas dificuldades. Cada vez mais devem irra-

diar o optimismo à medida que virem que se aproxima aquele dia.

Tudo isto se junta a um glorioso desafio para maior consagração — mais oração, mais serviço, mais amor cristão genuíno — mais e cada vez mais quando virdes que se aproxima aquele dia.

E é toda a parte do glorioso plano de Deus para nós tornarmos-nos cada vez mais semelhantes ao nosso Mestre — cada vez mais a espécie de povo que com Ele deseja partilhar o Seu reino eterno — um povo e uma igreja digna do privilégio de viver para sempre com Ele.

enlutadas, sós, e de coração quebrantado como consequência. O espiritismo agarra-se facilmente às pessoas que se encontram no sofrimento e tristeza, oferecendo-lhes um falso conforto, uma mentira, uma ilusão.

Pesquisas em tais fenómenos psíquicos como percepção extra-sensorial mental, telepatia, clarividência, etc. têm-se tornado um importante campo de investigação em que estão empenhados os laboratórios de certas universidades. O hipnotismo antes condenado como «mesmerismo perigoso», é largamente usado em muitos ramos da profissão médica, incluindo a psiquiatria.

«Para muitos, as pesquisas científicas tornaram-se uma desgraça. Deus permitiu que uma inundação de luz fosse derramada sobre o mundo, em descobertas científicas e artísticas; mas mesmo os maiores espíritos, se não forem guiados pela Palavra de Deus nas suas pesquisas, desencaminhar-se-ão nas suas tentativas de investigar as relações entre a ciência e a revelação». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 384.

«Satanás bem sabe que todos quantos ele pode levar a negligenciar a oração e o exame das Escrituras, serão vencidos pelos seus ataques». — *Idem*, pág. 382.

«Muitos serão defrontados por espíritos de demónios personificando parentes ou amigos queridos, e declarando as mais perigosas heresias. Estes visitantes apelarão para os nossos mais ternos sentimentos de simpatia, efectuando prodígios para apoiarem as suas pretensões. Devemos estar preparados para lhes resistir com a verdade bíblica de que os mortos nada sabem, e de que os que desta maneira aparecem são espíritos de demónios». *Idem*, pág. 411.

«Terríveis cenas de carácter sobrenatural então se manifestarão nos céus, como indício do poder dos demónios, operadores de prodígios. Os espíritos diabólicos sairão aos reis da Terra e ao mundo inteiro, para segurá-los no engano, e forçá-los a unirem-se a Satanás na sua última luta contra o governo do Céu... Mas o povo de

Deus não será desencaminhado. Os ensinamentos deste falso Cristo não estão de acordo com as Escrituras...

«E, demais, não será permitido a Satanás contrafazer a maneira do advento de Cristo. O Salvador advertiu o Seu povo contra o engano neste ponto, e predisse claramente o modo da Sua segunda vinda...

«Apenas os que foram diligentes estudantes das Escrituras, e que receberam o amor da verdade, estarão ao abrigo dos poderosos enganos que dominam o mundo. Pelo testemunho da Bíblia estes surpreenderão o engano no seu disfarce. Para todos virá o tempo da prova». — *Idem*. págs. 458, 459.

Grupos opressores

Um outro sinistro movimento que hoje estamos testemunhando é a tendência para a formação na nossa sociedade de vastos grupos opressores — gigantescas organizações operárias fundindo-se na formação de outras ainda maiores; agrupamentos de poderosas influências e acção política exigindo a satisfação rápida das suas pretensões; controle governamental crescente sobre a vida privada dos cidadãos, com a consequente perda da liberdade pessoal; o movimento em marcha da parte das grandes organizações protestantes para um grande concílio ecuménico; o surpreendente ressurgimento do papado nos assuntos mundiais. Observando o desenrolar destes acontecimentos, o Dr. Arnold Toynbee, historiador célebre, disse recentemente: «A aparatosa felicidade ecuménica pode ser o futuro ídolo a ser levantado no lugar do cristianismo posto de parte».

Segundo Apocalipse 13, a estratégia dominante de Satanás é formar uma união político-religiosa universal, uma gigantesca união da igreja e do Estado, a qual fará que «todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas; para que

ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, o nome da besta ou o número do seu nome». (Apoc. 13:16,17).

Mesmo nos Estados democráticos de hoje, a voz do que não pensa da mesma maneira é abafada pela exigência ao conformismo. As subtis leis dominicais que estão sendo aprovadas em vários Estados com aparência americana e cristã estão de facto minando a nossa liberdade religiosa. O Espírito de Profecia predisse o que se está passando diante de nossos olhos.

«Os dignitários da igreja e do Estado uniram-se para subornar, persuadir ou forçar todas as classes a honrar o domingo. A falta de autoridade divina será suprida por legislação opressiva. *A corrupção política está destruindo o amor à justiça e a consideração para com a verdade; e mesmo na livre América do Norte, governadores e legisladores, a fim de conseguir o favor do público, cederão ao pedido popular de uma lei que imponha a observância do domingo.* A liberdade de consciência, obtida a tão elevado preço de sacrifício, não mais será respeitada». — *O Conflito dos Séculos*, pág. 435 (itálico nosso).

A triplice união — Protestantismo apóstata, Romanismo e Espiritismo — cooperarão em anular a lei de Deus e no esforço para destruir o povo remanescente de Deus.

«Quando o protestantismo entender os braços através do abismo, a fim de dar uma mão ao poder romano e outra ao espiritismo, quando por influência dessa triplíce aliança a América do Norte for induzida a repudiar todos os princípios da sua constituição, que fizeram dela um governo protestante e republicano, poderemos saber que é chegado o tempo das operações maravilhosas de Satanás e que o fim está próximo». — *Testemunhos Selectos*, vol. II, pág. 151.

É-nos dito que todos os países do globo seguirão o exemplo dos Estados Unidos em se unirem com

o papado para impelirem os homens a honrar o falso Sábado (Idem, vol. 6, pág. 46). Quando estas coisas acontecerem, o cálix da nação (EU) estará cheio, e a apostasia nacional será seguida pela ruína nacional. Todo o mundo será mergulhado no caos.

A recepção final. Angústia e libertamento

Satanás, tendo arrastado todo o mundo para as fileiras do Espiritismo, aparecerá como um ser de grande esplendor, um benfeitor milagroso da raça humana. Ele apressará o decreto de morte contra todos os que não guardarem o falso Sábado.

«E então o grande enganador persuadirá os homens de que os que servem a Deus estão motivando esses males. A classe que provocou o descontentamento do Céu atribuirá todas as suas inquietações àqueles cuja obediência aos mandamentos de Deus é perpétua reprovação para os transgressores. Declarar-se-á que os homens estão ofendendo a Deus pela violação do descanso dominical; que este pecado acarretou calamidades que não cessarão antes que a observância do domingo seja estritamente imposta; e que os que apresentam os requisitos do quarto mandamento, destruindo assim a reverência pelo domingo, são perturbadores do povo, impedindo a sua restauração ao favor divino e à prosperidade temporal. Assim se repetirá com motivos igualmente bem definidos a acusação feita na antiguidade contra o servo de Deus: 'E sucedeu que vendo Acab a Elias, disse-lhe Acab: És tu o perturbador de Israel? Então disse ele: Eu não tenho perturbado Israel, mas tu e a casa de teu pai, porque deixastes os mandamentos do Senhor, e seguistes a Baalim'. I Reis 18:17,18. Ao despertar-se a ira do povo por meio de falsas acusações, — agirão para com os embaixadores de Deus de modo muito semelhante àquele que o apóstata Israel seguiu com relação a Elias.

O poder operador de milagres manifesto pelo espiritismo, exercerá a sua influência contra os que preferem obedecer a Deus a obedecer aos homens. Comunicações por parte dos espíritos declararão que Deus os enviou para convencer de erro os que rejeitam o domingo, afirmando que as leis do país deveriam ser obedecidas como a lei de Deus. Lamentarão a grande impiedade do mundo, secundando o testemunho dos ensinamentos religiosos de que o estado de aviltamento da moral se deve à profanação do domingo. Grande será a indignação despertada contra todos os que se recusam a aceitar-lhes o testemunho». — *Conflito dos Séculos*, pág. 434.

«O povo de Deus será então imerso naquelas cenas de aflição e angústia descritas pelo profeta como o tempo de angústia de Jacob». — Idem, 453.

«Quando a protecção das leis for retirada dos que honram a lei de Deus, haverá, nos diferentes países, um movimento simultâneo com o fim de os destruir. Aproximando-se o tempo indicado no decreto, o povo conspirará para desarraigá-la odiada seita. Resolver-se-á em uma noite um golpe decisivo, que faça silenciar por completo a voz de dissentimento e reprovação.

«O povo de Deus — alguns nas celas das prisões, outros escondidos nos retiros solitários das florestas e montanhas — pleiteia ainda a protecção divina, enquanto por toda a parte grupos de homens armados, instigados pelas hostes de anjos maus, se estão preparando para a obra de morte. É então, na hora de maior aperto, que o Deus de Israel intervirá para o

livramento dos Seus escolhidos». — Idem, pág. 667.

Triunfo final é assegurado aos que guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus. A grande questão, amados, é: Estais alcançando a vitória dia a dia na batalha contra o pecado, o eu e Satanás? Estou eu? Não precisamos de enfrentar o futuro com qualquer sentimento de pânico ou sentimentos de histeria. Jesus exorta o pequeno rebanho: «Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize». Mas para ser-se perfeitamente honesto, muito poucos entre nós estão prontos a enfrentar os terríveis perigos, as temíveis cenas dos últimos dias. A mensagem do Senhor viu a condição da igreja remanescente e advertiu: «Nem um em vinte dos que têm o seu nome nos registros da igreja está preparado para terminar a sua história terrestre, e pode muito bem estar sem Deus e sem esperança no mundo como qualquer pecador». — *Christian Service*, pág. 41.

A nossa mensagem é de reavivamento e reforma, mas estamos sendo transformados à semelhança de Cristo, pelo poder do Espírito Santo? É já tempo para que o povo remanescente de Deus esteja acordado. O cumprimento das profecias convence-nos que «a noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos de armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glotonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências». (Rom; 13:12-14).

«A oração não faz Deus baixar até nós; mas eleva-nos até Ele.

«... a oração é a chave nas mãos da fé para abrir o celeiro do céu, onde se acham armazenados os ilimitados recursos da onnipotência.»

(Aos pés de Cristo, págs. 78-81)

(Leitura para Quarta-feira, 9 de Novembro de 1960)

A Preparação da Igreja para o Dia do Juízo

Pelo Pastor F. D. NICHOLS

A Bíblia adverte-nos muitas vezes do dia do juízo em que os homens terão de prestar contas dos seus actos praticados no corpo. Para os Adventistas estes avisos têm um poder peculiar e oportuno. Tudo que se tem feito antes é apenas um prelúdio desse grande dia; tudo que se segue depois é medido pelo juízo desse dia. A literatura adventista desde o princípio tem sido cheia deste solene assunto. Quantas vezes os nossos escritos nos descrevem como um «povo ligado ao juízo».

Preparar-nos-emos para o juízo? Então antes de tudo devemos ser honestos connosco mesmos. O diabo está muito ocupado em procurar enganar os próprios eleitos, por que cooperar com ele para nos enganarmos? E que mais podemos fazer para descrever o estado dos que procuram sentir em si mesmos que tudo vai bem com as suas almas porque, por exemplo, podem dizer que são tão bons como o Irmão A ou a irmã B? Se forem insistidos acabarão por admitir que não acreditam que nem A nem B estão preparados para o Céu.

Por que enganar-nos pelo sentimento que pelo facto de pertencermos a um povo que viaja para o Céu, estamos por isso seguros de lá chegar? A honestidade obriga-nos a admitir que muitos que hoje fazem parte do povo cairão pelo caminho. O que equivale a confessar que ser-se hoje membro da igreja não é suficiente em si mesmo para ter a certeza de que se será membro amanhã na companhia dos remidos.

Enganamo-nos numa calma que será fatal porque sabemos que podemos procurar os textos que provam as doutrinas bíblicas? Refletindo, porém, poderemos ver que há uma grande diferença entre fi-

car bem numa prova bíblica e ficar bem na prova do juízo.

Ou será possível que nos sintamos satisfeitos enganando-nos com o pensamento que estamos prontos para o Céu porque somos activos no trabalho da igreja — mesmo dirigindo a obra de caridade de Dorcas? Todavia devemos confessar que sabemos que Cristo advertiu que «muitos» dirão naquele grande dia terem feito «muitas maravilhas» em nome do Senhor, mas Ele declarou: «Nunca vos conheci».

Agora ser-se membro da igreja, estar familiarizado com as Escrituras e fazer obras de caridade é tudo necessário e mesmo imperativo. O mesmo pode ser dito de se frequentar a igreja, e da fidelidade nos dízimos e ofertas. Mas, embora, seja uma ordem de Deus frequentar a igreja, o simples facto de frequentar a igreja não é nenhuma prova de se estar preparado para o Céu. E, embora, o pagamento dos dízimos seja uma ordem divina, os recibos dos dízimos não são os bilhetes que dêem entrada na cidade pelas suas portas de pérolas.

A Bíblia declara: «O homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração». É nisto que se aplica o texto com a sua máxima força. Quando estivermos na presença de Deus no dia do juízo final, a luz resplandecente vinda do trono iluminará as partes mais recônditas das nossas almas. Então, na verdade, teremos completa compreensão de que não há nada secreto que não tenha de ser revelado, e que todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos d'Aquele com quem temos de tratar.

Agora quando os raios X terrenos descobrem a condição interior ameaçadora, o auxílio pode ainda ser possível. Mas quando os raios X divinos do dia do juízo mostrarem a malignidade mortal

dentro da alma humana, será tarde demais para a cirurgia celeste operar. Já terão soado através de todos os vales e por cima de todos os outeiros as palavras irrevogáveis: «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E, eis que cedo venho, e o Meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra». (Apoc. 22:11,12).

Não, naquele grande dia a luz penetrante vinda do trono não terá nenhum poder curativo. Servirá, então, somente para tornar evidente aos olhos das hostes sem pecado que o juízo de Deus é igualmente verdadeiro e justo. É hoje que a luz celeste pode curar assim como revelar as nossas doenças pecaminosas.

O coração humano, porém, está sempre inclinado a ocultar, antes do que expôr à luz curadora de Deus, os defeitos das nossas almas. Se a consciência, perturbada pelo que vê dentro de nós, tumultuosamente clama, quantas vezes procuramos sossegar o tumulto, para a afogar com *alibis* ou desculpas. Parece agirmos inconscientemente, por vezes, como se crêssemos que silenciando as nossas almas alarmadas o anjo relator não estará vigilante perante os nossos maus pensamentos e actos.

Desejamo-nos genuinamente preparar para o grande dia do juízo? Então primeiro devemos fazer isto: Conservar esse grande dia, claramente, em nossas consciências todas as manhãs ao levantarmo-nos, e todas as noites ao deitarmo-nos. Pensemos nele como a Bíblia o descreve, um dia terrivelmente solene de finalidade. Pensar nele como sendo menos do que isso, é enganar-nos a nós mesmos.

Alguém poderá dizer, agora, que uma esperança pessimista nos dará um complexo de culpabilidade. Mas a Bíblia revela-nos que um sentimento de culpa diante de Deus é o que tem levado homens a exclamar: «Que é necessário que eu faça para me salvar? «Um sentimento de culpa, se for possuído à luz do dia do juízo e da presença dum Deus misericordioso que perdoa, pode ser um meio de nos conduzir à vitória sobre pecados habituais que criam o sentimento da culpabilidade».

A grande maioria dentre nós necessita dum vivo sentimento da excessiva gravidade do pecado, e que mesmo um pecado, acariciado profundamente em nós, pode excluir-nos do Céu. Numa era religiosamente marcada pelo virtual desaparecimento dessa poderosa palavra «pecado», necessitamos de disciplinar as nossas mentes diariamente à compreensão de que o pecado é tão real como o é a estricnina, somente infinitamente mais mortífero.

Parecemos estar inclinados desde a nossa mais tenra infância a pensamentos, palavras e acções que são tudo menos celestes. Vivemos num mundo de pecado, pecado suave, sedutor, sofismado; pecado rude, cruel, funesto. As páginas dos diários fornecem plena prova disso.

Pensamos nós que podemos viver confortavelmente, mesmo casualmente, num mundo como este sem correremos o risco grave da contaminação? É o maior risco de todos é que podemos começar a sentirmo-nos bem num tal ambiente, não possuindo mais o sentimento da excessiva gravidade do pecado. É a única maneira de nos conservarmos vigilantes perante o perigo é conservar o mais possível em nossos pensamentos que estamos viajando para o país de santidade, paz e pureza, e que se devemos estar preparados para habitar esse país devemos estar prontos a permanecer diante de Deus no último dia de juízo. Não perdendo nada da visão da gló-

ria celeste e da face de Deus conservar-nos-emos cónscios dos perigos do mundo que nos rodeia e da purificação diária desses pecados que se introduzem em nossos corações.

Temos de começar com os pecados que mais profundamente se escondem em nossos corações. Devemos orar todas as manhãs: «Sejam agradáveis as palavras da minha boca e a meditação do meu coração perante a tua face, Senhor, Rocha minha e Libertador meu». «Expurga-me tu dos que me são ocultos», orava David. «Levando cativo todo o entendimento», é o objectivo proposto. A espécie de pensamentos que alimentamos decidirá finalmente o nosso carácter e o nosso destino. «Da abundância do coração fala a boca». As palavras são somente pensamentos tornados audíveis; acções são somente pensamentos em acção. Poderemos nós estar finalmente diante de Deus sem receio? Então alimentemos somente esses pensamentos que não nos envergonharão de alimentar se estivéssemos realmente perante Deus.

Somos nós de vez em quando atormentados com pensamentos de inveja, ódio, juízos temerários, vaidade, concupiscência — ou qualquer dessas centenas de variações? Quando tais tenebrosos agentes vindos do abismo procuram alojar-se em nossas mentes, abrimos-lhes nós a porta? Ou proibimos a entrada a esses abutres do inferno, com resoluta decisão, fortalecida pelo Espírito Divino? Não podemos impedir-los de voar em nossa direcção. Mas, graças a Deus, não necessitamos de fazer-lhes em nossas mentes os seus ninhos.

Nada afasta mais rapidamente os maus pensamentos que reclamam entrada do que o elevar os nossos corações em cânticos e oração. As asas de melodia santa podem levantar-nos muito acima do nível das malignas criaturas do abismo. Os pensamentos baixos são deixados para trás quando nos levantamos para o Céu com cânticos e oração. Estamos prontos para encontrar o nosso Deus, então lembremo-nos das palavras de

Paulo: «Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à dextra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra» (Col. 3:1,2).

Se hoje em pensamento e espírito moramos no Céu em cima, amanhã estaremos prontos para morar no Céu, mais literalmente. O Adventista que está pronto para a trasladação no grande dia é o que já foi trasladado em pensamento e coração. É esta primeira trasladação que assegura a segunda, a literal, na vinda de Cristo. Agora esta trasladação em «afectos» deve ser realizada diariamente.

Aquele que abandona a fé é muitas vezes descrito como apóstata. É mais exacto dizer dele como tendo caído do Céu à Terra nas suas «afeições». Desde o dia da nossa conversão que há um lugar preparado para nós no Céu — somos instruídos a nos «assentar nos lugares celestes, em Cristo Jesus». Se assim vivermos em alegre companhia com o Senhor hoje, estaremos prontos para O encontrar em paz quando Ele vier.

Se vamos passar a eternidade com o nosso Senhor temos hoje de tomar tempo para sermos santos. Foi dito com razão que «o mundo está demasiadamente conosco». Não podemos construir uma imunidade contra o virus do pecado se alimentarmos as nossas almas com uma dieta espiritual empobrecida. A alma subalimentada é uma vítima fácil das doenças espirituais. Por que presunçosamente pedir a Deus que nos proteja do pecado se deixamos de usar a protecção por Ele já provida?

Qual é o nosso programa espiritual? Seguimos o programa de oração e estudo da Bíblia de manhã e à noite? Tomamos tempo para ler esses comentários inspirados da Bíblia, os escritos do Espírito de Profecia? O Revelador diz-nos que nos últimos dias Satanás descerá com grande ira sabendo que já tem pouco tempo. Mas nesse mesmo tempo quando o remanescente de Deus tiver de

enfrentar a ira do dragão os crentes são providos com «o testemunho de Jesus», «que é o Espírito de Profecia». A instrução inspirada que Deus nos deu procura, antes de mais, proteger-nos das ciladas do Maligno e preparar-nos a permanecer no juízo. Quando Deus é tão bondoso em nos dar tal auxílio para as nossas almas, não deveríamos nós aproveitá-lo para nosso benefício? Pedir a Deus que nos apronte para o grande dia e ao mesmo tempo deixarmos o pó acumular-se sobre a Bíblia e sobre os escritos do Espírito de Profecia é sermos flagrantemente presunçosos.

A Bíblia fala de vigiar em oração. Devemos examinar todo o nosso programa de vida para ver de que maneira esse programa contradiz as nossas orações. Não é suficiente para nós *desejarmos* ir para o Céu — devemos *querer* ir para lá. Devemos pôr a nossa face decididamente voltada para as portas do Céu. Devemos resolutamente determinar que todo o regime da nossa vida esteja enquadrado naquilo que já sabemos ser o nosso dever. Devemos colaborar com Deus para a salvação das nossas almas apropriando-nos dos auxílios da graça que Ele nos proveu. E então podemos efectivamente vir a Ele para fortalecer a nossa vontade em seguir fielmente este programa que sabemos ser recto.

Ninguém chegará ao Céu por acaso. Ninguém viaja por uma estrada acima sem fazer constante esforço. Ninguém jamais ganhou uma batalha pelo simples desejo da vitória. Graças a Deus que *podemos* chegar ao Céu, que *podemos* viajar pela estrada acima, que *podemos* alcançar a vitória. Mas todos podemos ter tudo isto somente se cooperarmos com o nosso Deus. Tomai tempo para ser santos, tomai tempo para ler a Sua santa palavra, e o Espírito de Profecia. Tomai tempo para assistir aos cultos na casa de Deus. Tomai tempo para as actividades espirituais da igreja — nada fortalecerá mais as nossas resoluções para alcançar o Céu do que pro-

curando dirigir os corações dos outros para o Céu.

Mas não devemos, apenas, fazer fielmente certas coisas e ir a certos lugares colaborando com Deus; devemos também resolutamente *evitar* certas coisas. Isso abre diante de nós o assunto de associação e divertimentos. Se nós planearmos verdadeiramente habitar com seres santos no futuro, como podemos prepararmo-nos para uma tal associação celeste mantendo aqui uma íntima ligação constante com aqueles cuja vida inteira na sua maneira de ser é contra o Céu? Na verdade, não podemos afastar-nos de todos os homens mundanos, mas podemos evitar muita associação desnecessária nas nossas horas de ócio. Se desejamos viver na atmosfera celeste futura, devemos viver quanto possível nessa espécie de atmosfera aqui na Terra. Sim, devemos cooperar com Deus para a resposta às nossas orações.

Por que presunçosamente pedir a Deus que nos prepare a entrada no Céu se em seguida descemos à rua para o cinema ou para outros divertimentos do mesmo género? Desejamos realmente escapar ao pecado? Então mantenhamo-nos afastados desses lugares onde os pecadores e anjos maus se sentem à vontade. As trevas do cinema não preparam os nossos olhos para a resplandescente glória da face de Deus. Os sons rouquinhos da cha-

mada música de muitos lugares de divertimento não desenvolvem em nós o gosto da gloriosa música dos coros celestes.

Mas não é só a questão de nossas associações com o mundo que deve merecer a nossa atenção; que dizer da nossa associação com a nossa própria família e com os irmãos crentes? Preparamo-nos para viver com a família feliz de cima, quando mantemos uma convivência santa como famílias aqui na Terra. Desejamos viver com os santos lá no Céu? Então preparemo-nos para a bendita companhia vivendo alegremente com os santos aqui na Terra. Não nos basta afirmar a nossa prontidão para morrer pelo Senhor; devemos estar prontos para viver por Ele entre os nossos irmãos crentes.

A preparação para o juízo, a preparação para o Céu, demanda uma disciplina constante nas nossas vidas, começando com os nossos pensamentos mais íntimos e estendendo-se até aos limites mais afastados da nossa associação com todos os homens que nos rodeiam. Só assim podemos ter a certeza do Céu. «E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador?» Graças a Deus que podemos ser mais que vencedores por Jesus Cristo que nos ama. Podemos, na realidade, estar prontos para o grande dia do juízo.

É coisa maravilhosa podermos orar com eficácia;

é coisa maravilhosa que indignos mortais possuam o poder de apresentar a Deus os seus pedidos!

Que mais alto poder pode o homem desejar do que este — estar ligado a Deus infinito?

O homem fraco e pecador tem o privilégio de falar com o seu Criador. Podemos proferir palavras que cheguem ao trono do Monarca do universo. Podemos falar com Jesus, que nos diz: «Estou à tua mão direita». (Sal. 16:8) — *Obreiros Evang.* pág. 255.

(Leitura para Quinta-feira, 10 de Novembro de 1960)

O AMOR NO LAR

O lar é o centro em torno do qual gira a igreja, a comunidade e a nação. É o cubo e a pira onde estão presos conjuntamente os raios da roda da civilização. O que acontece hoje no lar acontecerá amanhã na igreja. As influências do lar de hoje tornar-se-ão evidentes na votação de leis pelos legisladores de amanhã. É difícil encontrar uma citação mais significativa em qualquer parte do que aquela que lemos em *Patriarcas e Profetas*, «O bem-estar da sociedade, o êxito da igreja, a prosperidade da nação, dependem das influências do lar». Legisladores podem estar muito ocupados noite e dia em votar leis e mais leis. Igrejas podem gastar luz para além da meia noite organizando cada vez mais actividades. A sociedade pode dispendir milhões sobre milhões na construção de novas escolas, mas a não ser que o lar permaneça são, todos os outros esforços são de pouco ou nenhum proveito.

Não é precisa a sabedoria de Salomão ou a visão dum profeta para saber que o lar do século vinte está lutando pela sobrevivência. A não ser que o lar assuma outra vez as responsabilidades dadas por Deus, a igreja pode ter pouca esperança de sobreviver. Não é necessário citar estatísticas sobre o trágico aumento de lares desfeitos. As provas estão em volta de nós. Seguramente, os fundamentos da civilização não só estão muito fendidos como já desmoronando aqui e acolá, e o edifício começa a inclinar-se perigosamente.

Em face destas condições, que podemos nós fazer para conservar os nossos lares cristãos? Muitas sugestões podem ser feitas; talvez algumas fundamentais podem ser todas o que o espaço e o tempo nos permitem. Primeiramente, o lar tem o seu princípio quando duas pessoas se apresentam diante

do altar e se prometem mutuamente amor e lealdade, «até que a morte as separe». «Estabelecer um lar com a crença que é para toda a vida, dar-lhe-á estabilidade. O casamento é «para melhor ou para pior». Há ocasiões em que se torna pior do que se idealizou durante os dias do namoro. A união do homem e da mulher é para se tornarem «mais ricos ou mais pobres», e muitas vezes somos mais pobres. Os laços matrimoniais não devem ser quebrados quando vem

Pelo Pastor R. R. RIETZ

Presidente da Conferência Sul-Californiana

a doença. A Bíblia declara que o matrimónio é uma união para toda a vida (ver Rom. 7:2,3). Não há cláusula para se escapar neste contrato. Porque o casamento é para toda a vida, «tanto o homem como a mulher devem considerar cuidadosamente se podem unir-se um ao outro através das vicissitudes da vida enquanto viverem». — E. G. White, carta 17, 1896.

O casamento é um contrato e mais do que isso. «Se o casamento fosse apenas um contrato, deixaria de estar em vigor para uma das partes se a outra parte cessasse de manter os seus compromissos. Em vez dum contrato será uma prisão; sendo intrinsecamente religioso esse compromisso torna-se um passo crucial na experiência cristã. Fé não é um mero assentimento intelectual, mas o supremo jogo em que arriscamos as nossas vidas com um compromisso convictamente tomado. Crer que a água pode aguentar o nosso peso é uma coisa, mas confiar as nossas vidas à prova é outra. A primeira é a crença, mas a última é o compromisso que é o coração da

fé, e é esta espécie de fé que o casamento exemplifica». — *Common Ventures of Life*, pág. 43, Elton Frueblood. O casamento é mais do que cinquenta por cento duma proposta. É uma união familiar exigindo em tempo de crise, que um ou o outro continue pela vida fora a fim de restabelecer o que foi perdido. Se um ou o outro dos cônjuges estiver disposto a continuar até ao fim, nenhum problema será demasiado grande para ser resolvido.

Nos dias de Cristo, era permitido a um homem despedir sua mulher pela ofensa mais trivial. À mulher era permitido casar novamente. Este mau procedimento ocasionava grande ruína e pecado. Jesus, enquanto esteve na Terra, procurou corrigi-lo. No Sermão da Montanha, declarou claramente e inequivocamente que não podia haver dissolução dos laços matrimoniais excepto por motivo de infidelidade de um dos cônjuges. Um dia os fariseus vieram ter com Cristo, tentando-O, dizendo: «É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?» (Mat. 19:3). Jesus lembrou-lhes que no casamento o homem e a mulher tornaram-se uma carne, e que o que Deus juntou o homem não tem o direito de separar. Os fariseus responderam: «Então por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio, e repudiá-la?» Jesus disse-lhes francamente que Moisés «permitiu» a eles repudiar suas mulheres por causa da «dureza» dos seus corações. No princípio, contudo, não era assim. O divórcio não está no plano do ideal de Deus. Jesus veio restaurar o ideal do casamento. O divórcio deve ser reconhecido como sendo um desrespeito da mais sagrada experiência que podemos fazer na vida. Num lar cristão, marido e mulher estão gozando uma unidade espiritual para a vida.

Contudo, não é suficiente crer-se que o casamento é um longo contrato para a vida. Isto é fundamental, mas mais é necessário num lar cristão. Uma vez o lar estabelecido, devemos então fazer planos para crescermos juntos. Em cada lar cristão deve haver um programa de amadurecimento. Há alguns que determinam permanecer juntos ainda que isso lhes seja «o inferno na Terra». Vivem na mesma casa e sustentam uma contínua guerra civil, e finalmente a morte ou o divórcio vem trazer-lhes o libertamento. Não é o plano de Deus que marido e mulher vivam juntos em briga mas em amor e paz. Num lar cristão marido e mulher, com a ajuda de Deus, crescerão juntos até ao amadurecimento. Os mais felizes lares são aqueles em que mulher e marido reconhecem as fraquezas mútuas e no amor de Cristo procuram ajudarem-se a crescer para um amor mais profundo e mais perfeito para com Deus e de um para com o outro. «O amor que um homem dedica a sua mulher é o prolongamento do seu amor por si-mesmo que a envolve. Ninguém jamais odeia ou negligencia o seu próprio corpo, alimenta-o e cuida dele, e é isso que Jesus faz com o Seu corpo, a igreja; e somos todos membros desse corpo. Somos a Sua carne e o Seu sangue. Por esta causa deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá a sua mulher, e serão dois numa carne». (Efes. 5:22,26,27, tradução Phillips). Uma árvore pode ser plantada em dez minutos, mas são necessários anos de amor e alimento para a fazer crescer. Bastam apenas alguns minutos para se realizar o casamento, mas o seu amadurecimento leva uma vida inteira. Há muitíssimos que, quando as dificuldades surgem no lar, pensam resolver os seus problemas com o divórcio. Todavia, o divórcio resolve muito poucos, se é que resolve algum. O problema da imaturidade não é resolvido recorrendo ao divórcio. Há pessoas que, após o casamento, querem iniciar imediatamente uma escola de reformação. O casamento, contudo, não

é uma escola de reformação. É uma escola em que duas pessoas procuram aprender as lições da vida numa atmosfera de amor e perdão. É uma escola em que dois indivíduos tomam sobre si a tarefa de crescer. Alguém disse: «Eu amo-o não somente pelo que fez por si-mesmo mas também pelo que está fazendo por mim. Amo-o porque pôs a mão sobre o meu coração muito cheio, pondo de parte as asneiras que não pôde deixar de ver nele, e por trazer para a luz todos os belos desejos que ninguém mais procurou bastante tempo para os encontrar. Eu amo-o porque me está ajudando a fazer com o madeiramento da minha vida, não uma taberna mas um templo». — *Great Preaching Today*, pág. 49. Certamente é esta uma simpatia cristã. Se nascemos de novo, permaneceremos juntos e traremos para a luz todos os belos desejos que ninguém mais tomou tempo bastante para ver. Se ambos, marido e mulher, tiverem esta atitude cristã de um para com o outro, o seu lar será um lar feliz.

Esta experiência de crescimento só pode realizar-se numa atmosfera de amor. A segurança financeira pode ser muito importante para os filhos, mas o amor é muito mais do que isso. Os filhos poderão nem sempre compreender os nossos métodos de disciplina mas compreenderão sempre a linguagem do amor. Este amor pode mesmo cobrir alguns dos nossos erros de disciplina. «A religião é amor, e um lar cristão é um lar onde o amor reina e encontra expressão em palavras e actos de bondade ponderada e de cortesia amável. Que nenhuma palavra áspera seja proferida». — *Testimonies*, vol. 5, pág. 335. Ainda mais importante do que a nossa demonstração de amor aos nossos filhos é o que os filhos vêem de amor e afeição entre os pais. Há pais que se divorciariam amanhã mas por causa dos seus filhos permanecem juntos. O valor desta espécie de união é discutível. O permanecer na mesma casa pode prover abrigo e alimento aos filhos, mas os filhos precisam mais do que alimento fi-

sico. Alguns dos mais pobres lares têm produzido os melhores filhos. Porquê? Porque os pais tinham amor um ao outro e isto dava significado e razão de ser à vida. O amor ajuda-nos a apreciar e gozar a vida. O dinheiro dá-nos mais conforto mas não traz necessariamente felicidade. De facto, o amor do dinheiro é a raiz de todos os males. Um certo homem teve êxito em arranjar dinheiro. As suas honras eram ainda superiores. Ele foi eleito governador do seu estado. Um dia confiou a um amigo: «Arranjei todo o dinheiro que quis. Arranjei grande fortuna. Mas também perdi o amor dos meus filhos». O afecto e o amor entre os pais é muito mais importante para os filhos do que riquezas. Uma menina matriculava-se numa escola pela primeira vez e as perguntas usuais foram-lhe feitas: «Como te chamas? Onde moras? Como se chama o teu pai? A menina vacilante respondeu a todas as perguntas com precisão mas quando lhe foi perguntado o nome de baptismo de sua mãe ela hesitou. Finalmente a professora disse-lhe: «Sim, como é que teu pai chama a tua mãe?» A pequenita respondeu: «Não lhe chama nada, ele ama-a». Esta criança viu o que todas as crianças estão habituadas a ver no lar, o amor entre os pais.

«Sob o ponto de vista do mundo, o dinheiro é poder, mas segundo a norma cristã o amor é que é poder. O poder intelectual e espiritual está envolvido neste princípio. O amor puro tem uma eficácia especial de produzir o bem, e somente o bem». — *Adventist Home*, pág. 195.

«Pais, dai aos vossos filhos amor; amor no berço, amor na infância, amor na juventude. Não lhes mostreis rostos carrancudos, mas sempre rostos alegres — *Adventist Home*, pág. 196. Hoje o amor de muitas mães para seus filhos pode ser seriamente comprometido porque passam muito pouco tempo com seus filhos. Não há nada que possa substituir a mãe no lar, especialmente quando os filhos são pequenos. Nem mesmo

um pai que pega no seu filhinho pode substituir a mãe. Uma mãe pode ter um emprego, ganhar um salário para ajudar a equilibrar o orçamento da família, mas isto habitualmente em detrimento dos filhos. Se fosse dado às crianças o privilégio de escolhêr entre uma mãe em casa e mobílias dispendiosas e carros, escolheriam a mãe. Os nossos filhos não deviam ser sacrificados por causa do conforto material da vida. Mães com crianças não têm o direito de se ausentar do lar dia após dia. Pode haver um pouco mais de conforto no lar hoje por causa do salário que a mãe ganha, mas amanhã haverá grande desgosto por terem os filhos seguido um mau caminho devido à vergonhosa negligência da mãe. Eles não tiveram o afecto e o amor da mãe nos anos das suas primeiras impressões e agora é demasiado tarde. Faremos bem em ler novamente a seguinte instrução para as mães: «O Senhor não vos chamou para negligenciar o vosso lar, o vosso esposo, e os vossos filhos. Ele não opera desta maneira; e nunca o fará... Não suponha por um só momento que Deus vos deu um trabalho que necessite da separação do vosso precioso pequeno rebanho... Durante os primeiros anos das suas vidas é o tempo para trabalhar, vigiar, orar e encorajar todas as boas inclinações. Este trabalho deve prosseguir sem interrupção... Muito da má formação do carácter dum criança mal educada jaz à porta da mãe. A mãe não deve aceitar cargos no trabalho da igreja que a obrigue a negligenciar os seus filhinhos. A melhor obra que uma mãe pode empreender é ver que nenhuma malha caia na educação dos seus filhos». — *Adventist Home*, pág. 246.

Este amor, naturalmente, é mais do que um simples sentimento e deve ser manifestado nas nossas relações com os nossos filhos. Deve revelar-se numa bondosa mas firme disciplina. Há pais que confundem amor com indulgência. Isto resulta que as crianças não tenham respeito pela lei nem pela ordem. Salomão emprega palavras de sa-

bedoria quando diz: «A vara e a repreensão dão sabedoria, mas o rapaz entregue a si mesmo envergonha a sua mãe» (Prov. 29:15). Deve haver um contacto positivo em todos os nossos problemas de disciplina. A serva do Senhor diz-nos: «Muitos filhos resurgirão no juízo e condenarão seus pais por não lhes terem postos restrições e os acusarão da sua destruição». — *Testimonies*, vol. 1, pág. 219. Hoje os psicólogos geralmente concordam que ordens arbitrariamente impostas em certas idades pelos pais são necessárias. Lições de autoridade indiscutível são consideradas elementos indispensáveis na criação dos filhos. O amor é bondoso mas também é firme. Tem o melhor interesse dos filhos no coração. O amor corrige porque vê na criança um candidato para a vida eterna.

O lar cristão é onde o amor de Deus abunda entre os pais e entre os pais e seus filhos. Este amor é um poder forte para guardar o lar das forças do mal. No lar cristão pais e filhos terão como norma: «Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensa» (Fil. 4:8). Para ter o lar limpo tem que haver um esforço da parte dos pais. Não há nenhum livro mais efectivo para manter os lares puros do que a Palavra de Deus. «Escondi a Tua Palavra no meu coração, para eu não pecar contra Ti». A Palavra de Deus mantém afastadas a imundície e a impureza. Deus mesmo estabeleceu as relações de família, a Sua Palavra é o único guia seguro para a condução dos filhos. A filosofia humana não descobriu mais do que aquilo que Deus conhece, nem aconselha um plano mais sábio no procedimento para com os filhos do que aquele dado pelo Senhor. Quem melhor pode compreender todas as necessidades dos filhos do que o seu Criador? Quem pode sentir mais profundo interesse na sua felicidade de que Aquele que os comprou com o Seu próprio sangue? Se a Palavra de Deus fosse cuidadosamente es-

tudada e fielmente obedecida, haveria menos angústia íntima com a perversa conduta de maus filhos». — *Adventist Home*, pág. 306.

Hoje o lar encontra-se sob o ataque de forças tremendas do mal vindo do exterior. Pertence a nós a educação dos filhos em nossas casas. Devemos ensinar-lhes o que é recto e o que é falso. Nos dias de Moisés, Deus disse a este grande chefe: «E estas palavras que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão e te serão por testeiros entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas» (Deut. 6:6-9). Era importante nos dias de Moisés ensinar os princípios de justiça, e certamente é mil vezes mais importante hoje. Deve haver ensino constante para o que é bom, puro e santo. O desafio para prepararmos os nossos e escolher o bem é tremendo. Quando os nossos filhos deixam o lar, devem estar preparados para tomarem decisões fundas nos princípios da justiça.

Durante esta semana de oração consagramos mais uma vez as nossas vidas à tarefa de fazer os nossos lares cristãos no verdadeiro sentido da palavra. Necessitamos mais do amor de Deus manifestado entre marido e mulher; necessitamos mais do amor de Deus manifestado a nossos filhos. Deve ser um amor enraizado no amor de Deus, um amor que é amável e contudo firme na sua disciplina; um amor que tenha normas e as mantenha elevadas. Tal amor manterá o lar feliz, limpo e puro.

Possam os nossos lares ser um argumento poderoso nas nossas vizinhanças em favor do cristianismo. «O lar deve ser tudo quanto a palavra indica. Deve ser um pequeno Céu na Terra, um lugar onde as afeições são cultivadas em vez de serem estudiosamente reprimidas. A nossa felicidade depende desta cultura de amor, simpatia e verdadeira cortezia de uns para com os outros». — *Adventist Home*, pág. 15.

(Leitura para Sexta-feira, 11 de Novembro de 1960)

O CHAMADO DE DEUS À JUVENTUDE ADVENTISTA

Pelo Pastor E. L. MINCHIN

Nesta última hora da provação humana, a juventude adventista é o canal pelo qual o poder de Deus é comunicado ao mundo. Por ela uma outra grande obra do Espírito será realizada e milhares se converterão num dia.

Que cada jovem que ouve o chamado de Deus à juventude adventista hoje olhe diligentemente para o seu próprio coração e considere a sua própria relação pessoal com o Senhor Jesus. Tornemos a examinar a nossa posição perante o mundo e a urgência da tarefa que nos foi dada. Perguntemos aos nossos próprios corações: «É esta a última mensagem de Deus para esta geração?». «Cristo o nosso Salvador vai realmente voltar a esta Terra em breve conforme a Sua promessa?». «Os acontecimentos e condições do mundo dizem-nos realmente que esse dia está próximo, mesmo às portas?». «Tenho eu me rendido à vontade de Jesus Cristo de maneira que como Senhor e Mestre tem absoluta autoridade na minha vida?». «Tenho eu me colocado sob a direcção da Sua personalidade poderosa e me tornado Seu escravo e cativo?».

Temos de encarar o problema, prezados jovens. O cristianismo exige que tudo o que somos seja colocado debaixo da soberania de Cristo. Pensemos neste momento seriamente. Muitos falam de «liberdade pessoal». Mulheres gabam-se da sua «nova liberdade». Muito se fala da rebelião da juventude contra a autoridade. Contudo bem do fundo dos nossos corações nós todos somos dominados por qualquer coisa ou por alguém. O homem que sai do trabalho com cara cansada e carrancuda, a mãe fatigada que trabalha incessantemente pela sua pequena prole, o homem no campo de batalha que marcha para a morte, os devotos das modas e prazeres, todos são guiados por qualquer grande impulso ou por qualquer entidade dominadora. Como alguém disse: «Bem fundo

no coração de cada homem, há alguma coisa, que o dirige».

O desafio de Cristo aos Seus discípulos era claro e baseava-se em termos de extrema soberania e domínio. «Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há-de aborrecer um e amar o outro, ou se há-de chegar a um e desprezar o outro. Não pode servir a Deus e a Mammon» (Luc. 16:13).

«Se alguém vier a Mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser Meu discípulo. E qualquer que não levar a sua cruz, e não vier após Mim, não pode ser Meu discípulo» (Luc. 14:26,27).

O grande Apóstolo Paulo colocou-se debaixo do domínio do Senhor Jesus. Ouvi-o como ele exultantemente exclama na sua epístola aos Filipenses: «Para mim o viver é Cristo». Oh que cada jovem adventista pudesse verdadeiramente dizer isso. Ouvi-o ainda quando exterioriza da sua alma pura a grande divisa e propósito da sua vida. Ele voltava a Jerusalém, encarando a prisão e possivelmente a morte, mas intrépido dizia aos anciãos efésios em Mileto: «Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira, e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus» (Actos 20:24).

Esta devia ser certamente a divisa de todo o jovem Adventista do Sétimo Dia: «Em nada tenho a minha vida por preciosa». Devia estar pronto a dizer: «O meu único propósito é servir o meu Senhor e terminar a obra que me deu a fazer. Pela Sua graça e amor estou preparado para privações, sofrimento, e mesmo a morte. A minha vida não é nada desde que o Seu nome seja glorificado». Alguns de nós têm por preciosas as suas vidas. Fazemos planos para nós mesmos. Somos sensíveis e irritáveis

quando contra nós nos fazem alguma coisa. Lede 2 Cor. 11:24,28 como nos podemos assemelhar a Paulo, o grande batalhador por Cristo.

A juventude da primitiva igreja cristã conheceu o domínio de Cristo nas suas vidas. Ouvi a Blandina de quinze anos de idade, uma jovem escrava, do primeiro século da era cristã em França, exclamando aos seus atormentadores: «Eu sou cristã, e nenhum mal fazemos». Depois de ter sido submetida a toda a espécie de tormentos foi finalmente lançada diante dum touro furioso que a atirou ao ar furiosamente. Mesmo então uma espada afiada foi necessária para pôr termo aos últimos sinais de vida. O seu corpo foi reduzido a cinzas e lançado ao Ródano. Oicamos o que Armitage, na sua *História dos Baptistas*, diz desta juventude testemunha de Cristo: «Sòmente um século antes, a primeira jovem escrava fora convertida a Cristo em Filipos, e agora a sua nobre irmã lançava um santo desafio ao império, e serenamente defrontava a morte. A sua alma calma demonstra este grande poder que finalmente os fracos eram dotados com a onipotência do evangelho. O seu espírito intrépido mostrava, pela primeira vez, como Jesus pôde levantar um verme a um império de consciência humana, e pôde reprovar a crueldade com muda eloquência de amor. A mais brilhante página da história de Roma foi escrita nesse dia, nos raios de esperança daquela jovem». — *Youthful Witnesses*, pág. 30.

Desde o tempo de Blandina até aos nossos próprios dias, a juventude cristã tem admirado o mundo e a igreja com o seu testemunho e com a sua lealdade inflexível a Jesus Cristo. Os pioneiros desta mensagem eram jovens, rapazes e meninas, que sabiam o que significava a devoção e sacrifício.

A obra da igreja hoje está sendo levada por diante sobre os pés da sua juventude em todos os países. O espírito de devoção a Cristo e de lealdade à Sua causa é visto nas vidas de milhares de jovens no país e fora do país. Em meios não-adventistas muitos jovens cristãos hoje revelam uma piedade comumente para com Cristo a qual é comparada à dos mártires do passado.

Ouvi a Jim Elliott, um dos cinco mancebos que deram as suas vidas há poucos anos ao tentarem levar Cristo aos traiçoeiros Índios Aucas da América do Sul. Ouvi estas palavras do seu diário de escola: «Não é louco o que dá o que não pode conservar, ganhar o que não pode perder». No livro *The Shadow of the Almighty*, sua mulher revela comoventemente a consagração, a luta espiritual e a devoção pessoal de Jim Elliott para com Cristo conforme foi revelado no seu diário e cartas escritas durante os seus dias escolares. Pode despertar muitos adventistas que estão nas escolas hoje e desafiá-los para uma devoção semelhante.

O que se segue são extractos do seu diário: «Um tesouro, um único parecer, um Senhor da alma».

«Deus, eu te peço, acende varas ociosas da minha vida e que eu possa queimá-las para Ti. Consume a minha vida, meu Deus, porque ela pertence-Te. Eu não procuro uma longa vida, mas uma vida cheia, como Tu, Senhor Jesus».

«Pai, toma a minha vida, sim, o meu sangue se quiseres, e consume-a com o fogo que Te envolve. Eu não procurarei salvá-la, porque não me pertence salvá-la. Recebe-a, Senhor, recebe-a toda. Derrama a minha vida como uma oblação pelo mundo. O sangue só tem valor quando é derramado diante do Teu altar». — *The Shadow of The Almighty*, pág. 247. Poucos anos depois Jim derramará a sua vida como uma oblação pelo mundo.

Sentei-me na casa dum jovem missionário adventista consagrado e de sua esposa igualmente consagrada na Bolívia, América do Sul. Carlos Christensen ao contar-me os sofrimentos e pobreza desses pobres índios em La Paz, disse: — Eu vi lágrimas correrem de seus olhos.

Eu sabia quanto ele os amava e esse era o segredo do seu êxito. Numa carta a sua mãe ele conta as coisas maravilhosas que estavam sucedendo numa certa cidade onde ele com outro evangelista estavam trabalhando. Assim escreve:

«Desde a primeira semana temos apresentado Cristo como única salvação, a Bíblia como única autoridade, e os Dez Mandamentos como a norma pela qual seremos todos julgados. Fomos para o maior teatro da cidade que comporta mil e quatrocentas pessoas incluindo os lugares de pé. As multidões continuam a vir e finalmente temos uma frequência de mil e seiscentas pessoas. Hoje começamos a décima-quarta semana de reuniões. O teatro ainda se enche. Ontem com grande alegria levamos as primeiras vinte e quatro pessoas à água para seguirem o seu Senhor no baptismo. Cento e trinta e cinco preciosas almas estão-se preparando para o baptismo que se realizará antes do fim do ano. Todas as semanas visitamos 1269 ilares. A cidade tem sido agitada pelo poder de Deus. Estamos tão ocupados que não podemos esperar poder visitar todos os interessados, de forma que temos longos períodos de oração duas vezes por dia em favor daqueles que não podemos visitar... Vós dais o vosso dinheiro e nós daremos as nossas vidas, e todas estas preciosas almas serão reunidas. Apresentá-las-ei no Céu».

Sim, este é o espírito da juventude adventista. «Vós dais o vosso dinheiro e nós daremos as nossas vidas». Nestas palavras ouvimos novamente o grande apóstolo Paulo: «Em nada tenho a minha vida por preciosa». Que Deus nos dê muitos milhares de tais Jovens! Este é o espírito que terminará a Sua obra.

Há muitos jovens adventistas em nossas escolas e igrejas que devem seriamente considerar o que Cristo reclama dos seus serviços. Muitos estão fazendo planos para conseguir apenas garantias financeiras e vantagens em algumas situações atraentes sem referência para com o que Cristo reclama de seus serviços e a terminação da obra de Deus na Terra.

«Mestre, sobre a Tua palavra lançarei a rede», foram as palavras de Pedro no Mar da Galileia quando Jesus lhe disse: «Simão, faze-te ao mar alto, e lança as vossas redes para pescar». A palavra «Mestre» aqui usada por Pedro vem da palavra grega *Epista*, que significa superintendente ou senhor no domínio da acção e serviço. Teria Pedro pensado que era loucura lançar de novo a rede quando a havia lançado toda a noite sem apanhar nada? Contudo sobre a palavra de seu Mestre ele obedeceu, e as suas redes rompiam-se.

Há muitos jovens que poderão ter trabalhado toda a noite sem nada apanhar, cuja vida parece fútil e improdutivo, que poderão também ouvir esta voz na tempestade da sua própria vida e Galileia incerta. Cristo deve ser o Mestre do vosso serviço como o foi de Pedro. Ele deve ter completo controle nos vossos planos futuros. Se lançardes as redes no mar alto e obedecerdes à voz de Cristo, fazei-o; apesar de fracassos anteriores, as vossas redes se romperão e uma plenitude de felicidade como nunca conhecestes antes encherá a vossa vida. Cristo deve vir em primeiro lugar na vida de cada verdadeiro crente. Deve estar acima daqueles que a juventude ama. Ele deve estar acima da vossa namorada ou do vosso namorado. Um certo jovem disse a Jesus: «Senhor, deixa que primeiro eu vá a enterrar meu pai», mas Jesus respondeu-lhe: «Segue-Me, e deixa aos mortos sepultar os seus mortos». Cristo deve estar acima dos negócios da juventude. Ele disse a Mateus na alfândega: «Segue-Me», Mateus abandonou os seus livros e seguiu-O. Cristo estava acima das propriedades dum jovem. Ele disse ao mancebo rico: Vai e vende tudo o que tens... e segue-Me».

Que direito tem Jesus para exercer este controle imperialístico sobre as vidas e o serviço dos seus seguidores? Primeiro, porque Lhe pertencemos por direito de criação; segundo, pertencemos-Lhe por direito de redenção. «Não sois de vós mesmos, porque fostes compra-

dos por bom preço». Nenhum jovem que verdadeiramente contemplou a cruz de Cristo e as suas exigências pode realmente libertar-se do direito de Cristo sobre o seu tempo, seus talentos e seu serviço. Quando o mancebo rico pediu a vida eterna, Cristo pediu-lhe o completo controle sobre os seus haveres e disse-lhe: «Segue-Me». Porque ele recusou dar-Lho ele foi separado da companhia dos seguidores de Cristo.

«Não sois de vós mesmos, porque fostes comprados por bom preço». (1 Cor. 6:19, 20). Sois de Cristo, mas Ele possui-vos? Há uma grande diferença. Eu tenho vários livros que não estão no meu poder. Emprésteei-os a certos indivíduos que não mos devolveram. Eles são meus, mas não estão «ao meu serviço». Isto é verdade com muitos cristãos. Eles são de Cristo mas Ele não os possui. Eles não estão «ao Seu serviço». Eles recusam permitir a Cristo intervir nos próprios planos e ambições que lhes são caros. Arreliam-se que qualquer exigência de Cristo venha restringir a sua própria liberdade e desejos egoístas.

Cada jovem deve pensar seriamente no que significa dizer *não* ao chamado de Cristo para o Seu serviço. «Quando Lhe trespassaram as mãos, Ele comprou as nossas para o Seu serviço. Quando Lhe trespassaram os pés, Ele comprou os nossos para correr no desempenho do amor e misericórdia. Quando a Sua frente carregou a coroa de espinhos, Ele comprou as nossas inteligências e o nosso poder mental para a Sua causa. Quando os Seus lábios regelaram na morte, Ele comprou os nossos para cantar, ensinar e testemunhar». — *L. H. Evans, D. D. Sim*, amigos jovens, e quando o Seu coração se quebrou sobre a cruz Ele comprou os vossos para que pudessem ser derramados em oblação pelo mundo.

Não sois de vós mesmos. A realização deste grande facto revolucionaria muitas vidas, dar-lhes-ia um novo centro, um novo objectivo e um incentivo poderoso. Oh, que muitos pais possam por preceito e exemplo manter este grande pro-

pósito diante de seus filhos continuamente.

Há alguns anos li um sermão escrito por esse grande dirigente e missionário, Pastor I. H. Evans, em que ele dizia que quando foi diplomado como jovem no Colégio da União, recebeu um chamado para ir para a China. Escreveu para casa para a sua idosa mãe e disse-lhe que sentia dever ficar na América para cuidar dela. Ele procurava desculpas para não ir. A sua idosa mãe respondeu-lhe, dizendo-lhe que sentiria vergonha de ser mãe dum mancebo que não fosse para qualquer lugar por Cristo. Ele foi, e prestou um serviço longo, frutuoso e de sacrifício por milhões de almas do Extremo Oriente. Necessitamos de mais mães e pais de fé, hoje, que preparem e desafiem os seus filhos para entregarem as suas vidas em serviço de sacrifício.

Quando era rapaz na Austrália minha mãe procurava-me livros que me inspirassem a uma vida de sacrifício. Li as vidas dos grandes missionários enviados para os Mares do Sul, João Williams, João G. Paton e outros. O meu coração juvenil comoveu-se ao ler o sacrifício e entusiasmo piedoso de João G. Paton, que levou consigo a sua jovem esposa para a Ilha de Tanna nas Novas Hébridas para pregar a Cristo aos selvagens da ilha. Havia estado ali ainda pouco tempo quando a sua esposa morreu ao dar à luz uma criança. Dezasete dias mais tarde a criança morreu também. Paton escrevia desta trágica experiência: «Nunca me senti completamente abandonado. O Senhor sempre misericordioso amparou-me, ao colocar o pé precioso dos meus queridos na mesma silenciosa sepultura, cavada para eles junto à exterminidade da casa; em todos estes últimos serviços as minhas próprias mãos, apesar do coração quebrantado, tomaram a parte principal! Construí a sepultura em volta com blocos de coral, e cobri a parte de cima com coral branco, reduzido a areia; e aquele lugar tornou-se o meu altar sagrado muito frequentado durante todos os meses e anos seguintes enquanto trabalhei pela salvação destes sel-

vagens no meio de dificuldades, perigos e mortes. Quando a Terra se voltar para Deus, e for ganha para Cristo muitos no futuro encontrarão a memória deste lugar ainda verde, — onde com orações e lágrimas contínuas eu clamei para que essa terra fosse para Deus na qual eu 'enterrei os meus mortos' com fé e esperança. Mas se não fosse por Jesus e a comunhão que Ele me concedeu ali, eu teria enlouquecido e morrido junto daquela solitária sepultura». — *João G. Paton*, págs. 130, 131.

Quando o mancebo rico foi desafiado por Cristo para o Seu serviço, Cristo pediu-lhe um acto de sacrifício. Desejou que ele empregasse os seus dons para as coisas mais duradoras. Ofereceu-lhe uma vida de abundância e riquezas que ele não havia conhecido. O mancebo retirou-se porque parecia-lhe que o serviço de Cristo lhe traria pobreza. Ele só via o que estava diante dele. Não compreendeu a palavra de Cristo: «Terás um tesouro no Céu».

Hoje muitos cometem o mesmo erro. Estão tão ocupados nos cuidados deste mundo que se esquecem da verdadeira vida. Pode não ser para as missões ou algum lugar distante que Ele vos chama, mas nenhum cristão tem o direito de seguir nenhum chamado a menos que tenha a certeza que foi Deus que o chamou para Si.

Que cada jovem pondere a seguinte declaração inspirada: «Não há limite para a utilidade daquele que põe o eu de lado e deixa o lugar ao Espírito Santo para operar no seu coração e viver uma vida inteiramente consagrada a Deus». — *Ministry of Healing*, pág. 159. Noutras palavras, o Senhor Jesus está dizendo a cada jovem o que Ele disse a Pedro: «Faze-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar».

Jovens, nós nunca verdadeiramente encontramos as nossas vidas sem que primeiro as tenhamos perdido. Entregá-las a Cristo é conservá-las para sempre. Que o Espírito Santo sonde os vossos corações esta Semana de Oração. Lembrai-vos que a religião de Cristo é a religião do coração rendido.

(Leitura para Sábado, 12 de Novembro de 1960)

CONSAGRAÇÃO INDIVIDUAL

Deus escolheu um povo para Si, e deu-lhe o nome de cristão. Este é um nome real, dado àqueles que se unem a Cristo. É deste nome que Tiago fala quando diz: «Porventura não vos oprimem os ricos, e não vos arrastam aos tribunais? Porventura não blasfemam eles o bom nome que sobre vós foi invocado?». E Pedro diz: «Mas, se padece como cristão, antes glori fique a Deus' nesta parte».

Deus espera daqueles que tra zem o nome de Cristo; que O re presentem em pensamento, palavra e acção. Os seus pensamentos de vem ser puros, e as suas palavras e acções nobres e elevadas, condu zindo aqueles que os rodeiam mais perto do Salvador.

Na vida do verdadeiro cristão não há nada do eu. O eu está morto. Não havia nenhum egoísmo na vida que Cristo viveu sobre a Terra. Trazendo consigo a nossa natureza, Ele viveu uma vida inteiramente consagrada ao serviço dos outros.

«Sê pois perfeito» é esta a pa lavra que Deus nos dirige. E para que pudéssemos obedecer a esta palavra, Ele enviou o Seu Unigênito a esta Terra para viver em nosso favor uma vida perfeita. Temos diante de nós o Seu exem plo; e o poder pelo qual Ele viveu está à nossa disposição. Em pen samento, palavras, acção Jesus es tava sem pecado. A perfeição mar cou tudo quanto Ele fez. In dica-nos o caminho que Ele an dou, dizendo: «Se alguém quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-Me».

Num sentido especial os Adventistas do Sétimo Dia foram postos neste mundo como sentinelas e porta-luzes. A eles foi confiada a última mensagem de misericórdia a um mundo que perece. Sobre eles brilha a maravilhosa luz da Pa lavra de Deus. Que espécie de pes soas, então, devemos ser?

Pela Irmã E. G. WHITE

As nossas vidas deviam mostrar um crescimento espiritual inabalá vel. Mas tenho visto o que me tem feito estremecer — homens e mu lheres anões de carácter, possuindo a Palavra de Deus, que lhes diz o que devem fazer a fim de serem salvos, contudo não santificados e impuros. Eles não são beneficiados pelo poder prometido a todo o crente, porque recusam ser como Cristo.

É o propósito de Deus fazer-Se glorificar no Seu povo diante do mundo. Anseia fazê-los canais pelos quais Ele possa derramar o Seu ilimitado amor e misericórdia. Mas somos nós o que Deus de se ja que sejamos? — Não, não so mos. Os membros das nossas igre jas em todos os lugares necessitam examinar-se cuidadosamente, e en tregarem as suas vidas sem reserva a Deus. Necessitam compreender os dons do Céu oferecidos, e ma nifestar em suas vidas o seu amor e gratidão. Se tivessem feito isto, considerariam o tempo demasiado precioso para ser gasto em procurar faltas nos outros e criticismo. Quan do o povo de Deus traz a justiça de Cristo na sua vida diária, pecadores se arrependem e vitórias são ganhas sobre o inimigo.

Levantemo-nos para cooperar com o Senhor, contra as grandes forças das trevas. Satanás está ope rando com intensidade no propósito de escravizar e destruir as almas. Tomemos uma posição firme con tra ele. Todo aquele que for inteiramente consagrado ao serviço de Deus será fortalecido para a batalha. Será fortalecido com «todo o poder». Aquele que sente a sua fraqueza e luta com Deus como fez Jacob, dizendo: «Não Te deixarei ir, se me não aben çoares», sairá com nova unção do

Espírito Santo. A atmosfera do Céu o envolverá. Ele sairá fazendo o bem. A sua influência será uma força positiva da religião de Cristo.

Deus chama porta-luzes, que encham o mundo de luz, paz e alegria que procedem de Cristo. Ele chama homens humildes, ho mens que nutrem o sentimento da sua fraqueza, e se lembram de que o serviço de Deus demanda deles — a propriedade da palavra e acção de Cristo. Tais revelarão nas suas vidas as virtudes do carácter de Cristo.

Há necessidade duma mais pro funda operação da graça nos co rações do povo de Deus. Menos de si mesmo, e mais de Cristo, deve ser visto. Provas, íntimas e amargas, virão a todos. A religião da Bíblia deve ser tecida com tudo o que fazemos e dizemos. Toda a transacção comercial deve ser fragrante com a presença de Deus.

A condição de coisas neste mundo mostra a evidência indis cutível de que o fim de todas as coisas está próximo. Os corações dos homens estão cheios de orgulho e egoísmo. O roubo e o homicí dio são comuns. E o mundo não está sendo avisado como de via. Milhares estão perecendo no pecado, e a última mensagem de misericórdia ainda está para ser proclamada com o poder do Espírito. Quão pouco tem sido feito em comparação com o que deve ser feito! Almas estão pere cendo fora de Cristo. No futuro homens serão levados pelo Espí rito a deixarem os seus empregos, e a entrarem em campos em que a mensagem de aviso nunca foi proclamada. Muitos serão revesti dos com o poder do alto. Estes obreiros trabalharão sàbiamente, não dispendendo os meios extrava gantemente mas estudando como as almas poderão ser trazidas ao conhecimento da verdade. Com este

trabalho homens e mulheres poderão ser trazidos ao conhecimento da verdade.

O tempo é precioso. O destino das almas está na balança. Deus está retendo os Seus juízos, esperando que a mensagem seja proclamada a todos. Há muitos que ainda não ouviram a mensagem da verdade que os põe à prova para este tempo. O último apelo de misericórdia terá de ser proclamado por toda a Terra. Há muito que os anjos celestes esperam por agentes humanos, membros da igreja, que cooperem com eles na grande obra que tem de ser feita. Esperam por vós. Tão vasto é o campo, tão compreensível o propósito, que todo o coração santificado será instado para o serviço como um agente do poder divino.

O caminho da salvação foi traçado por um preço infinito. Terá o grande sacrifício de Cristo sido feito em vão? Será a Terra inteiramente controlada pelas agências satânicas? A salvação de almas está dependente da consagração e actividade dos membros da igreja de Deus. O Senhor chama aqueles que crêem n'Ele para serem obreiros juntamente com Ele. Enquanto as suas vidas durarem não devem sentir que o seu trabalho terminou. Até ao tempo em que Cristo disser: «Está acabado», a obra pela salvação das almas não diminuirá mas crescerá em importância. Mil vezes mais a obra por Deus podia ser realizada se todos os Seus filhos se consagrassem completamente a Ele. Se aproveitassem todas as oportunidades para fazerem o bem, portas se abririam para o seu trabalho diante deles. Seriam chamados a levarem maiores responsabilidades.

A mesma devoção, o mesmo espírito de sacrifício, a mesma sujeição às exigências da Palavra de Deus, que se manifestaram na vida de Cristo, seriam vistas nas vidas dos Seus servos. Ele deixou a Sua casa de segurança e paz, deixou a glória que tinha com o Pai, deixou a Sua posição no trono de Universo. Ele seguia sofrendo, seguia na solidão, para semear com lágrimas, para regar com

o Seu sangue, a semente da vida pelo mundo perdido.

Na mesma maneira os Seus servos devem partir a semear. A mensagem de aviso deve ser levada a todo o mundo. Os nossos livros devem ser publicados em muitas línguas diferentes. Com estes livros, homens humildes e fiéis devem sair como colportores-evangelistas, levando a verdade a muitos que doutro modo nunca seriam esclarecidos. Os que empreenderem estes trabalhos devem ir preparados para fazer a obra missionária médica.

Os doentes e os que sofrem devem ser ajudados. Muitos por quem esta obra de misericórdia fora feita ouvirão e aceitarão as palavras de vida.

Não são obreiros instruídos e eloquentes que são agora necessários, mas homens e mulheres semelhantes a Cristo, que aprenderam de Jesus de Nazaré a ser humildes e mansos, e que, confiando na Sua força, sairão pelos caminhos e valados com o convite: «Vinde, que já tudo está preparado».

Nem todos podem ir como missionários para campos estrangeiros, mas todos podem viver uma vida semelhantes à de Cristo onde quer que se encontrem. Todos podem dar de seus bens para a manutenção de obreiros nos campos estrangeiros. E todos podem empreender a obra da missão interior. Que os pais se não esqueçam do grande campo missionário que está diante deles no lar. Com os filhos que lhes foram confiados, cada mãe tem um encargo sagrado da parte de Deus. «Toma este filho, esta filha», diz Deus, «e educa-os para Mim. Dai-lhes um carácter polido segundo a semelhança dum palácio, para que brilhem nas cortes do Senhor para sempre».

A luz e a glória que brilham do trono de Deus permanecem sobre a mãe fiel à medida que ela procura educar os seus filhos a resistirem à influência do mal.

Membros da igreja, que a vossa luz brilhe. Que as vossas vozes sejam ouvidas em oração humilde, em testemunho contra a intemperança,

as loucuras, e os divertimentos do mundo, e na proclamação da verdade para este tempo. A vossa voz, a vossa influência, o vosso tempo — é tudo dom de Deus, para serem empregados em ganhar almas para Cristo.

Meus irmãos e minhas irmãs, tendes uma voz, tendes dons, tendes capacidades, e o Senhor chama-vos para tornardes conhecida a Sua verdade. Visitai os vossos vizinhos, e mostrai-lhes o vosso interesse na salvação das suas almas. Fazei actuar toda a energia espiritual. Dizei àqueles que visitais que o fim de todas as coisas está próximo. O Senhor Jesus Cristo abrirá a porta dos seus corações, e fará que as impressões recebidas permaneçam em suas mentes.

Lutai por levantar homens e mulheres da sua insensibilidade espiritual. Dizei-lhes como encontrastes Jesus, e quão abençoados tendes sido desde que ganhastes uma experiência no Seu serviço. Dizei-lhes que bênçãos vêm a vós ao assentar-vos aos pés de Jesus, e aprendeis as preciosas lições da Sua palavra. Dizei-lhes que satisfação e alegria há na vida cristã. As vossas palavras quentes e fervorosas convencê-los-ão que tendes encontrado a pérola de grande preço. Que as vossas palavras animadoras e encorajadoras lhes mostrem que tendes certamente encontrado o caminho mais elevado. Este é um trabalho missionário genuíno, e ao ser feito, muitos acordarão como dum sonho.

A comissão evangélica nunca deve perder o seu poder nas mentes do povo de Deus. No meio das trevas do pecado deve brilhar a luz da verdade, para que trevas sejam repelidas. Os que reflectem a luz receberão mais luz para reflectir. Um novo poder será trazido para a igreja.

Que grupos de obreiros cristãos se unam para ajudar os necessitados e proclamar a verdade para este tempo. Ao trabalharem com espírito de sacrifício em favor do próximo, renunciando a tudo aquilo em que até agora encontravam gozo, mas que na realidade não era necessário, serão a mão ajudadora de Deus.

COMUNICAÇÕES PARA AS CRIANÇAS

Deus quer que os seus filhos sejam o povo mais feliz do mundo

Pelo Pastor ERIC B. HARE

Sugestões aos dirigentes

Quanto possível, as Lições Infantis deste ano devem ser preparadas em paralelo com os temas das leituras dos adultos.

Lembrai-vos: As crianças gostam de tomar parte nas reuniões quando o podem fazer sem impedimentos, assim:

1.º Distribuí passagens bíblicas em pequenas folhas de papel previamente preparadas e fazei que as crianças leiam os versículos à medida que forem sendo chamadas.

2.º Se planeais testemunhos, sugeri um ou dois testemunhos escritos no quadro, para serem lidos pelas crianças que se sintam nervosas ou acanhadas.

3. As crianças também podem sentir-se tímidas para orar em público. Muitas delas não aprenderam a orar em casa, assim se planeais que se façam orações, escrevei uma dúzia de diferentes ora-

ções curtas em pequenas folhas de papel. Distribuí-as antes da reunião com a sugestão que sejam guardadas nas suas Bíblias, e lidas quando se fizerem as orações.

Tendo o cuidado que as orações sejam dirigidas ao «Nosso Pai» e terminem «Em Nome de Jesus». Tende também o cuidado de se usar o estilo solene do pronome pessoal para Deus — «Tu, A Ti, Teu» e não o estilo comum «Vós

e Vosso». Admirar-vos-eis ao verificardes que a leitura duma simples oração três ou quatro vezes em público tira o temor e imprime a fraseologia da oração em suas mentes.

Lembrai-vos, dirigentes, que pertence a vós o preparar, a vós o ensinar, mas o poder de aproximar as orações das crianças a Deus, a Ele pertence. Tende o vosso material preparado para cada reunião.

(Leitura para Sábado, 5 de Novembro de 1960)

A Bíblia Faz-nos Felizes

Ao meu dispensário do mato, numa manhã há muitos anos, veio uma velhinha baixinha. Esperou até que todos os doentes tivessem sido atendidos; depois aproximou-se lentamente, mas parecia incapaz de dizer justamente o que queria.

«Tem febre avôzinha?» Perguntei-lhe animosamente.

«Oh, não, não! Não é isso», disse a velhinha.

«Tem os olhos doentes?»

«Oh, não! Não é isso.»

«Ah, sofre de impigens?» Acrescentei, mencionando uma das doenças mais comuns.

Oh, não! Não é isso. Eu estou a morrer de fome, eu vou-lhe contar». Então dominando os seus receios ela contou a sua história.

«O meu filho mais velho foi para Moulmein, e prometeu-me enviar-me algum dinheiro para comprar

O Senhor chama a Seu povo a despertar do sono. O fim de todas as coisas está às portas. Quando os que conhecem a verdade forem obreiros juntamente com Deus, os frutos da justiça aparecerão. Pela revelação do amor de Deus no esforço missionário, muitos acordarão para ver a pecaminosidade da sua própria conduta. Verão que no passado o seu egoísmo os desqualificou para serem obreiros juntamente com Deus. A exibição do amor de Deus visto no ministério de abnegação para com os outros será o meio de conduzir muitas almas a crer na Palavra de Deus tal como é lida.

Deus deseja refrescar o Seu povo

com o dom do Espírito Santo, baptizando-os de novo no Seu amor. Não há necessidade de penúria do Espírito na igreja. Depois da ascensão de Cristo, o Espírito Santo veio sobre os discípulos que criam, oravam e O esperavam com uma plenitude e poder que alcançou todos os corações. No futuro a Terra será iluminada com a glória de Deus. Uma santa influência avançará pelo mundo da parte daqueles que forem santificados pela verdade. A Terra será envolvida por uma atmosfera de graça. O Espírito Santo operará nos corações humanos, tomando as coisas de Deus e mostrando-as aos homens.

A mensagem da salvação não será proclamada somente em alguns lugares, mas por todo o mundo. Os que não conhecem o evangelho encontram-se nas trevas da incredulidade; Não conhecem a Deus. Por que é a igreja tão egoísta, tão fraca? Por que não fazem os membros fervorosos esforços por proclamar a mensagem de misericórdia, para que outros possam conhecer o gozo da salvação por Cristo?

Vós igrejas do Deus vivo, estudaí as promessas do Salvador, e pensai na vossa falta de fé, de espiritualidade, de poder divino, que está impedindo a vinda de Cristo. Se saísseis a fazer a obra

arroz, mas não me mandou nada. Quando na próxima vez for a Moulmein desejo que o procure e diga-lhe que a mãe está a morrer de fome.»

«Encontrou ele trabalho, Avòzinha?» Perguntei-lhe com simpatia.

«Sim Senhor, ele tem um bom trabalho numa serração, e escreveu-me cartas dizendo que recebe bom salário.»

«Mas não envia ele nada nas cartas?» Interrompi.

«Sòmente uns velhos pedaços de papel cheios de dizeres em inglês», respondeu muito zangada. «Mas o Senhor não pode comprar arroz com papelinhos. Tem que ter dinheiro para comprar arroz, e, como eu lhe digo, eu estou a morrer de fome!»

Fiquei imediatamente desconfiado com esses papelinhos e assim disse-lhe: Avòzinha, vá a casa e pegue em todas as suas cartas e esses papelinhos, e traga-mos para eu ver. Desejo vê-los.»

Na manhã seguinte entrou a Avòzinha, ainda triste e desanimada; entregou-me um maço de cartas cuidadosamente embrulhadas numa folha de bananeira e disse: «Aqui estão, veja-as por si mesmo.»

Examinei com cuidado, e cada carta continha um desses papelinhos, mas cada uma era um vale de dez rupias.

«Avòzinha, Avòzinha», disse, ao juntá-los, «cada um destes papelinhos vale dez rupias. Vá já aos Correios, e ponha em cada um a impressão digital e o chefe dos Correios lhe dará dez rupias por cada um.»

Por um momento a Avòzinha ficou muda de admiração, e murmurou: «Posso? Ele paga?» Então apertando o seu tesouro de encontro ao coração, e tremendo nervosa, ela exclamou «E estava eu a morrer de fome! Com toda esta fortuna nas minhas mãos!»

Que Deus abra os nossos olhos hoje para compreendermos que tesouro inestimável temos no precioso Livro de Deus.

Moisés compara-o ao pão: «O homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor viverá o homem» (Ler Deut. 8:3).

Paulo compara-o a uma espada, que nos protege contra os ataques do diabo: «Tomai também o capacete da salvação, e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus» (Ler Efes. 6:17).

Salomão compara-o a um guia, um protector, e a um companheiro: «Filho meu, guarda o mandamento

de teu pai, e não deixes a lei de tua mãe; ata-os perpetuamente ao teu coração, e pendura-os ao teu pescoço. Quando caminhares, isso te guiará; quando te deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo» (Ler Prov. 6:20-22).

David compara-o a uma lâmpada: «Lâmpada para os meus pés é Tua Palavra, e luz para o meu caminho» (Ler Sal. 119:105).

A Senhora E. G. White compara-o a um escudo: «Fé na Palavra de Deus, estudada com oração e aplicada na prática, será o nosso escudo contra o poder de Satanás, e nos fará sair vitoriosos pelo sangue de Cristo» — *Mensagens aos Jovens*, pág. 61.

Devemos lembrar-nos, contudo, que o poder da Bíblia para guiar, para proteger, para confortar e para servir de escudo não pode ficar como um livro na estante, ou em cima da mesa, ou debaixo da almofada. O seu poder manifesta-se sòmente quando lemos as suas preciosas palavras. «As palavras que vos disse são espírito e vida» (Ler João 6:63).

Qual é a primeira promessa da Bíblia? A promessa que um Salvador nasceria, e esmagaria a cabeça da serpente (Ler Gen. 3:15).

Qual é a última oração da Bíblia? «Ora vem, Senhor Jesus» (Ler Apoc. 22:20).

do Senhor, os anjos do Céu iriam diante de vós preparando os corações para receberem o evangelho. Se cada um de nós fosse um missionário genuíno a mensagem para este tempo seria proclamada rapidamente em todas as terras, a todas as nações, povos e línguas. Sois vós individualmente obreiros com Deus? Se não, por que razão?

Os reinos deste mundo se tornarão em breve os reinos do nosso Senhor e do Seu Cristo. «E tocou o sétimo anjo a sua trombeta, e houve no Céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo, e Ele reinará para todo o sempre». Terá de haver uma rá-

pida e triunfante disseminação do evangelho.

«E de repente virá ao Seu templo o Senhor... Mas quem suportará o dia da Sua vinda? e quem subsistirá quando Ele aparecer? porque Ele será como o fogo do ourives e como o sabão dos lavandeiros. E assentar-se-á, afinando e purificando a prata». Em breve cada um será julgado conforme as suas obras.

Meu irmão, minha irmã, eu insisto consigo para que se prepare para a vinda de Cristo nas nuvens dos céus. Dia após dia lançai fora dos vossos corações o amor do mundo. Aprendei por experiência o que significa ter comunhão com

Cristo. Preparai-vos para o juízo, para que quando Cristo vier para ser admirado em todos os que crêem, possais estar entre os que O encontrarão em paz. Naquele dia os remidos brilharão com glória do Pai e do Filho. Os anjos, tocando as suas harpas de ouro, darão as boas-vindas ao Rei e aos Seus troféus da vitória — os que tiverem sido lavados e embranquecidos no sangue do Cordeiro. Um cântico de triunfo soará, enchendo todo o Céu. Cristo venceu. Ele entra nas cortes celestiais acompanhado de Seus remidos, as provas de que a Sua missão de sofrimento e sacrifício não foi em vão». — *RH Nov.* 23, 1905, págs. 15, 16, 17.

Que livro explica o que é o pecado?

Que livro nos diz como podemos ser salvos do pecado?

Que livro nos diz acerca do grande amor de Deus para conosco?

Que livro nos diz que os nossos nomes estão escritos no livro da vida?

Que livro nos dá a esperança que Jesus virá em breve? — *A Bíblia*.

Que disse Jeremias que era a alegria e o júbilo do seu coração? «Achando as Tuas palavras, logo as comi, e a Tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração» (ler Jer. 15:16).

Podeis imaginar uma pessoa com fartura de comida e que nunca se senta para comer?

Que aconteceria a uma tal pessoa?

Já vistes alguém que não tivesse fome? que se sentasse à mesa e não quisesse comer?

Podeis dizer a razão por que não tivesse fome? Talvez tivesse comido rebuçados entre as refeições!

Já vistes algum doente com dores de cabeça e febre sentar-se à mesa e saborear uma boa refeição?

Pensais que um doente que melhorou da dor de cabeça e a febre o deixa, que continuará a passar fome?

Quão facilmente podemos compreender o que significa ter fome, que significa comer e que significa estar doente, e penso que é essa a razão por que Jesus citou as palavras de Moisés: «Não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus» (ler Mat. 4:4). Que é por essa razão que Jesus disse: «Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos» (ler Mat. 5:6).

Se lerdes regularmente a vossa Bíblia todos os dias, ela vos ajudará a ser um crente feliz.

Mas eu sei de alguma coisa que poderá tirar-vos o apetite para a Palavra de Deus. Podeis adivinhar o que é?

O ler jornais humorísticos e romances excitantes.

É verdade. Se lerdes coisas que Satanás quer, soprará em vós o seu bafo venenoso de maneira a não poderdes encontrar gozo na leitura da vossa Bíblia. Mas sinto-me tão feliz em saber que o oposto também é verdade. Se lerdes e tiverdes prazer na leitura regular da Palavra de Deus não tereis prazer nas mundanas leituras cómicas e romances.

A Irmã White disse: «Bem faríamos em limpar a nossa casa de toda a revista de contos, bem como das publicações em que se encontram ridículas gravuras — representações criadas por instrumentos satânicos». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 284.

Ela também diz: «Quanto mais amiúde e mais diligentemente estudardes a Bíblia, tanto mais bela se revelará, e menos sabor encontrareis nas leituras leves. Ligai ao coração esse precioso volume. Ele vos será um amigo e um guia». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 272.

Há anos um velho veio ao meu dispensário sofrendo um agudo ataque de malária. A sua frente revelava febre, a sua língua saburrosa e com dor de cabeça e das costas. Dei-lhe uma garrafa da melhor mistura para malária que eu tenho dado, feita com uma fórmula que nos deu um velho médico do Estado. Dei-lhe instruções claras sobre quando devia tomar o medicamento e a porção a tomar, e assegurei-lhe que se tudo corresse bem, em três dias ele estaria completamente como antes.

Cansado, voltou para casa a cerca de seis quilómetros na selva. Passaram quatro dias, e então o filho mais velho apareceu dizendo: «Pai está muito pior; por favor venha vê-lo».

«Pior?» Perguntei. «Como pode ser isso? Eu dei-lhe o mesmo medicamento que tenho dado a centenas de doentes, sempre com bons resultados».

«Ter-me-ia enganado no medicamento?» disse consigo mesmo, e fui às garrafas que estavam na prateleira. Examinei-as, provei. Não, não havia engano. O que é que se passaria? Assim que terminei os tratamentos da manhã, reuni algu-

mas coisas e parti com o rapaz para ver o seu pai doente.

Estava pior, o pulso estava fraco, a testa ardente e a língua gretada, e disse: «Não posso compreender, Tiozinho. Dei-lhe o melhor remédio que conheço. Já devia encontrar-se melhor. Onde está a garrafa do remédio? Deixe-me ver se me enganei no remédio».

Lentamente ele apontou-me a prateleira por cima da lareira, e balbuciou: «Está na prateleira».

Dirigi-me para a prateleira e, de facto, lá estava a garrafa do remédio, e imediatamente compreendi tudo! O remédio continuava na garrafa!

«Tiozinho», disse-lhe, «Este remédio não é como um encantamento; não tem poder contra a malária enquanto estiver na garrafa e na prateleira. Tem de introduzir o remédio onde a malária está».

Tomei uma colher e dei-lhe uma dose. Animosamente engoliu o remédio e estremeceu todo ele da cabeça aos pés, porque era muito amargo. «Agora», disse-lhe, «tome outra dose como esta à noite, três mais amanhã, e três mais no dia seguinte, e veja depois como se sente».

Ao terceiro dia ele desceu ao dispensário com boa aparência e muito alegre. «Foi um bom remédio. Eu quero tê-lo em casa pronto para futuro ataque».

Dei-lhe o medicamento. E pergunto se nós não somos muitas vezes justamente como o pobre velho da selva. Deus quer que sejamos o povo mais feliz do mundo. Com este propósito Ele deu-nos a Bíblia, um livro que tem poder para vencer o maligno, provê uma luz para nos guiar e palavras com que nos confortamos e nos fortalecemos, mas deixamo-lo em cima da mesa ou na estante e admiramo-nos de sermos fracos e infelizes. Tomemos a decisão de lermos o querido Livro de Deus cada vez mais.

Então a Palavra de Deus será para nós gozo e a alegria dos nossos corações.

ESTE NÚMERO
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

(Leitura para Domingo, 6 de Novembro de 1960)

A ORAÇÃO FAZ-NOS FELIZES

Eu estou tão satisfeito que Jesus mesmo nos tenha ensinado a orar: «Pai nosso que estás nos Céus, santificado seja o Teu nome». Jesus podia ter-nos ensinado a dirigir as nossas orações ao «Rei dos reis», ou ao «Grande Governador do Universo», não o fez porém. Ele ensinou-nos a dizer: «Pai Nosso». Sabeis a razão por que penso que Jesus nos ensinou a orar dessa maneira? Eu penso que foi porque Ele conhecia quão *amedrontados* e *emudecidos* nos encontraríamos diante dum rei, e conhecia *quanto à vontade* nos sentimentos na presença dos nossos pais.

Lede Hebreus 4:16 e achareis que Jesus quer que venhamos «com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno». Ele quer que venhamos timidamente e receosamente quando nos inclinamos diante d'Ele em oração.

Eu sou um pai. Eu sei quão destemidos e com que confiança e persistência as crianças insistem nos seus pedidos. Há muitos anos quando o nosso filho tinha apenas quatro anos de idade, acordou numa manhã às quatro horas, olhou em volta do seu pequeno mundo, depois deslizou para fora do seu berço, passou por cima da mãe e escarranchou-se em cima de mim. Então começou: «Papá, papá, papá!» Não teve resposta.

«Filho, filho», murmurei. «É cedo demais para falar, deixa-me dormir um pouco mais». Voltei-me para o outro lado, mas ele fez o mesmo, e começou novamente a puxar-me o nariz e a abrir-me os olhos. «Papá, papá, papá!»

Com sonolência acordei e perguntei: «Que tens?»

«Tu és meu paizinho, não és papá?»

«Com certeza que sou o teu paizinho, mas é muito cedo para ...»

«Mas papá», ele começou calorosamente, agora que estava de

facto acordado. Quero que me faças um automóvel, papá. Fazes, papá? E pinta-o todo de verde, e põe uma buzina em cima como a máquina do comboio, e um assento em cima para o gatinho ir nele. Oh, por favor, papá, não me queres fazer um automóvel, papá?»

«Meu filho», murmurei mal compreendendo o que estava dizendo. «Faço-te tudo, mas por agora calla-te e deixa-me dormir um pouco mais!»

«Ele disse que sim; ele disse sim!» disse consigo mesmo o pequeno traquina ao escapar-se da cama e da casa para levar aos seus companheiros as boas novas. Às seis horas tocou a sineta para o culto, e ao dirigir-me à capela vi os três garotos brincando com automóveis imaginários, imitando as buzinas quanto podiam, correndo para baixo e para cima nas suas viagens imaginárias. Eles viram-me e correram juntos para mim. «Papá, vais fazer-me um automóvel», disse-me Lenny. «Não é verdade, papá? Vais fazê-lo hoje, papá?»

«Hoje!» suspirei. «Mas onde vou eu arranjar as rodas, meu filho?» Esse, porém, era o meu problema e não o dele. Por isso mostrando o seu contentamento, disse: «Ele vai fazê-lo, ele vai fazê-lo! Ele disse que sim; ele disse que sim!»

Quando voltei para o almoço encontrei o pequeno Lenny a comer a sua papa com muito gosto. «Papá», ele gritou, «eu sou bonzinho. Estou a comer a minha papa toda. «Vais fazer um automóvel para o teu filho bonzinho, papá, não é verdade, papá?»

Finalmente chegou a noite e Lenny estava a dormir no seu berço.

Sua mãe puxou-me com o seu braço junto de si e segredou: «Como é mansinho!»

«Sim», disse eu, «quando ele está a dormir! Falou-me de automóveis

todo o dia! Mas como posso eu fazer-lhe um automóvel? Onde poderei eu arranjar as rodas? E a tinta?»

«Tu podes aproveitar as rodas do velho carro de criança», sugeriu a mãe, «e há um pouco de tinta que sobejou do armário que pintámos na semana passada».

Assim enquanto Lenny dormia, desci à oficina e fiz-lhe um automóvel. Pus-lhe uma buzina como a da locomotiva, e um assento bastante grande para um garoto e um gato se sentarem juntos. Depois mexi a tinta com uma boa porção de gasolina a fim de estar seca de manhã, e pintei-o todo de verde. Nunca se fez tal na Terra, nem antes nem depois. E trouxe-o muito mansamente para junto da minha cama.

Às quatro horas da manhã seguinte o pequeno Lenny acordou. Olhou em volta, e deslizou para fora do berço, passou por cima da mãe e escarranchou-se em cima de mim, mais uma vez. «Papá, papá, papá», chamou, mas não teve resposta. «Papá, papá, papá!» E desta vez puxou-me o nariz e levantou-me as pálpebras. «Papá!»

«Oh, filho!» murmurei. «Papá está com muito sono para falar. Deixa-nos descansar mais algum tempo».

«Mas papá, disseste que me ias fazer um automóvel. Vais fazê-lo hoje, papá?»

«Filho», disse eu, «se te vou fazer alguma coisa, queres também fazer-me alguma coisa?»

«Oh, sim, papá; que queres que te faça?»

«Pois bem, salta da cama e traze os chinelos ao papá».

«Oh, não faças o pequeno saltar da cama», interveio a mãe.

Mas ao saltar da cama para me ir buscar os chinelos, ele enfiou no automóvel. Houve um minuto de silêncio e de admiração, e depois «Mamá! mamá! Ele fê-lo, e tem uma buzina em cima como a

máquina do comboio, e tem um assento para o gato poder andar nele, e está pintado todo de verde! Oh mamã, ele fê-lo, eu bem sabia que ele o faria».

Oh que alegria! A mãe teve que o vestir nessa manhã enquanto permanecia no seu precioso automóvel, e ajudei-o a descer a escada com ele. Pouco depois podia ouvir Lenny e seus companheiros gritando de alegria.

Agora leiamos alguns textos acerca da oração (Luc. 11:9-13). Aqui encontramos que Deus está mais ansioso por nos dar o Espírito Santo e com Ele todo o conforto e bondade de que os pais estão dispostos a dar dádivas aos seus filhos.

Filipenses 4:19: «O meu Deus, segundo as Suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus».

Tiago 1:5, 6: «E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus. . . Peça-a, porém, com fé, não duvidando».

Marcos 11:24: «Tudo que pedirdes orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis».

Que promessas preciosas são estas! Que felizes nos fariam o termos o cumprimento destas promessas em nós. Mas eu sei que algumas coisas nos impedem de receber estas promessas.

Cerca de uma légua da minha missão vivia um estimado velho amigo chamado Pa Keh. Muitas vezes visitei-o e comi em sua casa e ele muitas vezes me visitou e comeu em minha casa. Um dia, ouvindo que eu ia a Rangun fazer compras, veio e pediu-me que lhe trouxesse certo livro que custava cinquenta cêntimos, e disse: «Eu não tenho agora aqui o dinheiro, Thara, mas quando voltar já o terei».

Respondi-lhe: Não faz diferença o dinheiro, Pa Keh; com muita satisfação lhe trarei o livro. E fi-lo. Dei-lhe o livro um dia quando ele passava.

«Sinto não ter ainda o dinheiro comigo», disse. «Mas no fim do mês já o terei».

«Não se apoquente com isso!» assegurei-lhe: «Seja quando for.

Afinal são apenas cinquenta cêntimos».

O fim do mês chegou, e Pa Keh entrou para explicar que as suas facturas eram mais elevadas do que ele havia esperado nesse mês, e que tinha ficado sem dinheiro.

«Não se importava de esperar até ao fim do mês que vem, Thara?» pediu ele. «Estou certo que terei o dinheiro então!»

«Sem dúvida» assegurei-lhe. «Em qualquer altura. Por que não, queria aceitar isso como um presente da minha parte?»

«Não, não», replicou. «Eu encomendei-o e quero pagá-lo, mas se puder ser para o mês que vem, ser-me-á mais fácil».

Notei que ele nunca mais veio ver-me durante esse mês, mas no fim do mês ele voltou.

«Oh Thara, estou envergonhado», exclamou. «Ainda não tenho o dinheiro. As contas continuaram muito elevadas. Já não ousou pedir-lhe que espere mais um mês, mas que posso eu fazer!»

«Está perfeitamente bem, Pa Keh», disse-lhe. «Não se apoquente; queira aceitá-lo como um. . .»

«Oh, não, isso não! Não posso concordar com isso. Mas conceda-me mais um mês».

Ri-me e bati-lhe no ombro. «Vou esquecer isso completamente» disse-lhe, não se apoquente mais».

Todavia durante todo o mês seguinte não me apareceu mais e senti a falta das suas visitas, porque era um velhote bondoso e agradável e gostava de o ver.

Então um dia no fim do mês seguinte eu estava assentado na varanda da frente do meu dispensário tratando um doente que tinha uma horrível chaga ulcerosa numa perna, e, levantando os olhos, quem vi eu descer a estrada, senão o meu amigo Pa Keh. Eu pude reconhecer-lo pelo seu largo chapéu de bambú e a *dah* (espada) de fantasia que sempre trazia consigo, e alegrei-me ao pensar na sua vinda e no amigável encontro que íamos ter. Inclinei-me sobre o meu trabalho, esperando acabar de ligar a perna do meu doente antes da chegada de Pa Keh.

A ligadura estava feita, endireitei-me para cumprimentar o meu prezado amigo. «Ele deve agora estar por aqui», pensei; mas ao olhar para a estrada não vi ninguém.

Pa Keh», disse comigo mesmo. «Sem dúvida era ele. Mas como poderia ele ter desaparecido?»

Pensei que talvez tivesse passado despercebido, olhei para a estrada na outra direcção, mas Pa Keh não era visível em parte alguma.

«Pa Keh, Pa Keh», disse para mim mesmo. Então de repente vi o movimento do capim do outro lado do nosso terreno que estava para o outro lado da estrada. Olhei e reparei que alguém escapava-se furtivamente através do capim para o outro lado do valado, procurando ocultar-se à minha vista. De vez em quando podia ver o largo chapéu de bambú e a *dah* de fantasia! Era Pa Keh!

«Que é que há? Pa Keh! Por que receias vir ver-me? Por que te escondes de mim por detrás do capim dessa maneira?» Então lembrei-me da dívida dos cinquenta cêntimos, e adivinhava que ele não tinha ainda o dinheiro, e receava vir ver-me porque me devia esse dinheiro, envergonhado porque a sua dívida não estava liquidada.

Que representa isso? Estão as vossas contas todas liquidadas para com Deus? Viveis para todas as promessas que Lhe fizestes? Pagais um dízimo escrupuloso do dinheiro que ganhais? Se sim, podeis certamente ir com ousadia diante de Deus em oração.

Eu sei de mais algumas coisas que nos roubam a ousadia com que podemos nos dirigir a Deus em oração e a felicidade de receber o que necessitamos de Suas mãos.

Uma tarde eu estava sentado na varanda da frente esperando a ceia. O calor do dia estava passando. Uma brisa fresca vinha do lado do rio e era agradável descansar com roupas limpas depois dum banho refrescante.

Nesse mesmo momento um dos meus rapazes subiu as escadas e disse: «Thara, Mag Tim está lá em baixo e deseja vê-lo».

Reconheci o nome imediatamente. Mag. Tin era o construtor dos telhados de colmo, a quem comprávamos o colmo para as nossas diferentes casas da missão todos os anos. Esperava-o a qualquer hora. Costumava vir e examinávamos juntos as casas, para calcular quantas folhas de colmo eram precisas para as casas estarem preparadas para a estação chuvosa. Então dava-lhe metade da importância, e ele trazia as folhas algumas semanas mais tarde e recebia o resto do dinheiro. Estava satisfeito que ele tivesse vindo e assim eu disse ao rapaz: «Pois bem! Dize-lhe que suba e que já tenho uma cadeira para eles».

O rapaz voltou um minuto depois, e disse: «Thara (Patrão) quer que desça».

Mag Tin tem receio de subir; ele Dirigindo-me à varanda da retaguarda, chamei-o. «Suba Mag Tin, está-se bem ali, e fresco na varanda da frente. Tenho uma cadeira pronta para si».

Desejava que tivésseis visto o pobre homem. Parecia acabrunhado e atrapalhado. Olhava para um lado e para o outro.

«Venha, Mag Tin, meu amigo», chamei-o. «Não tenha receio. Suba!»

Ele continuava a hesitar, e olhava em volta dele. De repente dirigiu-se depressa para junto dum arbusto, e inclinando-se cuspiu um pedaço de bétete que mastigava. Depois foi para uma celha de água que estava no fundo da escada e lavou a boca.

«Oh», disse para mim mesmo ao descobrir a razão do seu embaraço, «tinha a boca suja».

Depois lavou a cara, as mãos e os pés.

«Oh», disse eu para mim mesmo, «tinha a cara, as mãos e os pés sujos». Em seguida sacudiu o pó da sua roupa manchada da viagem.

Então sorridente, feliz e confiante, subiu à minha casa bonita e limpa, sentando-se comigo na varanda da frente. Em breve Mag Tin saiu com a algibeira cheia de dinheiro, mas tão cedo não poderei esquecer a lição que ele me ensi-

(Leitura para Segunda-feira, 7 de Novembro de 1960)

A ESPERANÇA DA SEGUNDA VINDA DE CRISTO FAZ-NOS FELIZES

Ainda me lembro muito bem da vinda do príncipe de Gales à cidade de Melbourne, Austrália, no ano de 1901. Meu pai nesse tempo era editor de *Australian Signs of the Times*, e embora eu tivesse apenas sete anos de idade tocava cornetim com o meu pai na banda da Casa Publicadora.

Como o dia da vinda do príncipe se aproximasse, as ruas da cidade estavam engalanadas, e todas as bandas de música da cidade tinham os seus lugares com intervalos ao longo do caminho por onde devia passar o príncipe. Foi anunciada a hora para as 11 da manhã, e foi-nos dito que estivéssemos a postos pelo menos meia hora antes do tempo marcado.

Meia hora! Acordei às seis horas e estava tão nervoso que mal pude comer o almoço.

«Será bom levares um lanche», disse minha mãe.

«Oh, nós estaremos de volta para o jantar» assegurei-lhe. E parti com meu pai.

Estávamos no lugar marcado onde a nossa banda de música devia tocar cerca das 10 horas. Todos os outros tocadores chegaram mais cedo, também, porque todos estavam nervosos. Estávamos a

postos, tocámos algumas peças de música uma vez mais, ouvimos as instruções finais e então esperámos.

Uma hora é muito tempo para esperar, mas finalmente eram 11 horas. As ruas estavam apinhadas de gente, e todos continuavam olhando e todos *esperavam*.

11,30 h. — e o Príncipe não tinha ainda chegado. Comecei a ter fome.

Meio dia — o Príncipe ainda não tinha chegado. Desejava então ter trazido o lanche que minha mãe nos tinha preparado.

1 hora da tarde — o Príncipe ainda não havia chegado. «Posso ir à loja comprar uns papos-secos?» perguntou um dos homens.

«Vá depressa», disse o mestre. «O Príncipe pode chegar a qualquer hora».

O homem voltou com um saco cheio de pães para todos nós! Podia ter comido seis!

Duas horas — o Príncipe não havia chegado. Estava tão cansado que me sentei sobre a caixa do meu cornetim, e apoiei a cabeça sobre as mãos. Outros encostavam-se aos postes do telégrafo e da luz.

«Não creio que o Príncipe venha mais», suspirou um, desapontadamente.

nou acerca das condições necessárias para irmos «ousadamente» ao trono da graça.

E sei por que muitos perdem o gozo da oração. Têm a boca suja, as suas mãos sujas, os seus olhos sujos, os seus ouvidos sujos e os seus pés sujos. Não com a sujidade que pode ser lavada com sabão e água, mas com a sujidade das más palavras e dos maus actos, para cuja limpeza Jesus derramou o Seu sangue.

«Se eu atender à iniquidade do

meu coração, o Senhor não me ouvirá», disse David (Sal. 66:18).

João diz daqueles que são filhos de Deus e esperam estar um dia com Ele.

«E qualquer que n'Ele tem esta esperança, purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro» (I João 3:3). Que alegria nos aguarda quando limpamos os nossos corações e as nossas vidas, e entramos na experiência de irmos «com ousadia» ao trono da graça, e ali temos comunhão com o nosso Pai do Céu.

«Já não vou esperar mais tempo», disse outro, e muita gente começou a ir para casa.

«Três horas — nada de Príncipe».

Por esse tempo muitas pessoas começaram a perder a esperança e iam-se embora.

Quatro horas — o Príncipe não vinha.

Mas esperem! O que vem a descer na rua? Dois soldados galopando em seus cavalos. «Aprontai-vos! Aprontai-vos!» gritavam eles. «O Príncipe está a chegar».

Os tocadores de trombone prepararam os seus instrumentos. O mestre da banda pôs-se em posição.

Ao fundo da rua vinha a guarda nacional a cavalo com as suas bandeiras flutuando ao vento. A seguir a carruagem do governador. Ouvimos a banda que se encontrava a três quarteirões de distância. À medida que os carros se aproximavam podíamos ver o Príncipe sentado ao lado do governador geral, erguendo o chapéu e correspondendo à ovação das multidões. O nosso mestre da música gritou «um, dois» e a nossa banda começou a tocar. O Príncipe chegou! Não, não sentíamos cansaço, nem sentíamos mais fome. Sentíamos-nos de facto felizes!

Em Mateus 24:42 Jesus diz: «Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há-de vir o vosso Senhor» (Lede).

Em Mateus 24:44 Ele diz (lede): «Por isso estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há-de vir à hora em que não penseis».

Os filhos de Deus têm esperado há muito tempo pela segunda vinda de Jesus. Têm ansiado pelo dia em que não há-verá mais desapontamentos, tristezas, fome, dores, ou morte. Alguns cansaram-se e abandonaram a esperança e outros desceram ao lugar do descanso, esperando serem ressuscitados para poderem ver a vinda de Jesus. Mas olhai! Os arautos estão gritando: «Aprontai-vos, Aprontai-vos!» A guarda imperial está passando.

Há guerras e rumores de guerras (lede Mat. 24:6). Dizem: «Aprontai-vos, Aprontai-vos!»

Há fomes e terremotos (lede Mat. 24:7). Dizem: «Jesus vai chegar em breve».

O mal e a impiedade aumentam em torno de nós (lede 2 Tim. 3:1-5).

A ciência está aumentando (lede Dan. 12:4).

Os sinais no sol, na lua e nas estrelas já passaram (lede Mat. 24:29).

O evangelho está sendo pregado em todo o mundo, e nós Adventistas do Sétimo Dia estamos proclamando a terceira mensagem angélica em 185 dos 208 países do mundo (lede Mat. 24:14).

Em breve chegará o «fim» e isso significa que Jesus chegará.

Um dia, há muitos anos, quando estávamos em Birmânia, a Sr.^a Hare e eu, nossos dois filhinhos, e quarenta e quatro caixas e fardos de provisões, chegámos no vapor fluvial a Shwegun. Ainda estávamos a trinta quilómetros da nossa estação missionária e não tínhamos nenhuma lancha a motor à nossa espera. O meu telegrama não tinha sido entregue, mas em vez de esperarmos em Shwegun, enquanto enviámos um mensageiro, Tha Mysing, o evangelista que estava connosco, e eu, decidimos ir a pé para casa de noite e trazer de manhã a lancha a motor. Assim, dizendo a Sr.^a Hare que não se apoquentasse peguei no meu chapéu de chuva para o caso de vir a chover, saltei para um *sampan*, atravessei o rio, e parti, seguindo a linha dos postes telegráficos que passavam a cerca de 800 metros da nossa escola. A lua estava quase cheia. Os postes de ferro galvanizados brilhavam diante de nós, e quilómetro após quilómetro, hora após hora, passaram até que estávamos a meio caminho — então, de repente, a nossa luz desapareceu. Olhei para cima, e as mais espessas, escuras e carrancudas nuvens de trovoadas como jamais havia visto não só cobriram a lua como todo o céu, e disse: «Olha, Tua Myaing, vai chover».

Ele olhou e disse: «E, Thara, vamos ficar molhados».

«Depressa, onde está a aldeia mais próxima?» perguntei-lhe.

«Mas, Thara, não podemos esperar que a tempestade passe», respondeu. «Temos de chegar à missão e trazer a lancha para a Senhora Hare e as crianças. Pode haver três centímetros de água naquelas nuvens e pode haver cinquenta, mas temos de continuar».

Eu sabia que ele tinha razão e assim levantei o meu chapéu de chuva e continuei caminhando. Dentro dum minuto começou o bombardeamento. Houve um grande trovão e a água começou a cair. Não era em gotas. Descia em torrentes. O pano do meu chapéu de chuva esfarrapou-se em poucos instantes, mas nós continuámos. O caminho encheu-se de água que me cobriam as pernas até aos joelhos. Sòmente olhando para o brilho dos postes telegráficos enquanto relampejava podíamos saber para onde íamos. Depois a água começou a ser cada vez mais funda — até à cintura — até aos sovacos.

«Espera um pouco, Tha Myain», disse eu. «Para onde vamos?»

Parámos um momento, e um forte relâmpago mostrou a torre duma ponte suspensa apenas a alguns metros à nossa frente.

«Oh, chegámos a um pequeno rio», suspirou ele com alívio. «Olhe, ali está a ponte».

Com vigor subimos a escada e cautelosamente atravessámo-la de gatas. Subitamente uma árvore a cem metros de distância foi atingida por uma faísca e desfeita em pedaços com grande fragor. Ficámos como mudos, mas continuámos, não ousando parar. Atravessámos quatro pontes como esta e chegámos à extremidade da floresta na borda dum vasto campo de arrozais. Para nosso desânimo, porém, estava coberto de água, e as ondas rolavam por cima como num pequeno oceano.

«E agora. . .» Ia a falar, quando Tha Myaing disse animadamente. «Venha, Thara, não vê os postes telegráficos quando relampeja?»

«Pois sim, Tha Myaing, mas se a água é funda demais?»

Por um momento ficou a pensar e depois disse: «Thara, temos que ir. A água está subindo tão depressa que morreremos afogados se paramos aqui».

(Leitura para Terça-feira, 8 de Novembro de 1960)

O Prazer Cristão Faz-nos Felizes

«Meu filho», disse a mãe com severidade ao seu pequeno de oito anos sentado em frente do lume na lareira: «Sai imediatamente do pé do lume, e não brinques mais com o fogo!»

O pequeno afastou-se cerca dum metro mas com um aspecto rebelde e carrancudo no seu rosto. O lume é tão quente, brilhante e confortável. Era tão bonito e como era divertido queimar pedaços de jornal e ver o fogo consumi-los. «A mãe não quer deixar-me brincar» pensou ele no seu coraçãozinho, e estendeu o seu lábio inferior com muito mau génio. Mas a mãe estava muito ocupada na cozinha e não voltou durante algum tempo, e sinto dizer-vos que o pequenino aproximou-se cada vez mais do lume, outra vez brincando com o fogo, acendendo pedaços de jornal e vendo-os arder.

A mãe notou que havia grande silêncio e por isso veio em bicos de pés à sala. Quando viu o pequenito a brincar outra vez com o lume, disse-lhe: «Não te disse eu que não brincasses com o lume? Eu estou a falar-te a sério», deu-lhe umas palmadas na mão e afastou-o do fogo, dizendo: «Agora não tornes a brincar com o lume».

O pequenito chorou, chorou e com muito mau génio tinha maus

pensamentos. «A mãe não gosta de mim e não quer que me sinta feliz. Porque não me deixa brincar com o lume? É tão bonito e quente, e belo e tão boa brincadeira». Sinto dizer-vos que enquanto a mãe estava ocupada na cozinha o garoto desobediente foi-se aproximando cada vez mais do lume e em breve estava de novo a brincar com ele. Assentou-se sobre os calcanhares para retirar um bocado de papel mas desequilibrou-se e caiu para a frente.

Para não cair em cima do lume estendeu a mão e foi bater numa acha acesa.

«Ai — ai — ai» gritou o pequeno, e a mãe correu para ver o que era. O pequeno livrou-se de cair no fogo mas a mão estava empolada e chorava que metia dó. A mãe viu a situação e deixou-o chorar durante algum tempo.

Depois disse-lhe: «Eu procurei evitar-te esta dor e desgosto. Quando eu disse: «Não brinques com o lume» não era para te privar dos teus prazeres mas para te evitar dor, desgosto e lágrimas».

«Não o torno a fazer», soluçou o pequeno.

«Não o farás sem dúvida», concordou a mãe, mas mais valia que tivesse crido que não era por que tua mãe não gostasse de ti, que te

disse: «Não brinques com o lume».

É assim que acontece com Jesus e connosco. Jesus quer fazer-nos felizes. Lede João 15:11: «Tenho-vos dito isto, para que o vosso gozo seja completo».

Deus nunca nos pediu que deixássemos qualquer coisa ou proibido com um «Não faça» se não para aumentar o nosso gozo e felicidade.

Por Paulo Ele diz: «Sai do meio deles, e apartai-vos... o não toqueis nada imundo» (2 Cor. 6:17, lede). Deus quer que estejamos separados para que Ele possa ser um Pai para nós e nós possamos ser Seus filhos e filhas.

Por João Ele suplica: «Não ameis o mundo, nem o que no mundo há», só porque «o mundo passa, e a sua concupiscência, mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre» (I João 2:15-17).

Ainda por João, Deus suplica: «Sai dela, povo Meu» (Apoc. 18:4), mas somente por que Deus quer que escapemos das pragas que vão ser derramadas sobre Babilónia.

«Far-me-ás ver a vereda da vida», disse David, «na Tua presença há abundância de alegria; à Tua mão direita há delícias perpetuamente» (lede Sal. 16:11).

Assim partimos, tropeçando e chapinhando em cada elevação do terreno, com a água a tornar-se gradualmente cada vez mais funda. Sempre andando até que a água tornou a chegar aos sovacos.

«Tha Myaing», chamei, «espera um pouco».

Mas Tha Myaing não respondeu.

«Tha Myaing», gritei com toda a minha força. Mas não havia resposta. O pânico começou a apoderar-se de mim; os relâmpagos continuavam, mas não podia ver ninguém ali perto — e ali estava eu no meio do lago com água até ao pescoço.

«Tha Myaing», gritei outra vez — e então ouvi a voz tão desajada. Ao longe, a distância, Tha Myaing gritou: «Estou bem, Thara, cai para dentro do fosso de irrigação, mas aqui a água não é tão funda. Venha e atravesse».

«Onde está a ponte?» gritei-lhe.

«Não há nenhuma ponte. Faça como eu. Deite-se à água e nade, e chegará aqui sem novidade».

Assim fiz, tendo na mão o chapéu de chuva e outras coisas, e com segurança, pouco depois estava ao lado de Tha Myaing onde a água já não era tão funda, e à medida que atravessámos a água

tornava-se menos funda. Passámos em o lugar mais fundo, mas eu estava quase exausto. Tínhamos caminhado vinte e oito quilómetros e lutado com a água três horas.

«Oh — Tha-Myaing — descansemos», pedi-lhe. Eu sentia que não podia levantar um pé da água e dar mais um passo — mesmo que tivesse de me sentar com lama até ao pescoço — tinha de descansar. Mas com receio que se me sentasse não me levantaria mais, Tha Myaing fez todos os esforços para me convencer a continuar.

«Venha Tha». E nesse momento ouviu-se um grande trovão. A ter-

O mundo tem várias espécies de diversões e muitos lugares de divertimentos.

Se estiverdes em dúvida se deveis ou não tomar parte em qualquer divertimento, fazei a vós mesmos algumas perguntas como estas:

Jesus fá-lo-ia?

Jesus iria?

Envergonhar-me-ia se Jesus me encontrasse a fazê-lo ou a ir a esses lugares?

Poderei orar e pedir aos anjos que vão comigo?

Então sabereis se é seguro para os filhos de Deus fazerem essas coisas ou irem a esses lugares.

Um dia um rapaz perguntou-me: «É pecado jogar o futebol?»

Pois bem, façamos agora algumas perguntas sobre o futebol.

Podemos nós pedir a bênção de Deus para um jogo amigável de futebol na escola?

Sim, muitas, vezes o tenho feito na escola na hora do recreio.

Um tal jogo fortalece? Sim.

Podemos levar Jesus connosco? Sim.

Então é lícito jogar essa espécie de jogo.

Contudo, há certos jogos de futebol sobre os quais não poderia dizer «Sim» a essas perguntas. Quando trabalhava na Califórnia do Norte há já alguns anos, fui de carro a Sacramento para passar o meu fim de semana. Justamente fora da cidade meti-me num engarrafamento de tráfego e mal podia avançar com o carro. Em breve

fiquei imóvel junto a um polícia. «Que se passa?» perguntei-lhe. «Tenho passado nesta estrada tantas vezes e nunca vi tal coisa».

«Então não sabe», disse o polícia, «há um grande desafio de futebol amanhã na universidade, e toda esta gente vem para o futebol».

«Onde vão dormir?» perguntei.

«Nos carros, no parque, por toda a parte. Eles sacrificarão tudo para poderem ver este jogo».

«Não estarão eles já cansados e exaustos quando começar o jogo?» insisti.

«E isso ainda não é tudo», disse o polícia. «Vão ganhar forças bebendo whisky, e excitar-se-ão, e berrarão, gritarão, lutarão e jogarão à bordoadá atirando garrafas às cabeças uns dos outros. Não é nenhum feriado para a polícia, possa dizer-lhe. Todas as ambulâncias estão a postos e no fim, vários camiões serão carregados com as granadas do whiky e das cervejas».

Tocou o apito e eu avancei, mas perguntei a mim mesmo justamente ao seguir viagem se eu poderia pedir a Deus que a Sua bênção me acompanhasse para um tal jogo. Perguntei-lhe se essa espécie de jogo restauraria, beneficiaria ou fortaleceria. Perguntei-lhe se Jesus poderia ir comigo para um tal lugar como esse. Não pôde responder «Sim» a essas perguntas.

Então perguntei-lhe como poderia desejar encontrar a morte num

tal lugar como esse ou que Jesus me encontrasse em tal lugar na Sua segunda vinda. Eu sabia que realtados para mim teria uma tal espécie de jogo, e essa é a razão por que não vou aos grandes desafios de futebol.

Formulaí estas perguntas acerca dos cinemas, lugares mundanos de diversões, livros, revistas, programas de televisão e de rádio, canções mundanas e discos, e concluíreis que a juventude cristã pode ser a mais feliz do mundo, porque pode livrar-se de desapontamentos, sofrimentos, e lágrimas causadas pelos desgostos e remorsos do mundo.

Devemos ter sempre em mente que Satanás faz o melhor que pode para nos separar de Deus, e ele sabe que os divertimentos mundanos é o seu meio mais fácil para o realizar.

Em Pedro 5:8 lemos: «Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar». Eu não sei grande coisa do bramir dos leões, mas há uns vinte anos vivi num país onde tínhamos o bramir de tigres, e sei como tigres bramindo procuram a quem possam tragar.

Um dia a nossa banda de Birmânia planeava uma reunião numa aldeia a trinta quilómetros da missão. Planeámos a nossa viagem de maneira a podermos chegar à aldeia uma hora antes do pôr do sol. Isto

rível tempestade parecia juntar-se para desabar terrivelmente mais uma vez, e os relâmpagos continuavam até que fechei os olhos e pus-me a tremer. Então um trovão ainda maior fez-me tapar os ouvidos com as mãos. E foi então que ouvi as palavras mais maviosas de toda a minha vida. Enquanto tinha os olhos fechados e tremia de medo, Tha Myaing conservava-os abertos, e enquanto relampejava e a tempestade desabava com todo o seu furor, ele viu as orlas dos coqueiros diante de nós para além da água e soube que estávamos precisamente a três quilómetros e

meio da nossa estação missionária. Ele gritou para trás através das trevas: «Olha, Thara! Olhe! Estamos perto de casa».

Oh, que maravilhosas palavras! Abri os olhos e com o relâmpago seguinte eu pude também ver os coqueiros — e já não me sentia mais cansado. Já não estava cansado. Perto de casa! Oh, que palavras mágicas. A força parecia vir de qualquer lado. Andámos, andámos, e chegámos à estação missionária às quatro horas da manhã. Mudámos as roupas, comemos um pouco, saltámos para dentro da lancha, e chegámos a Shwegun

precisamente meia hora antes da lancha retomar a viagem rio a baixo. Se vivesse cem anos nunca me esqueceria a coragem, a alegria e o conforto que me trouxeram aquelas palavras.

Podemos ler quase as mesmas palavras em (Luc. 21:25,28 lede).

Não nos cansemos de esperar a vinda de Jesus. Não durmamos. Não abandonemos a esperança, mas «vigieiros e oremos», e em breve estaremos a dizer: «Eis — que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará: este é o Senhor a quem aguardávamos: na Sua salvação gozaremos e nos alegraremos» (Is. 25:9).

dar-nos-ia tempo para visitar os doentes e montar o nosso *écran* para as projecções sobre a vida de Cristo. Tudo correu bem e pela brisa da tarde aproximávamo-nos da aldeia, quando de repente nas montanhas à minha direita ouvimos um animal gritar «Squi-i-i-ac!»

Era uma nota aguda de cana, e disse: «Rapazes, ouvi! Há acolá uma *sambar*».

«Squi-i-i-ac!» chegou de novo o som, mas os rapazes abanaram as cabeças e disseram: «Aquilo não é uma *sambar*, Thara; é um tigre».

Uma *sambar* pertence à família dos veados. É do tamanho aproximado dum vitelo grande; tem quatro chifres agudos e cerca de 150 cm. de pele nas extremidades dos chifres. Quando berra tem um grito agudo de cana, muito parecido com aquele que ouvimos; por isso eu disse: «Mas rapazes, os tigres não gritam assim; os tigres bramam».

Mas os rapazes responderam: «Nem sempre, Thara; depende do animal que o tigre procura caçar. Ele produz um som justamente semelhante ao do animal que ele procura caçar. Um tigre ladra como um cão, mia como um gato, assobia como uma serpente, cacareja como uma galinha, canta como um gallo, ou grita como uma *sambar*».

Nesse mesmo momento ouvimos outra vez: «Squi-i-i-ac» nos montes à nossa esquerda. «Escutai rapazes!» disse eu, «Há ali outro tigre».

Os rapazes escutaram e segredaram: «Não, Thara, aquilo não é um tigre, é uma *sambar*».

«Mas eu não posso achar a diferença», respondi.

«Nem a *sambar* pode achar a diferença», disseram os rapazes, «mas nós podemos. Tenho vivido nesta selva e os nossos pais ensinaram-nos a diferença. O som do tigre é um pouco mais rouco. Escutai!»

Sentámo-nos e nos momentos seguintes ouvi uma das tragédias vulgares da vida da selva.

«Squi-i-i-ac», bramou o velho maldoso, manhoso e enganador tigre dos montes à direita.

«Squi-i-i-ac», respondeu a mansa, meiga e inocente *sambar* dos montes da esquerda.

«Squi-i-i-ac», respondeu o tigre correndo um pouco mais próximo.

«Squi-i-i-ac», respondeu a *sambar*, pensando tratar-se duma camarada chamando-a para um alegre encontro nocturno, e correndo para mais perto.

«Squi-i-i-ac», chamou o tigre.

«Squi-i-i-ac», respondeu a *sambar* e correu para mais perto, e cada vez mais perto, até que as vozes dum e doutro pareciam chegar do mesmo ponto da floresta justamente na nossa frente.

Então quando o manhoso velho tigre estava ao alcance dum salto abriu a boca e ru-u-u-ugiu.

Dentro dalgumas centenas de metros o rugir do tigre é tão doloroso e penetrante que uma pessoa é obrigada a tapar os ouvidos com as mãos, e os animais dentro dessa área ficam paralizados de medo e de terror. Impotente para dar mais um passo, a *sambar* parou tremendo enquanto o tigre dando o salto enterrou os dentes no pescoço; e arremecendo o corpo de encontro à cabeça da sua vítima, o tigre quebrou-lhe o pescoço. E esse foi o fim da inocente pequena *sambar*.

Quando era pequeno e tinha uns cinco anos fui uma noite com o meu pai ver as montras. Em breve chegámos a uma loja que tinha um anúncio do presunto do diabo. E na montra estava um diabo mecanizado. Ainda me lembro bem. Ele tinha dois chifres e duas orelhas muito compridas que abanavam para diante e para trás movidas pela máquina. Marcando compasso com as orelhas, os olhos andavam de um lado para o outro, dum lado para o outro, e na mão tinha uma forquilha, e tinha um rabo muito comprido com uma lança na ponta. Tanto as mãos como o rabo moviam-se ameaçadoramente, no mesmo ritmo com as orelhas, a frente e as costas. Estava completo com pés de cabra e o corpo dum vermelho vivo. Tomado de terror agarrei-me à mão do meu pai, e disse-lhe: «Pai, que é aquilo?»

«Aquilo é uma suposição do diabo, meu filho», respondeu meu pai, e nunca mais me esqueci.

Oh, eu desejava que o diabo quando anda em derredor procurando tragar a sua presa, pusesse sempre os seus pés de cabra, os seus chifres, e a sua capa de vermelho vivo. Desejaria que trouxesse sempre com ele a sua forquilha. Então poderíamos facilmente reconhecê-lo e fugir por nossas vidas e nunca nos apanharia.

Mas o diabo nunca vem dessa maneira em derredor para procurar tragar alguém. Veste-se com fatos elegantes, usa a última moda, viaja nos mais modernos carros, ele pinta-se e põe pó no rosto, e procura dizer-vos que é vosso amigo. Introduce-se pelos livros mais modernos, aparece nas comédias, está na rádio e na televisão, apresenta-se nas listas dos restaurantes, e procura dizer-vos que ninguém pode viver a vida sem ele. Mete-se nos divertimentos e loucuras e prazeres excitantes, habilidosamente tecendo as suas redes e armando as suas armadilhas.

Como ele olha com avidez o primeiro passo dado em sua direcção! Pode parecer um insignificante passo; mas ele persevera, incita, seduz, cega, ilude até que seja demasiado tarde. Então ri perante o nosso terror, e escarnece diante dos nossos amargos desgostos e remorsos.

Que Deus nos abra os olhos para compreender a astúcia do arqui-enganador nos divertimentos do mundo, e nos ajude a encontrar o nosso prazer onde possamos levar Jesus connosco, porque só na Sua presença existe a plenitude da alegria e somente à Sua «mão direita há delícias perpétuas» (Salm. 16:11).

«Amo ao Senhor, porque ouviu a minha voz e a minha súplica.»

(Salmo 116:1)

(Leitura para Quarta-feira, 9 de Novembro de 1960)

A Guarda dos Mandamentos de Deus Faz-nos Felizes

Já ouvistes num disco de gramofone a história de «Silver e a Cobra»? A pobre Silver aprendeu por uma experiência muito dolorosa a razão por que a mãe lhe disse: «Não deves ir para o mato à noite» que não era para procurar privar a pequena dum prazer, mas para lhe evitar dificuldades.

Deveis saber que é exactamente isso que acontece com os mandamentos de Deus. Há pessoas que pensam que quando Deus diz: «Não farás», que é para nos privar dum prazer real; mas há milhares de rapazes e meninas adventistas que sabem que Salomão tinha razão quando escreveu: «O que guarda a lei esse é bem-aventurado» (Prov. 29:18), e no último capítulo da Bíblia (lede Apoc. 22:14) João diz: «Bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos».

Também vos lembrais da história dum mancebo rico que veio a Jesus e disse: «Bom Mestre, que bem farei, para conseguir a vida eterna? E Ele disse-lhe... Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos» (lede Mat. 19:16, 17). Ainda um certo doutor da lei levantou-se e perguntou: «Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Jesus respondeu: «Que está escrito na lei?» Então o doutor da lei citou os dois grandes mandamentos do amor para com Deus e para com o homem, e Jesus disse: «Respondeste bem; faze isso e viverás» (lede Luc. 10:25-28).

Lembrai-vos de Jesus ter alguma vez dito a alguém que fizesse o que era impossível? Ele disse ao homem impotente no tanque de Betesda que pegasse na cama e andasse, e o homem que tinha estado incapaz de se mover durante trinta e oito anos pegou na cama e andou (lede João 5:11). Jesus disse ao homem que tinha uma das mãos mirradas: «Estende a tua

mão. E ele a estendeu, e ficou sã como a outra» (lede Mat. 12:13). Quando a multidão tinha fome, porque tinha estado a ouvir Jesus durante todo o dia, Jesus disse aos Seus discípulos: «Dai-lhes vós de comer». Tudo que podiam arranjar eram cinco pães e dois peixes, mas «comeram todos e saciaram-se» (Mat. 14:14, 20). Nessa mesma noite Jesus disse a Pedro que viesse ter com Ele sobre o mar. Inteiramente impossível! Mas, «Pedro descendo do barco, andou sobre as águas» (vers. 29).

Quando Jesus ordena, há poder para um doente pegar na cama e andar, há força para estender a mão mirrada. De qualquer forma há alimento suficiente para alimentar a multidão, e sob a ordem de Jesus, Pedro pôde andar sobre a água. Assim quando Jesus diz: «Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos», dar-nos-á força para os guardar.

Creio ter descoberto o segredo de como podemos guardar os mandamentos. Voltando a Lucas 10:27, encontramos a declaração do doutor da lei resumindo a guarda dos mandamentos. «Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento» (lede).

E Jesus disse: «Respondeste bem». Sim, aí está o segredo; o doutor da lei devia guardar os mandamentos com todo o seu coração, alma e forças. Pedro devia guardar os mandamentos com todo o seu coração, alma e forças, e vós e eu devemos guardar os mandamentos com todo o nosso coração, alma e forças. Oh, não é Deus bom e justo! Eu gosto de servir a Deus dessa maneira, não o desejais vós também? Ele toma nota do lugar em que cada um nasceu (Sal. 87:4), de quanta luz temos recebido, e afinal não exige

mais do que todo o nosso coração, alma e forças. Mas Deus reclama todo o nosso coração, alma e forças; não aceita nada menos.

«A igreja de Deus compõe-se de vasos grandes e pequenos. O Senhor não exige dos pequenos como dos grandes. Espera acções de acordo com o que o homem possui, não de acordo com o que não possui. Fazei o melhor que podeis, e Deus aceitará vossos esforços. Assumi o dever que mais perto vos fica, e cumpri-o com fidelidade, e vossa obra será perfeitamente aceitável ao Mestre». — *Mensagens aos Jovens*, pág. 94.

«Papá, papá! eu amo-te, papá!» clamou o meu filhinho Lenny um dia quando entrou no meu escritório para procurar qualquer coisa.

«Tu amas-me?» Parei o meu trabalho para uma pequena conversa.

«Sim, papá, eu amo-te. Tu fizeste-me um automóvel, não fizeste, papá?»

«Sim, filho, eu faço-te muitas outras coisas, não é verdade? Porque te amo também, não é verdade? Mas tu não fazes muita coisa para mim, não é verdade?»

«Mas, papá, eu quero fazer. Dize-me o que queres que te faça, e o farei», assegurou-me ele.

Pensei repentinamente e disse: «Filho, eu vou dizer o que quero que me faças. Vês aquela grande mala verde naquele quarto ao lado? Eu preciso dela aqui, perto da secretária. Queres trazer-me-la?»

«Sim, papá, eu vou trazê-la» respondeu ele.

Era demasiado pesada para a remover, e eu sabia isso, mas eu queria ver o que ele faria. Pegou na argola, puxou, e gemia, empregando toda a sua força, em vão; quando verificou que não a

podia mexer, gritou: «Papá, vem ajudar-me.» E fui, tomei a outra argola, e juntos puxámos a grande mala para o escritório para onde eu a queria.

«Eu trouxe-a, papá; não é verdade, papá? Eu trouxe-a», disse triunfantemente. E tomei-o sobre os meus joelhos e abracei-o muito. «Sem dúvida que a trouxeste, meu filho», disse eu baixinho.

E pelo meu filhinho aprendi como podemos guardar os mandamentos de Deus fazendo tudo que nos é possível fazer. «Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos», disse Jesus (João 14:15). Quando os temos guardado com com todo o nosso coração, e alma e forças, talvez o tenhamos feito com grande insuficiência, mas há grande diferença entre insuficiência e um pecado conhecido.

O amor torna tudo fácil, o amor torna o fardo leve, o amor torna um privilégio o levar a cruz, e o amor torna a guarda dos mandamentos uma alegria.

Um dia Lenny aos seis anos de idade exclamou: «Papá, arranjas-me um cornetim para poder tocar na banda?»

«Um cornetim!» disse eu surpreendido.

«Sim, papá, um cornetim! Eu gostaria de tocar na banda como Tha Kin!»

«Mas Tha Kin já é um homem, e tu és ainda uma criança».

«Mas, eu sou quase um homem, papá», disse Lenny salientando o peito e empertigando-se o mais que podia. «E eu sou forte, olha!» E engrossava os músculos dos braços.

Então de repente veio-me uma inspiração, e disse-lhe muito seriamente: «Forte? Ah, mas eu penso que um rapazinho que não pode carregar a lenha sem se lhe dizer duas ou três vezes não é bastante forte para soprar um cornetim na banda».

«Mas, papá, e as lascas! como elas se enterram!»

«E eu penso que um rapazinho que não pode manter o depósito

da cozinha cheio de água para sua mãe não poderá ter ar bastante para tocar um cornetim».

«Molho-me tanto, papá!»

— «Olha, meu filho.

Vou reparar no caixote da lenha e no depósito da água durante três meses, e se fores bastante grande para os manter sempre cheios, então saberei que és bastante grande para tocares cornetim na banda, e compro-te o cornetim».

«Oh papá! Esplêndido! Esplêndido» e correu para o monte da lenha. O que é certo é que as lascas já não o incomodavam mais. O que é certo é que a água já não o molhava e a lama já não o sujava mais. Ele trouxe tanta lenha que a mãe mal podia entrar na cozinha, e tivémos que lhe marcar um limite diariamente. É interessante como tudo é tão fácil quando amamos muito qualquer coisa! não é verdade?

O que é certo é que ele obteve o seu cornetim e tocava na banda algumas semanas mais tarde, e desde então compreendi muito melhor este versículo: «Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os Seus mandamentos; e os Seus mandamentos não são pesados» (I João 5:2, 3).

Um dia fui ver o professor chefe da minha escola, Thara Myat Po. Encontrei-o justamente assentado à mesa para o jantar com o seu filhinho de três anos Salomão a seu lado. Enquanto esperava vi o pequeno colocar o prato como fazia o pai. Viu-o fixar a cara do pai, e quando o pai olhou para baixo, o seu pequeno rosto brilhou e disse: «Eu amo-te papá».

Os pais gostam de ouvir os seus pequenos falar dessa maneira, e o pai sorriu e perguntou-lhe: «Quanto amas o teu paizinho, Salomão?»

O pequeno estendeu os seus braços gordiños afastando-os o mais que pôde e disse: «Deste tamanho».

«Então», sorriu o pai, «se o teu amor por teu papá é desse tama-

nho, queres trazer-lhe água para beber?»

Salomão saltou para o chão e correu para o depósito da água, mas o depósito estava muito alto. Num instante olhou para ele e depois para o púcaro de lata que estava pendurado num prego perto do depósito, mas também estava muito alto demais. Então sem hesitar um momento pôs-se nos bicos dos pés, com o estômago de encontro à parede e levantou o bracinho na direcção do púcaro. Podia tocá-lo. Ele fez todo o possível, e enquanto com os dedinhos fazia tenir a folha do púcaro, ele gritou: Papá, papá, papá!

E vi a alegria que enchia a face do pai. Ele esperou só um momento, gozando a evidência do amor do seu filhinho, depois levantou-se depressa da mesa correu para seu filho e levantou-o com os seus braços até que a mãozinha podia alcançar o púcaro e mergulhá-lo na água. Então o pai pô-lo no chão outra vez e o pequeno correu com a água para a mesa. Parte da água saltou para fora enquanto ele fez isso, mas eu ouvi esse pai dizer: «Este é o copo de água mais agradável que bebi na minha vida».

Isto é o que se passa entre nós e o nosso Salvador. Ele ama-nos tanto que Ele diz «não farás». muitas vezes nos Dez Mandamentos. Ele sabe que as pessoas que roubam e odeiam, que mentem, que cobiçam e desobedecem, não podem ser felizes. Ele sabe que a obediência aos Seus mandamentos é o único caminho para a felicidade. Então Ele observa para ver quanto O amamos.

Se nós O amamos, procuraremos com todo o nosso coração e com todas as nossas forças obedecer-lhe. E quando tivermos feito isso, embora com insuficiência, Jesus sorriu para nós com amor, e cobre as nossas imperfeições e lacunas com a Sua gloriosa justiça e sere-mos perfeitos n'Ele.

(Leitura para Quinta-feira, 10 de Novembro de 1960)

Um Lar Cristão Faz-nos Felizes

Em 1941 eu e minha esposa, com os nossos pequenos mais novos, Verna May e Pedro, então com 12 e 6 anos de idade, voltámos à Birmânia. Já tínhamos passado vinte anos felizes entre o povo Karen e agora esperávamos passar ali outro termo de serviço.

Precisamente dois meses depois da nossa chegada, o Japão declarava a guerra à Inglaterra e aos Estados Unidos e a segunda guerra mundial começava para nós. Alguns dias mais tarde aviões inimigos bombardeavam Rangun.

Em 20 de Janeiro houve 27 raids aéreos, em que milhares de pessoas perderam a vida. O cônsul americano aconselhou que todas as mulheres e crianças partissem, e cheio de tristeza despedi-me de minha esposa e das duas crianças, que com outros embarcaram num barco de carga a caminho da Índia. Cerca duma semana mais tarde uma carta de minha esposa dizia terem chegado bem. Em 3 de Fevereiro todas as nossas missionárias estrangeiras com seus filhos haviam-se posto a salvo. Depois todo o tráfego marítimo para a Índia parou, e foi suspenso todo o correio aéreo e envio de telegramas, e as sete semanas seguintes foram as mais sombrias, terríveis e desanimadoras de toda a minha vida. Era como se fosse através do vale da sombra da morte. Ao todo, foram feitos 92 raids aéreos contra Rangun, e o inimigo aproximava-se cada vez mais da cidade.

Finalmente todos tivemos que partir. Nós homens, missionários fomos de carro até onde pudemos chegar, em seguida andámos por montes até à Índia. Ao chegarmos a Calcutá, o Irmão Wyman, o Irmão Baird e eu soubemos que as nossas esposas e nossas famílias esperavam por nós em Missouri, uma estação montanhosa ao noroeste da Índia. Não havia maneira de lhes comunicar que nos encontrávamos bem na

Índia. Nem mesmo podíamos enviar-lhes um telegrama, assim tomámos o comboio e viajámos durante dois dias, e em 29 de Março chegámos a Missouri. O Irmão Wyman tinha ali estado antes e conhecia o caminho que subia para o monte para a casa onde os nossos queridos viviam, e assim ele conduziu-nos. Chegou o Irmão Baird, em seguida três carregadores com as nossas três malas de mão — tudo que pudemos trazer connosco de Rangun — e eu fui o último a chegar. Eu desejava ter a certeza que as nossas preciosas malas chegariam ao mesmo tempo que nós.

Subindo, subindo sempre o monte, mais próximos e mais próximos estávamos da casa onde se encontravam os nossos queridos. Em breve pude ouvir as crianças a brincar no pátio. Depois ouvi um grito e soube que haviam visto o Irmão Wyman entrar pela cancela. Depois um outro grito ao verem chegar o Irmão Baird. As crianças gritavam tão alto que as mães dentro de casa pensaram que uma das crianças houvesse caído dum dos lados do monte. Correram para ver o que era e quando viram o Irmão Wyman e o Irmão Baird, por sua vez puseram-se também a gritar. Poucos segundos depois entrava eu e novamente clamavam ruidosamente.

Oh! Esse foi um momento que nunca me esquecerei. Penso que o dia da ressurreição será semelhante a esse. Ali estava o Irmão Wyman abraçando a sua esposa e a seus filhos, e eles abraçando-o, todos rindo e gritando de alegria. E ali estava eu abraçando a minha esposa e a meus filhos e eles abraçando-me, todos rindo e gritando de alegria. Digo-vos que foi um dia feliz. Súbitamente lembrei-me do grande prejuízo que tivemos e disse-o ao ouvido de minha esposa. «Minha querida, perdemos tudo que possuíamos. Só pude trazer uma mala de mão. Os nossos mó-

veis, os nossos livros, o nosso fogão, as nossas roupas, — tudo se foi embora. Não ficou nada!»

Se eu vivesse 200 anos nunca esqueceria a bela resposta da minha boa esposa. Falando mais alto do que o riso das crianças ela disse: «Oh, não, não perdemos tudo! Aqui está Verna May e aqui está Pedro, e agora que temos a ti, nada mais nos importa».

Sim, estou certo que vai ser assim depois do dia da ressurreição. Se somente pudermos ter todos os nossos filhos no Céu, e termos lá a família completa, nada mais nos importará. E sei que não será o Céu para mim se meus filhos lá não estiverem.

Alguém disse: «O lar é a flor de que o Céu é o fruto». Para preparar-nos para a vida eterna no Céu, Deus colocou-nos em grupos de família aqui na Terra.

Somente pessoas com paciência poderão um dia ir para o Céu (lede Apoc. 14:12). Antes de irmos para o Céu temos de aprender a ser pacientes aqui no nosso círculo da família. Desenvolver a paciência requer disciplina e provações (lede Tiago 1:2, 3). Jesus aprendeu a obedecer pela disciplina (lede Heb. 5:8). Se nós nos submetemos à disciplina do lar poderemos submeter-nos à disciplina de Deus (lede Heb. 12:5, 6, 11). Deus mede o nosso amor e obediência a Ele pela maneira como nós amamos e obedecemos aos que estão dentro do nosso círculo de família (lede 1 João 3:14, 4:20), e eu sei que a minha maior alegria será ter todos da minha família juntos no Céu. Quereis também ter a família completa no Céu?

Pode ser que algum de nós tenha a mãe ou o pai que não é cristão. Pode ser que se formos fiéis e ormos por eles todos os dias os ganhemos para Cristo. A maior parte dentre nós, todavia, tem mães e pais cristãos que fer-

vorosamente oram por nós todos os dias.

«Precisamos lembrar-nos que os membros duma família são como sócios duma firma. Cada sócio na firma tem de ser verdadeiro e fiel para que o negócio seja bem sucedido. E cada membro da família deve compreender que o êxito da família depende dele. A fim de crescerdes para serdes uma mulher ou um homem verdadeiro necessitais do auxílio de vosso pai e de vossa mãe, e mãe e pai necessitam de vosso auxílio para fazerem um lar feliz.

Exemplos de desobediência aparecem em quase todos os jornais. Não admira que Paulo diga que temos necessidade de paciência (lede Heb. 10:36), e não admira que ele nos suplique de pôr de parte a amargura e a ira e de sermos benignos e misericordiosos uns para com os outros (lede Efes. 4:31, 32).

Obediência, bondade, domínio próprio, fidelidade e paciência são todos os frutos do Espírito. Deus requer de nossos pais que nos ensinem estas belas virtudes, e Deus espera que nós as desenvolvamos dentro do nosso círculo familiar de maneira a prepararmos-nos para o Céu.

Graças a Deus pela confissão e perdão. Tenhamos a certeza que tiramos vantagem delas a fim de trazerem bondade e paciência a nosso círculo familiar.

Estou certo que quando crescerdes tereis sempre alegria em terdes obedecido aos vossos pais tementes a Deus, e na eternidade sempre louvareis a Deus pela disciplina dos vossos pais que vos ajudaram a preparar-vos para o Céu.

Eu desejo que todos pudessem compreender quanto os nossos pais e mães nos amam. Eles têm de nos corrigir e educar para sermos obedientes e honestos. Se somente soubéssemos quanto eles nos amam, e como o nosso egoísmo e desobediência os entristecem, faríamos mais do que estamos fazendo para tornarmos os nossos lares os lugares mais felizes da Terra.

Há alguns anos vivia em Nova

Iorque um carpinteiro chamado Bill. Tinha uma esposa amável e uma meiga filhinha chamada Minna. Quando Minna tinha quatro anos, a mãe morreu, deixando Bill sozinho para ganhar a vida e cuidar da pequena Minna. Bill não era bem um cozinheiro. Ele sabia fritar batatas, ovos e fazer uma sopa, mas por causa de Minna aprendeu a cozinhar aveia, vegetais e qualquer outro alimento. Levou-a à escola dominical e ouvia-a fazer as suas orações de manhã e à noite, e à noite e enquanto ela orava o seu coração clamava a Deus: «Senhor, ajuda-me a fazer aquilo que ela precisa!»

Quando Minna tinha seis anos, Bill adoeceu. Foi consultar um médico que lhe disse estar tuberculoso e só poder viver seis meses. Pobre Bill! E não podia suportar o pensamento que devia deixar a pequena Minna. Nem mesmo se achava com força para lhe dizer que não melhoraria mais. E ele não ousava mais beijá-la. Ele disse: «Não, Minna, agora já és uma rapariga crescida. Raparigas como tu não precisam de beijos». Então os lábios da pequena tremiam, os seus olhos se enchiam de lágrimas e ele sentia-se desgraçado.

Foi consultar um outro médico para ter a certeza do seu estado, e quando voltou já não podia ter dúvidas.

«Não está bem que tenha a sua pequena consigo quando está a tossir dessa maneira» disse-lhe a vizinha do lado. «Há muitas pessoas de bem que ficariam contentes de tomar conta dela, se quiser».

Não pregou olho a pensar durante toda a noite, e de manhã pôs o seguinte anúncio no jornal:

«Um homem apenas com alguns meses de vida desejará que pessoas de bem adoptassem sua filhinha de seis anos, olhos azues, caracóis. Exigem-se referências».

No dia seguinte um grande carro parou à porta e um cavalheiro e uma senhora bem postos, com uma menina que lhes pertencia, saíram.

Bill olhou para eles. Eles tinham meios para poderem cuidar

de Minna mas ele não se sentia com forças para a entregar. «Eu fiz outros planos» disse ele com voz trémula, e eles retiraram-se. Outros vieram e foram-se. Bill não podia entregar Minna.

«Deve participar às autoridades», disse a senhora do lado. «Um homem no seu estado não tem o direito de privar uma menina dum bom lar».

Depois num outro dia chegou outro carro. O homem que saiu disse também ser carpinteiro, e os lábios da sua boa esposa tremiam ao explicar: «Acabamos de perder a nossa filhinha há poucas semanas».

No seu coração Bill sabia que estes eram os que podiam amar e cuidar da pequena Minna como sua filha. «Quando é que podemos vir buscá-la?» perguntaram.

«Dêem-me mais um dia», disse Bill. E nesse dia ele lavou as suas roupas, remendou-as, e preparou-lhe a boneca. E nessa noite ele disse-lhe que ela iria com aquelas boas pessoas para uma visita.

E enquanto ela dormia com nervoso infantil a brilhar no seu rosto, Bill olhava-a e pensava na sua tristeza, durante toda a noite.

De manhã o carpinteiro e a esposa vieram outra vez. Eles trouxeram consigo a sombrinha azul da sua filha e Minna estava tão enternecida com ela que nem se voltou para dizer adeus.

Então Bill lentamente voltou para sua casa vazia para esperar a sua hora com seu coração quebrantado e dorido.

Que belo quadro dum pai que ama, dando tudo, sofrendo tudo, por aquela que ele amava. Vossos pais e mães amam-vos dessa maneira. Não quereis agradar-lhes, amá-los e obedecer-lhes cada vez mais e irdes finalmente para o Céu com eles?

Deus também vos ama dessa maneira. «Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que O temem» (lede Sal. 103:13).

Não quereis, vós também, agradar-Lhe, e amá-Lo, e obedecer-Lhe?

(Leitura para Sexta-feira, 11 de Novembro de 1960)

VIVER PARA JESUS FAZ-NOS FELIZES

Um dia entrou no pequeno dispensário na Birmânia uma pobre indiana. Esperou pacientemente enquanto eu atendia vários doentes que estavam à sua frente, começou então, a gritar e a dizer: «Thara, eu quero um remédio forte».

«Quer dizer um preparado para a febre?» perguntei-lhe.

«Oh, não, não, diferente disso. Quero um remédio forte», soluçou ela.

«É para impigens ou para os olhos?» perguntei intrigado.

«Oh, não, não, Thara, não é para isso. Olhe, o meu marido já não me ama, e eu quero um remédio forte para pôr na sua comida a fim de que ele a coma e me torne a amar».

Naturalmente eu não possuía um remédio para tal doença, e a pobre mulherzinha partiu desalentada, mas nunca me esquecerei dela.

Não seria maravilhoso se pudéssemos obter um tal remédio? Então amar-nos-íamos sempre uns aos outros sem disputas nem zangas. Então viveríamos e falaríamos sempre como verdadeiros cristãos, e nada faríamos que desagradasse a Jesus. Se sòmente pudéssemos obter uma garrafa de «poder», num droguista, de maneira a resistirmos sempre à tentação e a conservarmos-nos sem pecado — Oh, sim, se pudéssemos, não desejaríamos também uma garrafa de «poder»?

Pois bem, há um poder como esse — um poder que pode ajudar-vos a viver sempre para Jesus. Não existe em garrafas nos droguistas, mas dir-vos-ei que poder é. É o poder do Espírito Santo.

Jesus chama-O o «Consolador» (I João 16:7). Disse que Ele nos convenceria do pecado e nos guiaria em toda a verdade (I João 16:8, 13). Para Elias Ele tinha o som duma voz mansa e delicada (I Reis 19:12). Isaías disse que Ele era como uma palavra que seus ouvidos ouviam (I Reis 30:21). Este poder é mais forte do que todas as nossas forças e possibilidades (Zac.

4:6), e é por isso que Jesus diz que as coisas que aos homens parecem impossíveis são todas possíveis para Deus (Mat. 19:26).

Esta é a maneira como o poder do Espírito Santo opera:

Uma noite quando eu era missionário na Birmânia, ouvi um tremendo barulho na minha porta traseira.

Levantei-me num ápice da minha secretária, abri a porta, e vi ali o meu professor chefe, Thara Chit Maung, fazendo todo o possível por apartar dois rapazes. Embora os afastasse com os braços, eles continuavam batendo-se e dando ponta-pés um contra o outro.

«Que é que se passa, Chit Maung?» perguntei imediatamente.

«Os rapazes puseram-se à bulha no estudo da noite, Thara, e não pude contê-los», disse Chit Maung extenuado.

Eu olhei e vi que os rapazes eram Ta Wa e Mg Sein. Ta Wa havia sido baptizado dois anos antes e era um bom cristão. Mg Sein acabava de entrar na classe baptismal. Ele também era um rapaz firme. Senti-me escandalizado e disse: «Chit Maung, e Mg Sein esperem aqui até que eu fale com Ta Wa?»

Então levei Ta Wa ao meu escritório e disse-lhe «Como principiou isso, Ta Wa?»

«Mg Sein levantou-se», disse ele, «e a sua sombrá tapava-me o livro e não podia ver. Tinha um alfinete na minha mão e piquei-o. Então ele bateu-me na cabeça. Em seguida bati-lhe. Depois, Oh Thara, foi o diabo. Ouvi a sua instigação. E...»

«Tu és um cristão», interrompi. «Foste baptizado há dois anos. Que exemplo para Mg Sein que acaba de entrar na classe baptismal».

«Eu sei, Thara! Eu sei. Sinto-me tão envergonhado. Se sòmente tivesse pensado, ter-lhe-ia pedido delicadamente que não me tirasse a luz, mas piquei-o. Eu é que principiei, Thara. Sou eu o culpado».

«Visto que foste tu que come-

caste, Ta Wa», respondi-lhe, «não quererás dizer que és tu o primeiro a sentir pena?» e o primeiro a pedir perdão?

«Sim, Thara, eu o farei», disse-me comovidamente.

Então chamei Mg Sein enquanto Ta Wa ficou esperando com Chit Maung.

«Mg Sein», comecei, «tu acabas de entrar para a classe baptismal. Esperas vencer o diabo, mas não pudeste vencer uma pequena picadela de alfinete».

«Eu sei, Thara», exclamou Mg Sein triste e envergonhado. «Fui eu o culpado. Eu devia em primeiro lugar ver onde estava. Fui eu o culpado. Eu é que comecei».

«Então, Mg Sein», respondi eu, «visto que foste tu que comeceste, não quererás dizer que és tu o primeiro a sentir pena?» e o primeiro a pedir perdão?»

«Sim, Thara, eu o farei, eu o farei», respondeu.

Assim fiz entrar Ta Wa, e deilhes uma oportunidade a cada um de dizer: «Eu sinto pena», *primeiramente*.

Eles olhavam um para o outro. Mas as palavras não podiam sair. Viu-os engolir em seco, apertar as mãos, e abrir a boca, mas as palavras não saiam. Olhei para Ta Wa, e inclinou a cabeça porque sabia o que eu queria dizer. Olhei para Mg Sein, e ele inclinou a cabeça, porque ele também sabia o que eu queria dizer. Vi o suor a borbulhar-lhes nas testas ao lutarem para dizer: «Sinto muito». Oh, que batalha se travava. Estendi as mãos e com uma segurei a de Ta Wa e com a outra a de Mg Sein. Eu senti que ambos estremeçiam.

«Sou...» começou Ta Wa, hesitantemente.

«Não... eu tenho pena», balbuciou Mg Sein. «Fui eu o culpado».

«Não... fui eu o culpado, perdoa-me».

«Não, não! perdoa-me!»

«Mas fui eu o culpado, perdoa-me».

«Não, não foste; eu é que fui o culpado, perdoa-me», disseram ambos ao mesmo tempo.

Os seus corações abrandaram, as lágrimas saltavam dos olhos, inclinavam as cabeças para concederem o perdão que não podiam falar. Pusemo-nos de joelhos e dissemos ao Senhor tudo o que se passara e pedimos que lhes perdoasse também, e os fizesse fortes para o futuro. Num momento secaram-se as lágrimas, os seus rostos radiavam a mais feliz alegria, e com os braços sobre os ombros um do outro partiram sorridentes para o estudo da noite.

Foi o Espírito Santo que lhes deu poder para o arrependimento e confissão. Só o Espírito Santo nos pode ajudar a viver para Jesus e viver como Jesus.

Agora dir-vos-ei como podeis obter este poder. Não o podeis comprar! É grátis, mas Deus não vô-lo dá até que lh'o peça. Eis por que Jesus diz: «Pedi, e dar-se-vos-á». Deus está mais desejoso de nos dar o Espírito Santo de que nossos pais em dar-nos o alimento, mas temos que lh'o pedir (lede Luc. 11:9-13).

Um dia esperava por um carro eléctrico na estação. Quando o carro chegou, tinha que ser mudada a direcção, e assim o guarda-freio fechou a porta da extremidade onde estava, pegou na caixa do registo, levou-a para a outra extremidade, colocou-a no seu lugar, abriu a porta daquele lado, saiu do carro e puxou o trolley para baixo. Mas nesse momento alguém falou com ele e esqueceu-se de levantar o trolley do outro lado. Todos entrámos, tirou os bilhetes, olhou para o relógio, pisou a sineta — «cling, cling» — e manejou a manivela. Mas nada. Tornou a deslocar o manípulo, mas nós continuávamos parados. Então de repente lembrou-se. Ele dirigiu-se para a outra extremidade do carro, levantou o trolley e viu bem se o tinha posto em contacto com o fio eléctrico. Então tocou a sineta — «cling, cling» — voltou o manípulo e partimos.

Havia abundante poder em cima e o eléctrico estava em perfeita condição, mas tinha sido neces-

sário pô-lo em contacto com o poder de cima antes que pudesse andar. Há abundante poder para nós sermos puros, bondosos e verdadeiros, mas temos que o pedir; temos que nos levantar e pormo-nos em contacto com ele.

E agora desejo dizer-vos onde o Espírito Santo quer viver. Ele quer viver justamente nos vossos corações (lede I Cor. 6:19, 20). Deus quer que nós conservemos os nossos corpos limpos e puros pelos pensamentos que pensamos, palavras que falamos, e coisas que comemos e bebemos, de maneira que o Espírito Santo se agrade em habitar em nós. Se entrardes num quarto escuro, não podeis ver se está limpo ou sujo. Se aí houver jornais espalhados no chão, não podeis vê-los sem uma luz. Se acenderdes uma vela podeis ver se há outras coisas espalhadas em volta, mas se acenderdes uma luz eléctrica forte podeis mesmo ver se há pó sobre a mesa. Quanto mais perto estivermos de Jesus mais defeitos veremos nas nossas vidas, mas quanto mais deixarmos Jesus purificar as nossas vidas mais semelhantes a Ele nos tornaremos e maior poder será o nosso.

Um imundo e preguiçoso velho eremita vivia numa cabana num sítio pouco acessível na vertente dum monte. Um dia estando assentado entre as ervas, ouviu passos, e eis que o rei vindo da cidade situada num vale encontrava-se em frente da sua cabana, admirando as montanhas majestosas através do vale. Depois de muito tempo ele exclamou: «Não são elas lindas?» Então vendo o eremita disse-lhe: «Amigo eremita, posso voltar para do seu jardim contemplar estas majestosas montanhas? O cenário é tão grandioso que me faz sentir um melhor homem». O pobre eremita estava tão envergonhado com a sua imundície e as ervas em volta que não pôde falar, e enquanto inclinava a cabeça o rei foi-se embora.

«Mas ele virá outra vez», disse o eremita. «Tenho que me aprontar». Assim cortou as ervas e reparou o velho banco que estava quebrado. E o rei tornou a vir e assentou-se no banco para admirar os montes. «Amigo eremita, posso

beber um copo d'água?» perguntou o rei. Pobre eremita! O seu copo estava sujo e o balde vazio, a nascente estava coberta de ervas, e enquanto ele procurava limpar o copo, o rei retirou-se.

«Mas ele virá outra vez», disse o eremita, «e tenho que me despachar». Assim limpou a nascente, encheu o balde, fez uma mesa e tinha sempre a água pronta todos os dias. E o rei veio outra vez. Sentou-se no banco, bebeu a água e depois disse: «Amigo eremita, estou tão cansado. Podia arranjar-me de comer?» Pobre eremita preguiçoso. Ele só tinha para comer algumas uvas meio-podres, e enquanto lavava as mãos angustiado, o rei foi-se.

«Mas ele virá outra vez», disse o eremita. Assim cortou alguma lenha e vendeu-a para comprar farinha e cozer alguns bolos, todos os dias. Limpou de ervas o jardim e regou-o. Reparou como estavam imundas as suas roupas, e assim vendeu mais lenha, comprou novas roupas, e todos os dias se banhava e esperava. O rei veio outra vez. Assentou-se no banco, bebeu água, comeu os bolos e depois disse: «Amigo eremita, os montes são tão lindos e eu quero ficar para ver daqui o pôr-do-sol. Deixe-me dormir aqui esta noite, para que possa ver também o nascer-do-sol». Pobre eremita. Ele não se atrevia a dizer ao rei que dormia no chão sobre uns sacos. E enquanto pendia a cabeça com vergonha, o rei foi-se embora outra vez.

«Mas ele virá outra vez», disse o eremita, «e tenho que me despachar». Assim construiu uma pequena varanda e uma cama confortável, e comprou um bom cobertor, e quando o rei voltou, entrou, ceou e habitou com ele.

Prezados rapazes e meninas, o nosso Pai virá outra vez, e eu quero estar preparado, não quereis vós também? Oraremos hoje para podermos arrancar as ervas máis do jardim dos nossos corações, para confessar os nossos pecados e purificar as nossas vidas, para que possamos viver todos os dias para Jesus e encontrarmo-nos preparados quando o nosso Rei vier.